UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

Juliana de Almeida Evangelista Barone

# CURSO DE VIDA:
# a transversalidade da violência na configuração da situação de rua

Belo Horizonte - MG
2023

Juliana de Almeida Evangelista Barone

# CURSO DE VIDA:
## a transversalidade da violência na configuração da situação de rua

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Bráulio Figueiredo Alves da Silva

Belo Horizonte - MG

2023

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de registrar meus agradecimentos para àqueles que colaboraram para a realização deste trabalho:

À Deus, por até aqui ter me sustentado; À minha família pelo apoio, cuidado e incentivo. Ao meu namorado Gustavo Gomes e sua família pelo incentivo e apoio.

À UFMG e seus professores pelos ensinamentos.

Ao Braulio, meu orientador, pela acolhida e orientações. Vivemos um momento muito difícil de incertezas e insegurança provocados pela pandemia Covid-19. Tivemos que nos readaptar, e o Braulio sempre foi muito compreensivo e trouxe leveza, objetividade e clareza nas orientações, o que me possibilitou chegar até a conclusão desse sonho. Também gostaria de registrar meus agradecimentos à FAPEMIG, pois essa dissertação contou com o projeto *Trajetórias e narrativas de adolescentes: efeitos deletérios no curso de vida e a resposta infracional* coordenado pelo professor Bráulio Figueiredo Alves da Silva, que obteve financiamento da FAPEMIG, Processo APQ-02325-18.

Às pessoas em situação de rua que aceitaram participar da pesquisa pela confiança e disponibilidade em conceder seu tempo e dizer sobre suas trajetórias. Às pessoas em situação de rua que eu atendia em Pará de Minas, que me levaram a indagar e me interessar pela temática. À Secretaria de Assistência Social e Direitos Humanos de Pará de Minas, em especial ao Secretário Flávio Medina, pela possibilidade de flexibilização do meu horário de trabalho para poder participar das aulas. À coordenadora Nádia Nogueira pelo incentivo.

À Secretaria de Desenvolvimento Social, Trabalho e Segurança Alimentar de Contagem pela possibilidade de flexibilização do horário de trabalho para participar das aulas e disponibilização dos dados do Censo Pop Rua municipal. Em especial, gostaria de agradecer à Michele Caldeira, subsecretária de Assistência Social, que sempre me incentivou e me fortaleceu nessa caminhada. À Daniela Tiffany, secretária de Desenvolvimento Social, Trabalho e Segurança Alimentar. Ao Gilmar Moura, Diretor de Gestão do SUAS. À equipe da Gerência de Vigilância Socioassistencial, e aos seus gerentes anteriores ao Becker Araújo e ao Leandro Carvalho. À equipe da Gerência de Gestão do Trabalho, que eu coordeno e que me apoiou, especialmente ao Gabriel Medina, Evaldirene Faria e Wellington Ribeiro.

Agradeço a todos vocês por terem me dado força e coragem para concluir esse sonho!

## RESUMO

Algumas estimativas do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada apontam um crescimento expressivo de pessoas que vivenciam a situação de rua no Brasil. Neste estudo, utilizamos a teoria do curso de vida que busca analisar como um acontecimento familiar, econômico, social, entre outros vivenciados pelos sujeitos modificam suas probabilidades de produzirem outros eventos em sua existência. A partir desse referencial teórico, buscamos estruturar a dissertação no sentido de responder a seguinte pergunta: quais as possíveis relações estabelecidas entre a trajetória de rua e trajetórias relacionadas à violência e à criminalidade? Para tanto, apresenta-se como objetivos:1) Identificar os processos de configuração da trajetória de rua e de trajetória criminal de indivíduos; 2) Construir a tipologia dos processos que levaram as pessoas a situação de rua e avaliar como o crime surge nesse contexto como ato praticado pela pessoa; 3) Demonstrar as violências exercidas sobre esse grupo, seja como um evento sofrido por ela, seja como um rótulo dado pelos representantes do Estado. Foi utilizada a pesquisa qualitativa para o alcance dos objetivos propostos. Os dados primários foram coletados por meio da realização de entrevistas semiestruturadas individuais a 10 pessoas em situação de rua, presencialmente no município de Contagem. A análise e interpretação dos dados foram baseadas no método da análise de conteúdo de Laurence Bardin. Diante dos resultados obtidos pela pesquisa é possível aferir que o processo de configuração da situação de rua contém reflexos de uma estrutura permeada pelos marcadores de desigualdade social como a raça, gênero e classe, que acarreta numa divisão racial dos espaços e incide principalmente na vida da população negra e pobre por meio de atravessamentos racistas, machistas e aporofóbicos. Consequentemente, se revela o caráter da transversalidade da violência que compõe as trajetórias de vida de quem utiliza dos espaços públicos para moradia e sobrevivência.



Palavras-chave: situação de rua, curso de vida, trajetória, violências.

## ABSTRACT

Some estimates by the Institute for Applied Economic Research point to a significant increase in the number of homeless people in Brazil. In this study, we used the life course theory that seeks to analyze how a family, economic, social event, among others experienced by the subjects, modifies their probabilities of producing other events in their existence. Based on this theoretical framework, we sought to structure the dissertation in order to answer the following question: what are the possible relationships established between the street trajectory and trajectories related to violence and crime? Therefore, the following objectives are presented: 1) To identify the configuration processes of the street trajectory and criminal trajectory of individuals; 2) Build the typology of the processes that led people to the street situation and evaluate how the crime appears in this context as an act practiced by the person; 3) Demonstrate the violence exercised against this group, either as an event suffered by it, or as a label given by representatives of the State. Qualitative research was used to achieve the proposed objectives. Primary data were collected through individual semi-structured interviews with 10 homeless people, in person in the municipality of Contagem. Data analysis and interpretation were based on Laurence Bardin's content analysis method. In view of the results obtained by the research, it is possible to verify that the configuration process of the street situation contains reflections of a structure permeated by markers of social inequality such as race, gender and class, which leads to a racial division of spaces and affects mainly the life of the black and poor population through racist, sexist and apophobic crossings. Consequently, the character of the transversality of violence that makes up the life trajectories of those who use public spaces for housing and survival is revealed.

Keywords: homelessness, course of life, trajectory, violence.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Desenvolvimento de uma análise
Figura 2 - Unidades públicas mais acessadas pelos entrevistados
Figura 3: Tipologia das violências e vulnerabilidades identificadas

Gráfico 1 - Sexo dos entrevistados no 1º Censo População em situação de rua de Contagem

Quadro 1- Principais motivos que configuraram a ida para as ruas
Quadro 2 - Concepções sobre o mangueio
Quadro 3: Tipos de serviços mais acessados pelos entrevistados
Quadro 4: Violências
Quadro 5: Drogas como mecanismo de embutamento/ tamponamento dos sofrimentos
Quadro 6: algumas percepções dos entrevistados sobre o uso abusivo de drogas
Quadro 7: O inesperado – a espiritualidade como um elemento
Quadro 8: Motivações de iniciação na criminalidade
Quadro 9: Tipos de crime e tempo de prisão
Quadro 10: Pequenos delitos
Quadro 11: Prisão: percepções entre o mundo de dentro e o mundo de fora
Quadro 12: Percepções sobre o estigma

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Cor/raça da população em situação de rua: Brasil, Minas Gerais e Contagem.....p. 16
Tabela 2 - Faixa etária - população em situação de rua: Brasil, Minas Gerais e Contagem ..... p. 17
Tabela 3 – Grau de instrução - população em situação de rua/ Brasil, Minas Gerais, Contagem ..... p. 18
Tabela 4 - Faixa da renda familiar per capita- população em situação de rua/ Brasil, Minas Gerais, Contagem..... p. 18
Tabela 5 - Distribuição de entrevistados por regional em Contagem .....p. 20
Tabela 6 - Cor/ raça os entrevistados no 1º Censo População em situação de rua de Contagem.....p.22
Tabela 7 - Faixa etária os entrevistados no 1º Censo População em situação de rua de Contagem .....p.22
Tabela 8 - Situação profissional dos entrevistados no 1º Censo População em situação de rua de Contagem ..... p.23
Tabela 9 - Tempo de permanência em situação de rua dos entrevistados no 1º Censo População em situação de rua de Contagem..... p. 24
Tabela 10 - Motivo para estar vivendo nas ruas elencados pelos entrevistados no 1º Censo População em situação de rua de Contagem..... p. 25
Tabela 11- Como o poder público poderia contribuir para a saída das ruas - resposta dos entrevistados pelo 1º Censo População em situação de rua de Contagem.....p.27
Tabela 12- Resultado do modelo multivariado de falta de moradia e encarceramento..... p. 36
Tabela 13- Modelo multivariado de falta de moradia e encarceramento: relação entre comportamentos e eventos adversos..... p.37
Tabela 14 - Caracterização dos entrevistados.....p. 64

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|---|---|
| BPC | Benefício de Prestação Continuada |
| Cad-único | Cadastro Único |
| CAPS | Centro de Atenção Psicossocial |
| CAPS AD | Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Outras Drogas |
| CECAD | Consulta, seleção e extração de informações do Cad-único |
| Centro Pop de Rua | Centro de Referência Especializado para População em Situação |
| CPB | Código Penal Brasileiro |
| EJA | Educação de Jovens e Adultos |
| ENEM | Exame Nacional do Ensino Médio |
| LOAS | Lei Orgânica da Assistência Social |
| PAB | Programa Auxílio Brasil |
| PNAD | Pesquisa Nacional por Amostra à Domicílio |
| SAMU | Serviço de Atendimento Móvel de Urgência |
| SUAS | Sistema Único de Assistência Social |
| TCLE | Termo de Consentimento Livre e Esclarecido |
| TOC | Transtorno Obsessivo-Compulsivo |
| UPA | Unidade de Pronto Atendimento |

## SUMÁRIO

**1 INTRODUÇÃO** ..... 1

**2 POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA: conceitos, perfis, narrativas e vivências** ..... 5

2.1 Perfil da população em situação de rua: do Brasil à Contagem/ MG ..... 12

2.2 Constituição de narrativas e vivências na rua ..... 29

**3 CRIMINALIDADE E CRIMINALIZAÇÃO DA SITUÇÃO DE RUA** ..... 34

**4 ESTIGMA** ..... 40

**5 TEORIA DO CURSO DE VIDA** ..... 46

**6 METODOLOGIA** ..... 53

**7 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS** ..... 60

7.1 Caracterização dos entrevistados ..... 64

7.2 Caraterização dos entrevistados numa perspectiva do curso de vida: Breve contextualização acerca das trajetórias dos entrevistados ..... 69

7.3 Processos de configuração da situação de rua ..... 76

7.4 A vivência nas ruas ..... 80

7.5 Violências ..... 88

7.6 O uso abusivo de drogas ..... 91

7.7 O elemento inesperado – a espiritualidade ..... 95

7.8 Configuração da inserção na criminalidade ..... 98

7.9 Prisão: percepções entre o mundo de dentro e o mundo de fora ..... 102

7.10 A intersecção das trajetórias: o estigma ..... 104

**8 CONSIDERAÇÕES FINAIS** ..... 108

**REFERÊNCIAS** ..... 111

**APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO** ..... 119

**APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA** .....122

## 1 INTRODUÇÃO

A conceituação acerca da população considerada pela Política Nacional para População em Situação de Rua traz como definição que a população em situação de rua se configura como um grupo heterogêneo, possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados. Além do que, é um grupo que não tem moradia convencional regular, utilizando os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente. Pode também fazer uso de unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória (Brasil,2009a).

Essa caracterização sobre a população em situação de rua se mostra fundamental para a pesquisa tendo em vista que se procura com a teoria do curso de vida a correlação entre indivíduos e contexto social. Nessa perspectiva é importante lembrar que Blanco (2011) acentua que a perspectiva do curso de vida possui como eixo central a abordagem sobre como os eventos históricos e mudanças econômicas, demográficas, sociais e culturais configuram as vidas individuais e os grupos populacionais.

Cabe ressaltar a historicidade do próprio conceito sobre a população em situação de rua. Ao compreender esse grupo populacional como heterogêneo significa dizer de uma diversidade em suas trajetórias de vida e em seu perfil. Nesse sentido, entender as transições que estão implicadas nas trajetórias se mostra muito relevante. Isto permitirá compreender “cómo un acontecimiento familiar, económico o de otro tipo que enfrenta un individuo modificará la probabilidad de que se produzcan otros eventos en su existencia” (Courgeau y Leliévre, 2001: 15 *apud* Blanco, 2011, p. 6).

É importante mencionar que o aumento da população em situação de rua tem se agravado cada vez mais no tempo. A última estimativa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, demonstrou que existem, aproximadamente, 281.472 pessoas em situação de rua no Brasil. Foi observado que no período de 2019 a 2022 houve o crescimento de 38% da população em situação de rua e, compreendendo o período decenal de 2012 a 2022, o crescimento foi de 211% (Natalino, 2022). Cabe a ressalva que possuem muitas situações de casos de

subnotificação, além do que falta pesquisas censitárias que contribuam na contabilização desse segmento populacional (Natalino, 2022).

Embora exista na literatura especializada estudos que buscam compreender e descrever o perfil dessa população (Brasil, 2009b; Farias, 2016; Pimenta, 2019, Robaina; 2015), poucos trabalhos visam compreender o fenômeno da trajetória que levou indivíduos à situação de rua na interseção com trajetórias relacionadas à violência e à criminalidade. Assim, esta pesquisa visa responder a seguinte pergunta: quais as possíveis relações estabelecidas entre a trajetória de rua e trajetórias relacionadas à violência e à criminalidade? Para tanto, apresenta-se como objetivos específicos: 1) Identificar os processos de configuração da trajetória de rua e de trajetória criminal de indivíduos; 2) Construir a tipologia dos processos que levaram as pessoas a situação de rua e avaliar como o crime surge nesse contexto como ato praticado pela pessoa; 3) Demonstrar as violências exercidas sobre esse grupo, seja como um evento sofrido por ela, seja como um rótulo dado pelos representantes do Estado.

Ressalta-se que estudos que versam sobre as trajetórias de rua e criminalidade são escassos e incipientes no Brasil, bem como no contexto internacional (Prather, 2010; Karam, 2015; Melo *et al*., 2018). Por este motivo, pesquisas que direcionam o olhar acerca da correlação entre estas variáveis se mostram promissoras para poder auxiliar o poder público na implementação de políticas públicas.

Cabe dizer que, não se pretende com esta pesquisa apresentar uma perspectiva reducionista acerca da questão, mas sim abarcar a multidimensionalidade e multicausalidade que a envolve. Nessa direção, a pesquisa apresenta oito capítulos para tratar a temática. Sendo o primeiro esta introdução.

O segundo capítulo abordará sobre *A população em situação de rua: conceitos, perfis, narrativas e vivências,* e está dividido em duas subseções. Inicialmente o capítulo tratará sobre a problematização do fenômeno da situação de rua, seu resgate histórico no cenário brasileiro e sua inscrição na sociedade capitalista como uma expressão da questão social. Também discutirá sobre a multidimensionalidade e multicausalidade da ida e permanência para as ruas, bem como os fatores estruturais e biográficos nele implicados. Portanto, apresentará um panorama geral sobre a população em situação de rua.

A primeira subseção do segundo capítulo tratará sobre o *Perfil da população em situação de rua: do Brasil à Contagem/ MG.* Primeiramente será feita uma problematização sobre as bases de dados que garantam um diagnóstico atualizado dessa população, especialmente no cenário brasileiro. Posteriormente, numa perspectiva histórica, será apresentado alguns dados da Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua realizada entre 2007 e 2008.

Em seguida, será abordado sobre a ferramenta do governo federal de Consulta, seleção e extração de informações do Cad-único (CECAD), analisando algumas variáveis correlacionando-as com a situação de rua. Por fim, será apresentado e discutido os dados do 1º Censo da População em Situação de Rua em Contagem, na qual foram entrevistadas 349 pessoas em situação de rua, por agentes públicos da Prefeitura Municipal de Contagem. A discussão perpassará pela caracterização da população de rua numa perspectiva de interseccionalidade e consubstancialidade, pelas motivações de ida e permanência nas ruas, e a ação do poder público frente a essa questão.

A segunda subseção do segundo capítulo tratará sobre a *Constituição de narrativas e vivências na rua.* Se abordará sobre a constituição de narrativas e vivências na rua, compreendendo os modos de viver e estratégias de sobrevivência utilizadas pelas pessoas em situação de rua. Constituirá na caracterização da rua como parte de um processo de subjetivação dos indivíduos que a utilizam como espaço de moradia e sobrevivência. Será dado enfoque a capacidade “de agência” da população em situação de rua. E, abordará sobre as violências como ato praticado e sofrido pelas pessoas em situação de rua.

Já o terceiro capítulo tratará sobre a *Criminalidade e criminalização da situação de rua.* Será dado ênfase aos fatores estruturais e biográficos que perpassam por essa temática, que se apresenta como multidimensional e multicausal, como já previamente apresentado no capítulo anterior. Será problematizado as respostas do Estado para o fenômeno, que muitas das vezes, incorre em processos de criminalização das pessoas em situação de rua, diante de um processo de estigmatização. Serão apresentados alguns estudos que trazem a correlação entre encarceramento e situação de rua, tendo em vista que pesquisas nesse campo são escassas e incipientes.

Considerando que o “Estigma” surge nos capítulos anteriores, o quarto capítulo trará de forma aprofundada sobre esse conceito, bem como abordará os principais processos de estigmatização da população em situação de rua. Transcorrerá sobre o reforço do estigma pelas instituições públicas e as ações do Estado. Versará sobre as barreiras que o estigma impõe às pessoas em situação de rua. E por fim, abordará sobre o conceito de carreira moral e o modo como o estigma impacta na produção de narrativas biográficas.

Compreender esse impacto na produção de narrativas é de suma relevância para o estudo biográfico. Nessa perspectiva, o quinto capítulo elucidará a Teoria do Curso de Vida, sua conceituação, eixos centrais, enfoques e princípios. Entendendo essa teoria como fundamento teórico, mas também como metodologia de pesquisa, o sexto capítulo tratará sobre a Metodologia adotada, ou seja, o caminho percorrido para alcançar os objetivos aqui propostos. Na sequência o sétimo capítulo descreverá sobre a análise e a interpretação dos dados utilizada. Por fim, o último capítulo apresentará as considerações finais.

## 2 POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA: conceitos, perfis, narrativas e vivências

O fenômeno da situação de rua possui em seu resgate histórico a relação com o processo de industrialização e urbanização provocado pelo avanço do capitalismo, sendo a metade do século XX um momento significativo em função do êxodo rural (Karam, 2015; Nobre *et al.*, 2018; Sicari, Zanella, 2018; Sousa, Macedo, 2019). Logo, podemos afirmar que "a existência de pessoas que vivem nas ruas marca a sociedade brasileira desde a formação das suas primeiras cidades" (Dias *et al*., 2015, p. 215).

Cabe ressaltar que no Brasil, o surgimento da população em situação de rua está extremamente atrelado com período da escravidão. Karam (2015), sinaliza como marco a Lei dos Sexagenários, que atribuía liberdade as pessoas escravizadas após completarem os 60 anos de idade. Entretanto, sem nenhum aparato para manutenção de sobrevivência, o que fez com que a Lei beneficiasse mais a elite brasileira ao isentarem de uma responsabilidade de cuidados com aqueles escravizados que chegassem à idade mais avançada. Embora findada a escravidão, ainda prosseguiu com o tratamento desigual em relação ao negro:

> No Brasil, sem acesso a terra e sem qualquer tipo de indenização por tanto tempo de trabalhos forçados, geralmente analfabetos, vítimas de todo tipo de preconceito, muitos ex-escravos permaneceram nas fazendas em que trabalhavam, vendendo seu trabalho em troca da sobrevivência. Aos negros que migraram para as cidades, só restaram os subempregos, a economia formal e o artesanato. Com isto, aumentou de modo significativo o número de ambulantes, empregadas domésticas, quitandeiras sem qualquer tipo de assistência e garantia; muitas ex-escravas eram tratadas como prostitutas. Os negros que não moravam nas ruas, passaram a morar, quando muito, em míseros cortiços (Aguiar, 2011 *apud* Karam, 2015, p.186).

De um lado, a elite brasileira foi beneficiada com o fim da escravidão, recebendo indenizações (Brito *et al.,* 2022). Por outro lado, os ex-escravizados além de não contarem com recursos do Estado para garantia de sua sobrevivência, ainda se viu cercado por um Estado opressor e que os criminalizava. Deste modo, "em 1890, o indivíduo que habitava as ruas era considerado perigoso, mendigo, vadio, denotando, assim, a concepção de uma sociedade preconceituosa e excludente, rígida e hierárquica" (Reis,2008, p. 37 *apud* Karam, 2015, p.187). Para exercício de

controle o Estado valeu-se de instrumentos normativos que criminalizava o pobre, e sobretudo o negro, como pode ser observado na explicitação abaixo:

> Com o fim da escravidão, as ruas se tornaram cheias de libertos sem ocupação. Esses grupos sociais desprovidos de poder e considerados sem significação era alvos preferenciais dos aparatos de controle, rotulação e reclusão. A vadiagem era matéria do Código Criminal do Império e continuou a ser na Lei das Contravenções Penais de 1941 (Reis, 2008, p. 38 *apud* Karam, 2015, p. 187).

Nesse sentido, é possível notar que o cerne do fenômeno da situação de rua no Estado Brasileiro, fortemente, se remete à formação sócio-histórica do país, aos sentidos e heranças provocados pelo processo de colonização e escravidão, com a ênfase na constituição de um excedente que é anterior ao próprio desenvolvimento do capitalismo brasileiro, mas que é aprofundado por seu desenvolvimento, devido a sua característica de tardio e dependente (Sousa, Macedo, 2019). Nesta direção, podemos acentuar que o fenômeno da população em situação de rua, desde seu surgimento, pode ser percebido como uma expressão da questão social e envolta de um processo de marginalização (Karam,2015; Sousa, Macedo, 2019). Isto ocorre, pois, como nos alerta Bauman (2005) citado por Dias (2015) - o fenômeno da situação de rua é intencional na lógica de funcionamento do sistema capitalista que atua na perspectiva de produção de excesso, em especial de resíduos humanos. Um paralelo que se pode fazer com o que Marx[1] denomina como exército industrial de reserva.

Nesse cenário, observa-se que o processo de acumulação do capital é fator determinante de produção da acumulação da miséria (Sousa, Macedo, 2019). Compreender o fenômeno da situação de rua nessa perspectiva é entender que a população que utiliza dos espaços públicos para moradia e sobrevivência está inserida nas estruturas sociais de classe e de poder. Desconsiderar isso, faria recair na invisibilização, acarretando numa visão marginalizada e despolitizada da condição em que se encontram (Lanfranchi *et al*., 2019).

Ao analisar o fenômeno da situação de rua enquanto expressão da Questão Social, é importante destacar o estudo de Sousa e Macedo (2019). Eles se propuseram a discutir como o fenômeno da situação de rua encontra na “questão

[1] No capítulo 23 de O Capital- do livro 1, Marx aborda sobre o conceito de exército industrial de reserva.

social” suas raízes estruturais. Para tanto, abordaram que o conceito de questão social pode ser considerado um conceito reflexivo e abstrato, sendo possível de se observar na realidade social as suas formas de manifestações como pauperização, exclusão, desigualdades sociais, violência, analfabetismo, trabalho infantil, desemprego, situação de rua, fome, entre outros (Sousa, Macedo, 2019).

Nesta direção, cabe salientar a importância de se ter uma visão de totalidade acerca do fenômeno tratando a situação de modo a não restringi-la no âmbito individual. Pois, tratar a individualização da “questão social” ao restringi-la ao âmbito da responsabilidade individual incide num processo de naturalização do fenômeno e com isso provoca um esvaziamento do potencial crítico de análise (Sousa, Macedo, 2019). Nesta perspectiva, Sicari e Zanella (2018) citando Rodrigues (2015) relacionam a ideia da escolha individual de estar nas ruas como uma expressão do “mito da escolha masoquista”.

De modo complementar, Rodrigues, 2015 e Sicari e Zanella (2018) afirmam que esta ideia da ida e permanência nas ruas como uma escolha individual corresponde a um processo atrelado ao neoliberalismo. Consequentemente, evoca a promoção de uma inversão entre a ideia de necessidade para a de escolha, em que é alterada a angulação de necessidade e sofrimento em escolha individual em habitar as ruas. Daí vem a famosa frase “está na rua porque quer”. Assim sendo, a miserabilidade e indulgências sociais não são vistas como parte estruturante da sociedade capitalista, mas mediante uma culpabilização do indivíduo que recobre que esta situação vivenciada por ele é produzida na relação de contradição capital e trabalho. Nessa lógica, é atribuída uma culpa à pessoa em situação de rua não só pela sua própria condição, mas também por problemas coletivos, como a violência, o tráfico, a degradação urbana e outras adversidades.

> O mecanismo ideológico de produção deste discurso é transformação da necessidade e do sofrimento em escolha, algo ligado à vontade e ao esforço do indivíduo, no qual a miséria não aparece como adereço das indigências fabricadas por estruturas societárias – a sociedade transfere assim, a culpa e a responsabilidade para o indivíduo: o fracasso é pensado em termos individuais, proveniente da falta de vontade ou incompetência e, mais que isso, como um “bode expiatório”, o morador de rua também é culpado pelos infortúnios coletivos, como a violência, a degradação urbana, o crime e as drogas (Rodrigues, 2015, p. 80).

Por essa perspectiva conservadora, as expressões da “questão social” (pauperismo, desigualdades sociais, analfabetismo, desemprego, violência, situação de rua), podem ser transmitidas por uma ótica de naturalidade e irreversibilidade, visto que traçam uma fatalidade indispensável ao desenvolvimento do capitalismo, deixando assim de ser vista como uma questão política (Sousa, Macedo, 2019). Nesta lógica, “as respostas para tais “problemas” se limitariam a oferecer ações filantrópicas, ficando os sujeitos entregues à própria sorte, sob o julgo do discurso meritocrático, moralizador, repressivo e higienista” (Ianni, 1992; Silva, 2006; Sposati, 1995 *apud* Sousa, Macedo, 2019, p.5).

Assim, ao se estudar sobre a população em situação de rua é preciso se ter o entendimento que se trata de um fenômeno de ordem multidimensional (Sousa, Macedo, 2019; Lanfranchi *et al*., 2019). De modo complementar, Silva (2006) citado por Sousa e Macedo (2019) apresentam três conjuntos de fatores interligados e interrelacionados que compreendem a dimensionalidade do fenômeno:

> Silva (2006) aponta três conjuntos de fatores que compõem e alimentam a questão: os fatores estruturais (mutações no mundo do capital e no papel do Estado e suas repercussões ao mundo do trabalho, ausência de moradia); fatores biográficos (relacionado com as histórias de vida e trajetórias individuais, como fragilidades e rompimentos nos vínculos familiares, transtornos mentais, uso abusivo de álcool e outras drogas, perdas); fatores de natureza ou desastres de massas (terremotos, enchentes etc.) (Sousa, Macedo, 2019, p.3).

Estes fatores estruturais, biográficos e de natureza ou desastres de massa devem ser observados pelo prisma das interações sociais estabelecidas no contexto da sociedade capitalista. Atendo-se ao fato de que para além da multidimensionalidade, o fenômeno carrega outra característica muito importante - a heterogeneidade. De acordo com Sicari e Zanella (2018), a heterogeneidade se apresenta tanto como um aspecto principal do grupo populacional em situação de rua quanto de seus diversos modos de viver.

Cabe lembrar que as questões multifatoriais que motivam a situação de rua podem decorrer de maneira gradual e processual, resultando na ocupação da rua de forma permanente (Sicari, Zanella, 2018). Segundo Pimenta (2019), a condição de rua requer um olhar voltado à historicidade e complexidade dos processos que culminaram na situação de rua, considerando os fatores multicausais. Processos,

que estão intrinsecamente interligados às rupturas nas dimensões afetivas, familiar, social e profissional.

De forma complementar, Nobre et al (2018) afirmam que a situação de rua procede de um fato marcante, de uma ruptura que resulta na desvinculação das dimensões relacionadas à família, ao trabalho e às representações culturais da cidadania, que caracterizam a exclusão social. Nesta perspectiva, é importante destacar que a trajetória de vida nas ruas representa uma série de situações extremas de ruptura de relações familiares e afetivas, que implica num conjunto de perdas de bens e valores objetivos e simbólicos (Lanfranchi *et al.*, 2019).

Outro aspecto que não pode ser deixado de ser considerado ao se abordar sobre a população em situação de rua é a relação com a cidade. Para Gomes (2006) citado tanto por Sicari e Zanella, 2019 quanto por Kunz et al, 2014, pensar sobre as pessoas em situação de rua é necessariamente pensar a cidade e o habitar as ruas. Nessa perspectiva, a presença de uma população em situação de rua, no Brasil e em outros países, convoca a pensar a cidade, nas suas dinâmicas, enquanto palco de conflitos urbanos contemporâneos, mas também as nossas relações cotidianas nela e com ela (Nobre *et al,* 2018, p. 7).

Segundo Pimenta (2019) citando Magni (2006), a população em situação de rua ao ocupar os espaços públicos como apropriação do espaço público como domicílio corrompe a ordem de classificação público e privado, ocasionando numa certa subversão da “ordem citadina”. Isto porque, como nos mostra Lanfranchi (2019), ao inverter os princípios sociais de classificação dos espaços públicos causa o incômodo da ordem hegemônica instituída, provocando intervenções das políticas públicas. Nesse sentido, ao fazer do espaço público sua casa, a população em situação de rua mobiliza as políticas públicas de modo a responder sobre essa questão de “desordem”, que atuam seja por meio de ações de amparo ou de repressão.

Podemos acrescentar a essa discussão o livro de Roberto DaMatta - *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte.* Nele o autor destaca o Espaço como um elemento socialmente importante. E sinaliza que “…nas rotinas, espaços específicos estão equacionados socialmente a atividades específicas. Não dormimos nas ruas, não fazemos amor nas varandas…” (Damatta,1997, p.44). Ou seja, a rua não é vista como lar e ao ser ao ser vista como espaço de moradia causa desconforto. É

importante destacar que para o autor a casa e a rua, como categorias sociológicas, não dizem respeito apenas aos “espaços geográficos ou coisas físicas comensuráveis, mas acima de tudo entidades morais, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas” (Damatta,1997, p.15).

Ainda no que se refere a relação entre espaço público e privado, é importante destacar o livro de Erving Goffman - *Behavior in public places: notes on the social organization of gatherings, de 1963.* Nesta obra o autor enfatiza sobre os processos de interação com enfoque na área da vida social destacando o comportamento em locais públicos e semipúblicos. Ressalta que as regras de conduta em ruas, parques, restaurantes, teatros, lojas, pistas de dança, salões de reunião e outros locais de reunião de qualquer comunidade nos dizem muito sobre suas formas mais difusas de socialização.

Vale lembrar que estar na rua consiste em se encontrar numa situação de vulnerabilidade relacional, mas também a vulnerabilidades relacionadas às variações climáticas (chuva, frio, calor, etc.). Além do que está exposto aos desconfortos da falta de abrigo e privacidade, ao insulto moral, à discriminação e ao estigma, à rejeição velada ou explícita de pessoas domiciliadas, inclusive aquelas que são agentes públicos que atuam com quem não tem moradia regular (Pimenta,2019). Deste modo, podemos afirmar que além da extrema vulnerabilidade, às violências também fazem parte do cotidiano da vida nas ruas, muitas das vezes violência institucional por parte do Estado, como podemos observar na citação abaixo:

> As formas de violência institucional perpetradas pelo próprio estado, como o fechamento de banheiros públicos ou interdição de vias e praças para passar as noites, incluindo estratégias como a construção de prédios sem marquises e colocação de grades em torno de igrejas e árvores, para impedir que as pessoas ali durmam ou urinem. Com base em justificativas como “o mau cheiro”, o “incômodo visual” e a ameaça de maculação dos pontos turísticos e destruição do patrimônio histórico, constituem-se verdadeiras “tecnologias de expulsão” e configuram o que veio a se denominar “arquitetura anti-mendigo”, materializando “representações de ameaça criadas a respeito desse segmento sobre a legalidade da cidade que se pretende funcional e hegemônica” (Frangella, 2005, p. 201 *apud* Pimenta, 2019, p. 102).

Percebe-se na citação acima que o processo de estigmatização da população em situação de rua incorre na abordagem deste segmento como não desejado,

ocasionando na depreciação do eu. Nesse sentido, cabe dizer que a vulnerabilidade, a experiência da violência e da discriminação afetam o corpo, a identidade e a percepção de mundo e de si mesmas das pessoas em situação de rua (Pimenta, 2019).

Para além do tratamento dispensado à população em situação de rua, é preciso também atenção aos discursos direcionados a este segmento. Isto porque a produção discursiva também é uma forma de reprodução da ordem societária capitalista, que oculta a contradição entre capital e trabalho na produção de desigualdades sociais, trazendo uma perspectiva de naturalização ao fenômeno da situação de rua. Deste modo, a naturalização da situação de rua é ocultada enquanto problema social, e é apreendida como "ameaça" ocasionando processos de exclusão da pessoa que se encontra na condição de estar na rua.

Consequentemente, a situação pode deixar de ser percebida como uma injustiça à qual se deve responder com ação política" (Resende, 2015 *apud* Pimenta, 2019). Vale lembrar que a mídia e os mecanismos de comunicação também são responsáveis por produzirem representações depreciativas sobre as pessoas em situação de rua, veiculadas pelos canais de comunicação e que, de tão evocadas e naturalizadas, acabam por orientar as concepções de formuladores e executores de políticas públicas (Nobre *et al.,* 2018, p.3). Importante dizer que "as próprias formas de nomeação da população de rua, concomitantemente à sua constituição como questão social, se constituem a partir de efeitos de diversos agentes, discursos e instituições" (De Lucca,2007 *apud* Holanda, 2019, p.29).

Cabe salientar que a atenção prestada à população em situação de rua no campo do direito do cidadão e dever do Estado, na formulação, execução e avaliação de políticas públicas ganhou mais destaque por meio da Política Nacional para a População em Situação de Rua. Esta política traz como definição que a população em situação de rua se configura como um grupo heterogêneo, possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados. Além do que, é um grupo que não tem moradia convencional regular, utilizando os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente. Pode também fazer uso de unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória (Brasil, 2009a).

Portanto, o próximo item abordará sobre o perfil da população em situação de rua no Brasil, em Minas Gerais e em Contagem/ Minas Gerais.

## 2.1 Perfil da população em situação de rua: do Brasil à Contagem/ MG

Primeiramente, é importante destacar que as pesquisas censitárias como o Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e a Pesquisa Nacional por Amostra a Domicílio (PNAD) não capturam a realidade do perfil dessa população, por serem pesquisas destinadas a indivíduos domiciliados. É importante frisar que mesmo após a instituição da Política Nacional para a População em Situação de Rua (2009), que estabelece como um de seus objetivos a contagem da população em situação de rua, “tanto o Censo Demográfico de 2010 quanto o de 2022 (ora em andamento), seguiram o método tradicional de contagem, incluindo apenas a população domiciliada nos seus números” (Natalino, 2022, não paginado).

A falta de um Censo em âmbito nacional dificulta a obtenção um diagnóstico sobre a população em situação de rua no cenário brasileiro. Isto porque existem bases de dados de políticas públicas sobre a população em situação de rua, porém essas bases de dados não são integradas. Ou seja, a saúde, a assistência social, a segurança pública e outras políticas públicas possuem dados sobre a população em situação de rua, mas esses dados não estão articulados ou integrados numa única plataforma ou base de dados.

Isso resulta em prejuízos na formulação, execução, monitoramento e avaliação das Políticas Públicas voltadas a esse segmento. É possível ilustrar estes prejuízos com a “dificuldade, por parte do Ministério da Saúde, em alocar um número adequado de vacinas contra a Covid-19 para a população em situação de rua” (Natalino, 2022, não paginado).

A falta de dados integrados sobre as pessoas que vivem em situação de rua no Brasil prejudica o conhecimento da realidade e necessidade desse segmento para a ação do Estado, configurando-se assim num processo de invisibilização no qual o Estado é o principal agente.  Vale lembrar que sobre as pessoas em situação

de rua há uma história marcada pela díade - invisibilização e repressão pelo Estado brasileiro, como nos mostra Natalino (2022):

> O histórico de tratamento da população em situação de rua pelo Estado brasileiro é marcado pela repressão e invisibilização desse segmento. Uma semana após a abolição da escravatura, o Ministério da Justiça enviou um "projeto de repressão à ociosidade", buscando reprimir a circulação dos outrora escravizados pelo espaço urbano. Como aponta Chalhoub (1983, p.55), tal projeto foi votado quase que unanimemente pela Câmara, sendo saudado como "de salvação pública... exatamente porque tinha como objeto principal a 'população nacional', ou seja, o liberto". Tanto o Código Criminal de 1830 quanto o Código Penal de 1890 e a Lei de Contravenções Penais de 1941 estipulavam penas para a "vadiagem". Embora estas legislações possam parecer distantes no tempo, na verdade o artigo da Lei de Contravenções Penais de 1941 que trata da mendicância "por ociosidade ou cupidez" só foi revogado no ano de 2009 (Natalino, 2022, não paginado).

Diante dessa citação é possível observar inclusive um processo de invisibilização e repressão que favoreceu a criminalização desse segmento populacional, composta sobretudo por pessoas negras. Além do que imputou ao indivíduo um processo de culpabilização pela condição a qual se encontrava, sem considerar os aspectos estruturais de exclusão social, dentre eles podemos destacar o racismo estrutural.

Retomando a discussão acerca dos dados, é possível aferir que "sem conseguir dimensionar quantas pessoas estão em situação de rua, corre-se o risco de reproduzir a invisibilidade social da população em situação de rua no âmbito das políticas públicas" (Natalino, 2022, não paginado). Sendo assim, diante da ausência de dados oficiais articulados e integrados, algumas estimativas são realizadas.

De acordo com a nota técnica elaborada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) sobre a estimativa da população em situação de rua no Brasil, na qual compreendeu o período de setembro de 2012 até março de 2020, observou-se um aumento de 140% de pessoas vivendo em situação de rua no Brasil, totalizando o número de 221.869 de pessoas em situação de rua no país. Esse dado foi atualizado e estima-se que existam, em 2022, 281.472 pessoas em situação de rua no Brasil. O estudo concluiu ainda que entre o período de 2019 a 2022 houve o crescimento de 38% da população em situação de rua, e compreendendo o período decenal de 2012 a 2022, o crescimento foi de 211% (Natalino, 2022, não paginado).

Numa perspectiva histórica, apresentamos a Pesquisa Nacional sobre população em situação de rua realizada entre 2007 e 2008 que identificou que esta população em sua maioria era composta pelo sexo masculino, predominantemente de negros e pardos (67%), com faixa etária entre 26 e 35 anos de idade. Sobre a questão educacional, tem-se como destaque o ensino fundamental incompleto (Brasil, 2009b). Estes dados são relevantes considerando que as variáveis sexo, idade, raça/cor e escolaridade são importantes para análise das trajetórias de vida das pessoas em situação de rua.

De acordo com a Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua realizada entre 2007 e 2008, os principais motivos que levam as pessoas à situação de rua foram: o uso abusivo de drogas (35,5%), o desemprego (29,8%) e conflitos familiares (29,1%), que podem estar interligados (Brasil,2009b). Outros motivos identificados por pesquisadores que levam uma pessoa a situação de rua são: a violência familiar; migrações, alguns saem de sua cidade para outra na tentativa de conseguir melhores condições de vida/trabalho, mas como não conseguem vão morar na rua por falta de dinheiro até mesmo para voltar para suas regiões/cidades; sofrimentos mentais, que levam o indivíduo a se perder nas ruas; problemas familiares que levam a expulsão ou abandono de casa (Faria *et al*., 2016). Além do mais, é importante citar que compõem esse grupo pessoas trabalhadoras, em sua maioria sob vínculo informal, desempregadas, imigrantes, portadoras de sofrimento mental, egressos do sistema prisional (Faria *et al.,* 2016). Percebe-se nesse processo de ida para as ruas um contexto permeado por marcos de rupturas.

Ainda sobre o perfil da população em situação de rua, cabe ressaltar que no âmbito da política pública de Assistência Social, o Ministério da Cidadania possui o sistema CECAD (Consulta, seleção e extração de informações do Cadúnico), que consiste numa ferramenta que permite conhecer as características socioeconômicas das famílias e pessoas incluídas no Cadastro Único (domicílio, faixa etária, trabalho, renda etc.) bem como saber quais famílias são beneficiárias do Programa Bolsa Família (renomeado de Programa Auxílio Brasil – PAB por até algum tempo atrás).

Utilizando essa base de dados foi possível extrair algumas características das pessoas em situação de rua do município de Contagem, Minas Gerais e Brasil, correlacionando a variável situação de rua com as variáveis sexo, cor ou raça, faixa etária, grau de instrução, faixa da renda familiar percapita e recebe PAB. Foi

observado o período de referência de fevereiro de 2023. De acordo com esta base de dados, o Brasil possui 206.044, em Minas Gerais 21.857 e em Contagem 623 pessoas em situação de rua cadastradas no Cadastro único.

No cenário nacional, 180.811 (88%) são do sexo masculino e 25.233 (12%) são do sexo feminino. No cenário mineiro, 19.666 (90%) são do sexo masculino e 2.191 (10 %) do sexo feminino. No que diz respeito ao contexto contagense, 570 (91%) são do sexo masculino e 53 (9%) são do sexo feminino. Portanto, percebe-se que nos âmbitos nacional, estadual e municipal há uma predominância do sexo masculino.

Cabe salientar que pesquisas como a de Rosa e Brêtas (2015), citada por Sicari e Zanella (2018) indicam que dentre os principais motivos que levam as mulheres para as ruas estão a violência doméstica, dificuldade financeira e o rompimento com vínculos sociais. Além do que é importante frisar que o espaço da rua se constitui para essas mulheres um campo permeado pela violência do tráfico, da repressão policial e estatal, da disputa por território e a violência de gênero. Portanto, as pesquisas corroboram para a afirmativa de que a rua se constitui no modelo patriarcal, ocupado predominantemente por homens (Sicari, Zanella, 2018).

Inserida nesse contexto, as mulheres em situação de rua definem a escolha de seu companheiro não tão somente por causa de uma relação de afeto, mas também na tentativa de obter companhia e proteção do parceiro, tendo em vista que estar sozinha é sinônimo de estar vulnerável a todo tipo de violação, sobretudo sexual. Portanto, a violência de gênero é traço marcante nestes relacionamentos, cujos parceiros reúnem em si o papel do protetor e do agressor (Dias, 2015, p.224).

Outro marcador de desigualdade social central para a compreensão do fenômeno da população em situação de rua diz respeito a cor e raça. No que diz respeito a cor ou raça temos a seguinte representação:

Tabela 1: Cor/raça da população em situação de rua: Brasil, Minas Gerais e Contagem

| Cor ou raça | Quantidade no Brasil | Percentual no Brasil | Quantidade em Minas Gerais | Percentual em Minas Gerais | Quantidade em Contagem | Percentual em Contagem |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Parda | 104.489 | 50,71% | 12.518 | 57,27% | 401 | 64,36% |
| Preta | 35.961 | 17,45% | 4.695 | 21,48% | 130 | 20,86% |
| Branca | 64.091 | 31,10% | 4.460 | 20,40% | 86 | 13,80% |
| Amarela | 981 | 0,47% | 123 | 0,56% | 5 | 0,80% |
| Indígena | 409 | 0,19% | 44 | 0,20% | 1 | 0,16% |
| Sem resposta | 113 | 0,05% | 17 | 0,07% | 0 | 0% |
| **TOTAL** | **206.044** | **100%** | **21.857** | **100%** | **623** | **100%** |

Fonte: CECAD 2.0/ Ministério da Cidadania

Diante dos dados sobre raça e cor é possível identificar que esse grupo populacional é constituído, majoritariamente, por pessoas pardas e negras. Podemos correlacionar os dados de cor/ raça ao processo de formação sócio-histórica brasileira pautado na diferenciação de lugar, bem como na valoração de sujeitos e corpos baseados no racismo estrutural. Nessa perspectiva, é preciso centrar a atenção na interseccionalidade entre classe, gênero e raça na problematização de existências e vivências acumuladas histórica e socialmente. Desta forma, ao tensionar a racialidade junto ao gênero, discute-se sobre a produção de gêneros inferiorizados com relação às construções de masculinidades e feminilidades informadas pela raça considerada dominante (Casteleira, 2022). Assim, considerar a interseccionalidade é também dizer das relações de poder e dominação na sociedade.

Diante dos dados obtidos pelo CECAD, outra variável analisada que chama atenção é a faixa etária. Como mostra as tabelas abaixo, podemos notar que a maioria está na faixa etária da fase adulta. Com destaque para as idades de entre 25 e 49 anos. Portanto, é possível observar que a maioria se encontra em idade laboral produtiva, reafirmando o lugar de exército industrial de reserva, como apontava Karl Marx.

Tabela 2: Faixa etária - população em situação de rua: Brasil, Minas Gerais e Contagem

| Faixa etária | Quantidade no Brasil | Percentual no Brasil | Quantidade em Minas Gerais | Percentual em Minas Gerais | Quantidade em Contagem | Percentual em Contagem |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Entre 0 e 4 anos | 1.807 | 0,87% | 20 | 0,09% | 1 | 0,16% |
| Entre 5 a 6 anos | 737 | 0,35% | 8 | 0,03% | 0 | 0% |
| Entre 7 a 15 anos | 2.165 | 1,05% | 30 | 0,13% | 0 | 0% |
| Entre 16 a 17 anos | 445 | 0,21% | 14 | 0,06% | 0 | 0% |
| Entre 18 a 24 anos | 11.548 | 5,60% | 1.073 | 4,90% | 33 | 5,29% |
| Entre 25 a 34 anos | 44.290 | 21,49% | 4.652 | 21,28% | 121 | 19,42% |
| Entre 35 a 39 anos | 30.576 | 14,83% | 3.330 | 15,23% | 80 | 12,84% |
| Entre 40 a 44 anos | 32.608 | 15,82% | 3.911 | 17,89% | 144 | 23,11% |
| Entre 45 a 49 anos | 26.744 | 12,97% | 3.046 | 13,93% | 83 | 13,32% |
| Entre 50 a 54 anos | 20.875 | 10,13% | 2.286 | 10,45% | 65 | 10,43% |
| Entre 55 a 59 anos | 15.845 | 7,69% | 1.749 | 8% | 55 | 8,82% |
| Entre 60 a 64 anos | 10.756 | 5,22% | 1.085 | 4,96% | 30 | 4,81% |
| Maior que 65 anos | 7.648 | 3,71% | 653 | 2,98% | 11 | 1,76% |
| **TOTAL** | **206.044** | **100%** | **21.857** | **100%** | **623** | **100%** |

Fonte: CECAD 2.0/ Ministério da Cidadania

No que diz respeito ao acesso à Educação, em especial ao grau de instrução das pessoas em situação de rua, percebe-se que a maioria possui baixa instrução.

Tabela 3: Grau de instrução - população em situação de rua/ Brasil, Minas Gerais, Contagem

| Grau de instrução | Quantidade no Brasil | Percentual no Brasil | Quantidade em Minas Gerais | Percentual em Minas Gerais | Quantidade em Contagem | Percentual em Contagem |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Sem instrução | 21.076 | 10,22% | 2.011 | 9,20% | 61 | 9,79% |
| Fundamental incompleto | 94.128 | 45,68% | 11.295 | 51,67% | 299 | 47,99% |
| Fundamental completo | 27.842 | 13,51% | 3.117 | 14,26% | 88 | 14,12% |
| Médio incompleto | 20.623 | 10% | 2.138 | 9,78% | 70 | 11,23% |
| Médio completo | 36.546 | 17,73% | 3.020 | 13,81% | 100 | 16,05% |
| Superior incompleto ou mais | 3.981 | 1,93% | 248 | 1,13% | 4 | 0,64% |
| Sem resposta | 1.848 | 0,89% | 28 | 0,12% | 1 | 0,16% |
| **TOTAL** | **206.044** | **100%** | **21.857** | **100%** | **623** | **100%** |

Fonte: CECAD 2.0 / Ministério da Cidadania

No que se refere a faixa de renda per capita, é possível constatar que a maioria está em situação de extrema pobreza. De acordo com o Ministério da Cidadania, são consideradas famílias em extrema pobreza aquelas cuja renda per capita mensal é de até R$105,00.

Tabela 4: Faixa da renda familiar per capita- população em situação de rua/ Brasil, Minas Gerais, Contagem

| Faixa da renda familiar per capita | Quantidade no Brasil | Percentual no Brasil | Quantidade em Minas Gerais | Quantidade em Minas Gerais | Quantidade em Contagem | Percentual em Contagem |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Extrema Pobreza | 195.224 | 94,74% | 20.575 | 94,13% | 603 | 96,78% |
| Pobreza | 1.712 | 0,83% | 119 | 0,54% | 3 | 0,48% |
| Baixa renda | 1.687 | 0,81% | 143 | 0,65% | 5 | 0,80% |
| Acima de meio salário-mínimo | 7.421 | 3,60% | 1.020 | 4,66% | 12 | 1,92% |
| **Total** | **206.044** | **100%** | **21.857** | **100%** | **623** | **100%** |

Fonte: CECAD 2.0 / Ministério da Cidadania

Por fim, foi possível verificar por meio dessa base de dados quantos recebem o Programa de transferência de renda Auxílio Brasil (PAB). Obteve-se que no cenário brasileiro 167.836 (81%) recebem, e 38.208 (19%) não recebem. No que se refere ao contexto mineiro, 17.831 (82%) recebem e 4.026 (18%) não recebem. No

diz respeito a Contagem, 511 (82%) recebem e 112 (18%) não recebem. O que indica um alto índice de vulnerabilidade de renda desta população.

Portanto, com base nos dados do CECAD é possível aferir que a maioria da população em situação de rua é do sexo masculino, de cor parda e negra, com faixa etária em fase adulta, que possui baixa escolaridade e vivenciam situação de extrema pobreza, utilizando das políticas públicas para obter auxílio governamental para garantia de sua sobrevivência. Ao analisar esses dados percebemos que esses estão interconectados e influem diretamente sobre o grupo populacional em questão. Isto porque a baixa escolaridade, pode estar relacionada ao racismo estrutural, assim como a dificuldade de inserção no mercado de trabalho.

Além do que, pesquisas apontam que o mercado de trabalho brasileiro impõe exigências de escolaridade para ingresso às vagas de emprego, e a baixa escolaridade se torna mais um fator de dificuldade de acesso ao mundo do trabalho, fazendo com que a maioria das pessoas em situação de rua se encontre em situação de desemprego e subemprego. Para elucidar a questão, citamos Ribeiro (2006), que em seu estudo apontou a educação formal como fator importante no processo de mobilidade social. Percebe-se assim que a maioria das pessoas em situação de rua se encontra em faixa etária laboral, mas compondo os resíduos humanos (Bauman) e exército industrial de reserva (Marx) da sociedade capitalista, conforme mencionado no início deste capítulo. Nessa perspectiva, não pode ser deixado de notar a consubstancialidade deste processo, que pressupõe a imbricação entre classe, sexo e raça (Hirata, 2014, p. 69).

Além da base de dados do governo federal como o CECAD, algumas prefeituras utilizam de pesquisas municipais para realizar o diagnóstico acerca da população em situação de rua. No município de Contagem, a partir da criação do Comitê Intersetorial de Políticas para População em Situação de Rua, foi realizada a iniciativa de elaboração e implementação do 1º Censo da população em situação de rua, que obteve o diagnóstico da população em situação de rua no município.

A metodologia empregada para a realização do 1º Censo da População em Situação de Rua em Contagem foi a da pesquisa quantitativa, por meio de entrevista estruturada e da aplicação de um questionário pela equipe técnica da Prefeitura Municipal de Contagem, com grande destaque para os profissionais da Assistência Social.

As entrevistas foram realizadas no período de outubro de 2021 até fevereiro de 2022, abrangendo as 8 regionais administrativas de Contagem.[2] A Secretaria de Desenvolvimento Social, Trabalho e Segurança Alimentar, por meio da equipe da Gerência de Vigilância Socioassistencial realizou a compilação e análise dos dados. [3] Ao todo foram realizadas 349 entrevistas a população em situação de rua. Estas foram distribuídas da seguinte maneira por Regionais:

Tabela 5: Distribuição de entrevistados por regional em Contagem

| Regional de aplicação do questionário | Quantidade | Percentual |
|---|---|---|
| Eldorado | 161 | 46,1% |
| Industrial | 70 | 20,1% |
| Ressaca | 38 | 10,9% |
| Riacho | 35 | 10% |
| Sede | 18 | 5,2% |
| Vargem das Flores | 16 | 4,6% |
| Petrolândia | 09 | 2,6% |
| Nacional | 02 | 0,6% |
| **TOTAL** | **349** | **100%** |

Fonte: Prefeitura Municipal de Contagem

Pesquisas como a de Faria et al. (2016), apontam que a população em situação de rua se concentra majoritariamente nos centros urbanos. Inclusive, o caderno do Ministério da Cidadania intitulado “Orientações Técnicas: Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua – Centro Pop” aponta que geralmente essa população tende a se concentrar nas regiões centrais da cidade, mas que por meio do diagnóstico socioterritorial poderá ser observado outras áreas de maior concentração e trânsito das pessoas em situação de rua (Brasil, 2011).

Em Contagem, o Centro da cidade é localizado na Regional Sede. Entretanto, a Regional Eldorado é considerada como um centro comercial e de serviços no município (Contagem, 2009). É importante dizer que nesta regional concentram-se alguns serviços direcionados a este público como o Centro de Referência

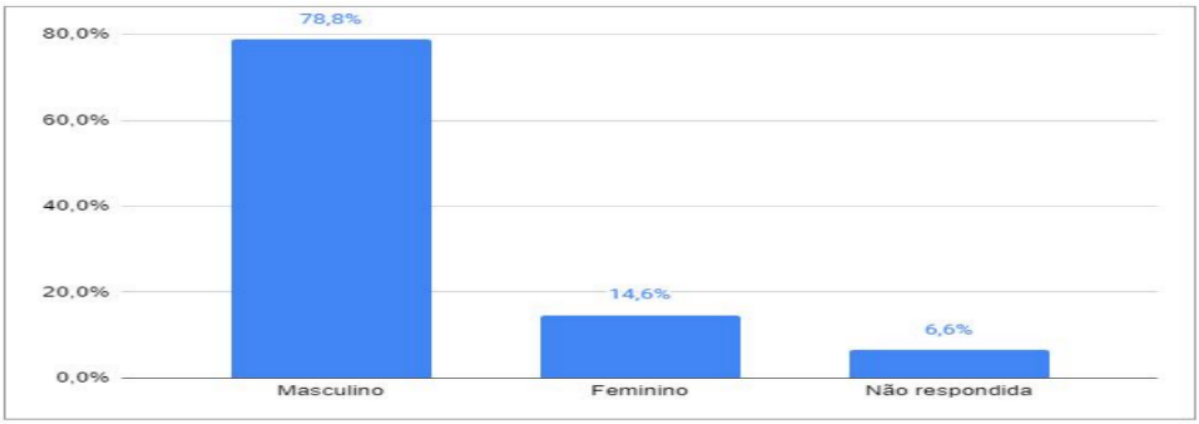
[2] Contagem possui as seguintes regionais: Sede, Petrolândia, Eldorado, Industrial, Riacho, Vargem das Flores, Ressaca, Nacional.
[3] Pesquisa disponível em https://drive.google.com/drive/folders/1-mLZVdxGP4LsbfEoKBaONr3U95bpkIvL

Especializado para População em situação de rua, o Restaurante Popular, unidades básicas de saúde, UPA, CAPS AD, praças, entre outros. Nessa direção, podemos suscitar que a maior parte da população em situação de rua se concentra na Regional Eldorado por ser o centro comercial e abarcar um rol de serviços de acesso à essa população.

Cabe ressaltar que uma das perguntas do Censo Municipal em tela era se a pessoa em situação de rua *possui Cadastro Único?* Dos 349 entrevistados, 216 (61,9%) responderam que sim, 119 (34,1%) responderam que não, e 14 (4,0) não responderam. Por que essa pergunta é tão cara? Porque percebam que os dados do CECAD, apresentados anteriormente, é composto por todas as pessoas já cadastradas no CadÚnico, e por meio de um Censo foi possível identificar um percentual de pessoas que estão em situação de rua, mas que ainda não foram incluídas no sistema. E embora esse quantitativo esteja aproximado aos dados de subnotificação próximo à média nacional, que é de 33%, ainda assim a falta de inclusão no sistema desse quantitativo de 119 pessoas faz com que elas não recebam auxílio do governo federal. Tal situação demonstra a invisibilidade deste público por falta de acesso, ocasionado por uma subnotificação nos dados oficiais que prejudica a captura da realidade social e recursos públicos para a população.

Outro aspecto que chama atenção na pesquisa realizada pela Prefeitura de Contagem e que vai ao encontro da pesquisa Nacional de 2007 e aos dados do CECAD é no que diz respeito ao sexo. Reiterando os dados do CECAD, tem-se que majoritariamente, é composta do sexo masculino, conforme pode ser verificado abaixo:

Gráfico 1 - Sexo dos entrevistados no 1º Censo População em situação de rua de Contagem




Fonte: Prefeitura Municipal de Contagem, 2021-2022

A raça também se constitui como um elemento central de ser analisado no que diz respeito a essa população. A partir da pesquisa realizada pela Prefeitura de Contagem observa-se que a maioria da população em situação de rua entrevistada se identifica como preta e parda, reiterando as pesquisas anteriores, conforme pode ser verificado no quadro abaixo:

Tabela 6: Cor/ raça os entrevistados no 1º Censo População em situação de rua de Contagem

| Cor/raça | Quantidade | Percentual |
|---|---|---|
| Parda | 184 | 52,7% |
| Preta | 105 | 29,8% |
| Branca | 50 | 14,3% |
| Indígena | 05 | 1,4% |
| Amarela | 01 | 0,3% |
| Não respondida | 05 | 1,4% |
| **TOTAL** | **349** | **100%** |

Fonte: Prefeitura de Contagem

Outra característica que chama atenção é com relação à faixa etária. A partir dos dados extraídos pelas entrevistas foi possível perceber que a maioria da população em situação de rua se encontra na fase adulta, que compreende dos 30 aos 59 anos de idade, abrangendo o total de 80,6%. Além disso, é possível observar que sobre o público jovem[4] um percentual de 14,1%. Já sobre o público idoso[5], um total de 4,0%.

Tabela 7: Faixa etária os entrevistados no 1º Censo População em situação de rua de Contagem

| Faixa etária | Quantidade | Percentual |
|---|---|---|
| Entre 18 a 19 anos | 02 | 0,6% |
| Entre 20 a 29 anos | 47 | 13,5% |
| Entre 30 a 39 anos | 97 | 27,8% |
| Entre 40 a 49 anos | 121 | 34,7% |
| Entre 50 a 59 anos | 63 | 18,1% |
| Entre 60 a 69 anos | 14 | 4,0% |
| Não respondida | 05 | 1,4% |
| **TOTAL** | **349** | **100%** |

Fonte: Prefeitura Municipal de Contagem

[4]Com base no Estatuto da Juventude, considera-se jovem aquele que possui entre 15 à 29 anos de idade.

[5] De acordo com o Estatuto do Idoso, considera-se idoso aquele que possui 60 anos ou mais.

Outra informação sobre a população de rua que foi abordada pela pesquisa foi sobre a situação profissional. Observando-se que a maioria se encontra em situação de desemprego e subemprego.

Tabela 8: Situação profissional dos entrevistados no 1º Censo População em situação de rua de Contagem

| Situação profissional | Quantidade | Percentual |
|---|---|---|
| Desempregado | 267 | 76,5% |
| Trabalho informal (bicos) | 53 | 15,2% |
| Profissional liberal | 04 | 1,1% |
| Assalariado com carteira assinada | 03 | 0,9% |
| Afastado do trabalho | 02 | 0,6% |
| Aposentado | 02 | 0,6% |
| Assalariado sem carteira assinada | 02 | 0,6% |
| Diarista | 01 | 0,3% |
| Não respondida | 15 | 4,3% |
| **TOTAL** | **349** | **100%** |

Fonte: Prefeitura Municipal de Contagem

É importante mencionar que a população em situação de rua enfrenta dificuldades de inserção no mercado de trabalho regular/formal, pois muitas vezes a falta de um endereço fixo e comprovante de residência inviabiliza o acesso ao conjunto de direitos trabalhistas, previdenciários e jurídicos que são prerrogativas da cidadania normalizada, representada pela posse de documentos, domicílio e registro em carteira (Pimenta, 2019, p 102). A falta de acesso aos direitos, corrobora para que a vivência nas ruas resulte numa posição subalterna ou condição de subcidadania para aqueles que a habitam, cujos direitos além de não serem reconhecidos, são constantemente violados (Pimenta, 2019).

Retornando aos dados obtidos no 1º Censo da População em Situação de Rua de Contagem, destaca-se o tempo de permanência das pessoas em situação de rua. A maioria dos entrevistados possuem tempo de permanência nas ruas de 01 a 05 anos, com percentual de 37,8%. Na sequência, pessoas com até 11 meses de situação de rua, com percentual de 20,3%. Considerando que a aplicação dos questionários compreendeu o período de outubro de 2021 a fevereiro de 2022, é possível relacionar esses dados com o agravamento da questão social ocasionado pela pandemia Covid-19.

Na sequência, foi identificado pessoas que vivenciam a situação de rua entre 06 a 10 anos, com percentual de 16,0%. A pesquisa também encontrou pessoas que vivenciam longo período da situação de rua com tempo de permanência de 11 a 20 anos, com percentual de 11,5%. E por fim, 6,0% responderam que possuem tempo de permanência nas ruas superior a 20 anos. E 8,3% preferiram não responder.

Tabela 9: Tempo de permanência em situação de rua dos entrevistados no 1º Censo População em situação de rua de Contagem

| Tempo de permanência | Quantidade | Percentual |
|---|---|---|
| Até 11 meses | 71 | 20,3% |
| 01 a 05 anos | 132 | 37,8% |
| 06 a 10 anos | 56 | 16% |
| 11 a 20 anos | 40 | 11,5% |
| Acima de 20 anos | 21 | 6% |
| Não respondida | 29 | 8,3% |
| **TOTAL** | **349** | **100%** |

Fonte: Prefeitura Municipal de Contagem

A Pesquisa do 1º Censo da População em situação de rua em Contagem também procurou investigar quais os motivos que levaram as pessoas a fazer da rua um espaço de abrigo e sobrevivência. Nesse quesito os entrevistados puderam elencar mais de um motivo. Nessa perspectiva, podemos afirmar que os dados obtidos demonstram que a situação é desencadeada por vários processos de rupturas, como pontos de virada como, por exemplo, o desemprego e outras circunstâncias, trazendo uma dimensão multicausal ao fenômeno. Vale relembrar que ao se estudar sobre a população em situação de rua não podemos perder de vista que se trata de um fenômeno de ordem multidimensional (Sousa, Macedo, 2019; Lanfranchi *et al.,* 2019).

Como já mencionado anteriormente, as questões multifatoriais que motivam a situação de rua podem decorrer de maneira gradual e processual, resultando na ocupação da rua de forma permanente (Sicari e Zanella, 2018). Ou seja, o processo de ida para as ruas não ocorre de forma linear e constante. Para tanto, é preciso retornar à afirmação de Pimenta (2019) - a condição de rua requer um olhar voltado à historicidade e complexidade dos processos que culminaram na situação de rua, considerando os fatores multicausais. Processos, que estão intrinsecamente

interligados às rupturas nas dimensões afetivas, familiar, social e profissional. Sendo assim, observa-se abaixo a tabela com as principais motivações para situação de rua, sinalizados pelos entrevistados do 1º Censo da População em situação de rua de Contagem.

Tabela 10: Motivo para estar vivendo nas ruas elencados pelos entrevistados no 1º Censo População em situação de rua de Contagem

| Motivo(s) para estar vivendo nas ruas | Quantidade | Percentual |
|---|---|---|
| Conflito familiar | 182 | 52,1% |
| Desemprego | 120 | 34,4% |
| Por abuso de álcool e/ou outras drogas | 102 | 29,2% |
| Ausência de renda | 75 | 21,5% |
| Decepção amorosa | 40 | 11,5% |
| Separação conjugal | 33 | 9,5% |
| Conflito no território | 27 | 7,7% |
| Diferentes tipos de violência | 22 | 6,3% |
| Por opção | 20 | 5,7% |
| Mudou de cidade para buscar emprego | 18 | 5,2% |
| Egresso do sistema prisional | 15 | 4,3% |
| Pandemia do Coronavírus | 15 | 4,3% |
| Calamidade pública | 08 | 2,3% |
| Sofrimento mental | 07 | 2% |
| Discriminação (raça/etnia/sexual/gênero/outros) | 07 | 2% |
| Violência contra mulher | 06 | 1,7% |
| Falta de moradia | 02 | 0,6% |
| Migrante | 02 | 0,6% |
| Nasceu nas ruas e permanece | 02 | 0,6% |
| Outros motivos | 03 | 0,9% |
| Não respondida | 07 | 2% |
| **Total de respostas** | **713** | |
| **Total de questionários aplicados** | **349** | |

Fonte: Prefeitura Municipal de Contagem

Nota-se por meio da tabela acima que a maioria dos entrevistados responderam que o motivo pelo qual se encontram em situação de rua está relacionado à conflitos familiares (52,1%), seguido por desemprego (34,4%) e na sequência o uso abusivo de álcool e/ou outras drogas (29,2%). Sobre o uso abusivo de drogas a pesquisa também abordou sobre o atual uso abusivo de álcool e outras

drogas. Assim, 255 (73,1%) entrevistados responderam fazer uso abusivo de álcool e/ou outras drogas, 82 (23,5%) entrevistados responderam não fazer o uso abusivo, e outros 12 (3,4%) entrevistados não responderam. Essa diferenciação entre uso de álcool e outras drogas como motivação do uso abusivo é importante considerando a seguinte explicação:

> No processo de desvinculação sociofamiliar e com o mundo do trabalho, o uso abusivo de álcool e outras drogas também se faz presente, seja como causa e/ou consequência da desvinculação familiar e/ou laboral, e da vida na rua. “Considerando que a desvinculação no eixo sócio familiar é um processo de fragilização que pode converter-se em isolamento e vazio social, o álcool é uma forma de preencher esse vazio ou, melhor, uma maneira de sequer senti-lo” (Escorel, 1999, p. 167) (Alcantara et al., 2014, p. 132).

Além do que, o uso de álcool e outras drogas também é algo utilizado para suportar o morar e viver nas ruas, que para além das desilusões e desvinculações que causam sofrimento psíquico, também remediar o frio e os ruídos. Como exemplo algumas pessoas dizem que só é possível “dormir nas ruas se estiver ‘chapado’ e o uso de substâncias psicoativas ajuda nesse momento. Sob o efeito de alguma substância é possível dormir em qualquer lugar com ou sem barulho” (Kunz *et al.,* 2014, p.933).

Outro fator de análise sobre motivações é o aspecto relacional - implicado nas alternativas sobre conflito familiar, decepção amorosa, separação conjugal, conflito no território, que apresentaram uma quantidade de respostas muito significativas, com total de 282 respostas. No que diz respeito à empregabilidade e renda, observa-se que também compreende esta questão as alternativas desemprego, ausência de renda, mudou de cidade para buscar emprego, com o total de 213 respostas.

Outro dado que chama atenção é no que se refere às violências sofridas como fatores que levaram a situação de rua, no qual destacam-se as alternativas - diferentes tipos de violências, discriminação (raça/etnia, sexual, gênero e outras) e violência contra mulher, com o total de 35 respostas. Aspectos de saúde pública como sofrimento mental, pandemia Coronavírus, apresentaram um total de 22 respostas.

Em especial ao campo de análise desta pesquisa de Mestrado  no que se refere a identificação das possíveis relações estabelecidas entre a trajetória de rua e

trajetórias relacionadas à violência e à criminalidade, além dos dados sobre as violências elencadas acima, chama-se atenção para o dado quantitativo de 15 pessoas declararem nas respostas à pesquisa da Prefeitura de Contagem do 1 º Censo da População em Situação de Rua, a motivação de estar nessa condição em razão de ser egresso do sistema prisional, o que equivale a 4,3% dos entrevistados.

A pesquisa do Censo Municipal procurou investigar junto aos entrevistados sobre o interesse de saída das ruas. Foi feita a seguinte pergunta: *tem vontade de sair das ruas?* Dos 349 entrevistados, 311 (89,1%) responderam que sim, 27 (7,7%) responderam que não, e 11 (3,2%) não responderam. A pesquisa procurou saber dos entrevistados sobre como o poder público poderia contribuir para a saída das ruas, podendo atribuir mais de uma alternativa como resposta.

Tabela 11: Como o poder público poderia contribuir para a saída das ruas - resposta dos entrevistados pelo 1º Censo População em situação de rua de Contagem

| Como o poder público poderia contribuir para a saída das ruas | Quantidade | Percentual |
|---|---|---|
| Trabalho e renda (Trabalho e cursos profissionalizantes) | 286 | 92% |
| Habitação | 258 | 83% |
| Assistência Social (Abrigos, proteção social, fortalecimento de vínculos familiares | 88 | 28,3% |
| Benefícios socioassistenciais | 72 | 23,2% |
| Saúde (tratamentos em geral, tratamento dependência química) | 72 | 23,2% |
| Educação/ Cultura/Lazer/ Esporte | 14 | 4,5% |
| O poder público não pode contribuir | 10 | 3,2% |
| Segurança alimentar | 08 | 2,6% |
| Redução da corrupção e impostos | 08 | 2,6% |
| Garantia de direitos | 06 | 1,9% |
| Previdência Social | 06 | 1,9% |
| Acesso à documentação civil | 06 | 1,9% |
| Banheiro público | 02 | 0,6% |
| Políticas para egressos do sistema prisional | 02 | 0,6% |
| **Total de respostas** | **838** | |
| **Total de pessoas que responderam sim** | **311** | |

Fonte: Prefeitura Municipal de Contagem

Nota-se por meio da tabela acima que 286 (92%) dos entrevistados sinalizam as políticas de inclusão em trabalho e renda como principal fator que auxiliaria no processo de saída das ruas. Seguido por políticas habitacionais, 258 (83 %) dos

entrevistados. Portanto, podemos identificar o trabalho e a moradia como possíveis turning points/pontos de virada para sair das ruas.

É importante pontuar, a respeito da falta de acesso à moradia como um elemento que reafirma a desigualdade da distribuição de bens e riquezas no Brasil. No Brasil tem-se a discussão acerca do modelo Moradia Primeiro (Housing First) a partir da compreensão de que quem "mora" na rua precisa de casa. Nesta direção, por meio da Portaria nº 2.927, de 26 de agosto de 2021**,** foi instituído o Projeto Moradia Primeiro no âmbito do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Entretanto, até o momento não se tem publicações acerca dos resultados da implementação efetiva do projeto.

Ademais, são sinalizadas de forma significativa pelos entrevistados a importância em investimentos em políticas públicas de Seguridade Social como a Assistência Social, Saúde e Previdência Social, com percentual de 28,3%, 23,2% e 1,9%, respectivamente. Acrescenta-se que benefícios socioassistenciais apresentou um percentual de 23,2% e também compreende a Política de Assistência Social.

Outras políticas públicas também foram destacadas como educação/cultura/esporte e lazer (4,5%), Segurança Alimentar (2,6%), Políticas para egressos do sistema prisional (0,6%). Por fim, destaca-se que 3,2% dos entrevistados consideram que o poder público não pode contribuir.

A sinalização dos entrevistados de como o poder público poderá auxiliar no processo de saída das ruas demonstra que na trajetória de exclusão social de pessoas adultas em situação de rua, existe uma multiplicidade de fenômenos que não se reduz à ausência de moradia, mas abrange também trajetórias de vulnerabilidade e fragilização dos laços familiares, das redes de integração primária e do mundo do trabalho (Escorel, 2009; Esmeraldo, 2010; Moura Jr., 2012; Waranda, 2009 *apud* Alcantara, 2015). Isto exige do poder público o fomento de políticas públicas integradas para atender a demanda da população.

Diante do exposto, é possível constatar que o processo de saída das ruas está intrínseco à capacidade de resposta do Estado ao fenômeno. Sendo que a situação de rua não pode ser reduzida uma vontade ou uma questão moral acerca do sujeito que se encontra nessa situação, mas apreender o fenômeno em sua totalidade. Para tanto, é preciso ter a perspectiva que “apreender a questão social é também apreender como os sujeitos a vivenciam” (Iamamoto, 2012, p. 76). Nesta

direção, a próxima subseção abordará sobre as vivências que perpassam as pessoas em situação de rua.

## 2.2 Constituição de narrativas e vivências na rua

Esta subseção abordará sobre a constituição de narrativas e vivências na rua, compreendendo os modos de viver e estratégias de sobrevivência utilizadas pelas pessoas em situação de rua. Tem-se como pressuposto que os “modos de existência são marcados pela multiplicidade de uma itinerância que é, ao mesmo tempo, material e simbólica” (Teixeira *et al*., 2019). Além do que, compreende-se os modos de vida como maneiras de viver tecidas em meio aos exercícios éticos e aos valores morais que são configurados nas relações sociais, mediante os processos de construção coletiva (Kunz *et al.,* 2014).

A vivência nas ruas é permeada por preconceitos e estigmas, que muitas vezes atribui uma culpabilização às pessoas em situação de rua pela condição a qual se encontram, considerando assim, o ato de viver na rua como escolha individual e sob um ângulo de naturalização do fenômeno. Nessa lógica, as ações incorrem em respostas assistencialista, paternalista e autoritária de “higienização social” (Brasil, 2008 *apud* Serafino e Luz, 2015).

Nessa perspectiva, a relevância dos processos multidimensionais de desfiliação, que abrangem dimensões materiais, relacionais, culturais, políticas e simbólicas são desvalorizadas (Serafino, Luz, 2015). Portanto, é preciso ter a clareza que as vivências na rua estão ligadas aos fatores estruturais e biográficos como motivadores da ida e da permanência nas ruas, numa perspectiva multidimensional, para não incorrer numa visão reducionista e fragmentada acerca do fenômeno.

Importante reiterar que a situação de rua é um fenômeno multifacetado e multidimensional presente no mundo todo (Serafino, Luz, 2015). Por este modo, os modos de vivenciar a situação de rua também são diversos. Desta maneira, “as pessoas em situação de rua produzem subjetivamente sentidos múltiplos sobre si, o outro e a vivência de rua” (Mendonça,2006 *apud* Sicari, Zanella, 2018, p.668).

Dentro deste processo de subjetivação do vivenciar as ruas, a rua pode representar uma diversidade de sentimentos para aqueles que nela habitam. Sendo

assim, “para alguns, a rua é um lugar de passagem, em que o medo e a dúvida acompanha todo o processo; para outros, é sinônimo de um lugar acolhedor, que abriga e aconchega quem se encontra sem ter para onde ir e quem decide ficar” (Sicari, Zanella, 2018, p.668).

Nesta direção, algumas pesquisas assinalam um sentimento de ambivalência e polarização das pessoas em situação de rua em relação à rua. Deste modo, inicialmente a rua pode ser percebida como um lugar de liberdade e independência. Entretanto, ao vivenciar situações de dificuldades de sobrevivência, a rua se transforma num espaço de privações (Moura *et al*., (2009); Matias (2013) *apud* Sicari, Zanella, 2018).

Vale ressaltar que dentre as dificuldades em estar em situação de rua, aquelas concernentes à sobrevivência são as mais sinalizadas (Alles, 2010 *apud* Sicari e Zanella, 2018). As dificuldades de sobrevivência tanto em seus aspectos físicos (frio, calor, fome, etc), quanto relacionais, muita das vezes ligado ao preconceito, estigmatização, desrespeito e violência policial, etc. podem causar sofrimento nas pessoas que fazem da rua seu espaço de moradia.

Cabe destacar que a opressão, a invisibilidade e a violência física e simbólica imprimem as trajetórias de vida na rua, sendo reforçadas por outras exclusões, multidimensionais e socialmente compartilhadas, interconectadas às questões de gênero, classe, raça, idade, orientação sexual e atividade laboral (Dias, 2015).

Os modos de existência são constituídos por meio de processos de desfiliação social como a ruptura de vínculos sociais e a exclusão do mercado de trabalho, que são permeados por situações de violações de direitos mediante um processo de marginalização, produzido objetiva e subjetivamente, de modo a produzir marca nos corpos (Sicari, Zanella, 2018). É importante frisar que, estar em situação de rua não é sinônimo de rompimento definitivo de vínculos familiares (Kunz *et al.,* 2014; Sicari, Zanella,2018).

Além dos processos de exclusão, invisibilização e redução das possibilidades de ascensão econômica e social existentes no modo de vivenciar a rua, é preciso também um enfoque para a pessoa em situação de rua numa perspectiva de agência[6]. Uma vez que, estes são também atores criativos que produzem relações, sentidos, materialidades (Holanda, 2019) instaura-se então uma ideia de sistema da

[6] Esse conceito será mais aprofundado no capítulo 5, que tratará sobre a Teoria do Curso de Vida, pois esse é um elemento chave desta teoria.

rua, compreendendo as formas de operação da vida na rua a partir da conjugação das agências de múltiplos atores de tal forma que cada experiência de viver na rua seja singular, explicitado da seguinte maneira:

> [...] quando se passa a viver na rua, é necessário que se submeta ao modo de organização da vida próprio da rua (há aqui, portanto, a noção de um processo de formação de sujeito), e ela é, por si mesma, limitadora, cruel e de grande exigência emocional e física; ela corresponde ao sistema da rua. (Holanda, 2019, p. 35)

De acordo com Magni, 2006 apud Holanda, 2019, o modo de organização da vida a partir da vivência nas ruas corresponde a afirmação de que viver na rua é também viver da rua porque a rua, enquanto espaço material e simbólico, exprime conjuntos de possibilidades de sociabilidade, de obtenção de recursos e de manipulação de materiais.

Sendo assim, “o viver na rua não se sustenta com práticas de isolamento e sem trocas, faz- se necessário tecer redes de solidariedade” (Kunz et al, 2014, p. 927). Portanto, “a rua se coloca como espaço de estabelecimento de parcerias e redes que se constituem a partir de diferentes contextos de interação” (Dias, 2015, p.219).

Nesta direção, para compreender os modos de vivências e estratégias de sobrevivência nas ruas é importante destacar o conceito de *se virar nas ruas*, utilizado por Holanda (2019). Para o autor, “se virar funciona como uma dimensão agentiva individual na qual conhecimentos práticos são utilizados para a criação de saídas do horizonte do sistema da rua” (Holanda, 2019, p. 36).

A capacidade “de agência” dos sujeitos, também corresponde aos recursos mobilizados para obter sua sobrevivência. Dentre os quais é possível de se captar mediante uma relação comunicacional com a cidade, pois para as pessoas em situação de rua é imprescindível obter “recursos na rua a partir de uma relação comunicacional com a cidade, através da qual são mobilizados personagens e outros recursos simbólicos que garantem sua sobrevivência e pautam sua relação com a cidade (Holanda, 2019, p. 35).

O conhecimento dos recursos disponíveis na cidade também se mostra fundamental à sobrevivência, pois “conhecer e dominar essas fontes são capitais importantes” (Lanfranchi, 2019, p.72). Podemos citar como exemplo o conhecimento

acerca da localização e formas de acesso a bens e serviços públicos para adquirir uma alimentação ou acolhimento, a disposição estratégica em porta de igreja para obter alimento ou recursos materiais e financeiros, restaurantes que em determinado horário dão comida etc.

Dentre as estratégias utilizadas como forma de se virar na rua, destaca-se o mangueio, que se refere “a todo um conjunto de habilidades retóricas para obter recursos na rua (seja alimentos, dinheiro, bebidas, roupas, cigarros ou outros bens) através de negociação direta com outras pessoas” (Holanda, 2019, p. 36). De forma complementar, Nobre et al. (2018) identificam o manguear como uma arte da retórica, comumente utilizada pela população em situação de rua, como forma de convencer a quem se pede da urgência e importância das suas necessidades.

Outra estratégia utilizada pela população em situação de rua, embora com baixa incidência, são práticas ilícitas. Nesta direção, cabe destacar que na pesquisa realizada por Kunz et al, 2014, foram encontradas algumas pessoas em situação de rua recém-saídas do sistema prisional cujo delito cometido enquadra-se no artigo 155 do código penal(furto).

É importante destacar que a violência se mostra tanto como ato praticado pela população em situação de rua, como mencionado anteriormente, quanto violência sofrida. Nessa perspectiva, cabe citar o estudo de Kunz et al. (2014) que identificaram em sua pesquisa relatos de atos de violência, tanto por parte do aparato policial, quanto por parte de cidadãos em relação à população em situação de rua. Sendo possível evidenciar a existência de “abordagens truculentas por parte dos agentes da Segurança Pública contra quem habita as ruas. As queixas sobre espancamentos são inúmeras, as incidências de violações de direitos são quase uma constante contra esses sujeitos” (Kunz *et al.,* 2014, p. 933).

Nesse sentido, é importante um enfoque especial para a violência que o Estado brasileiro exerce contra esse segmento. Ressalta-se assim o caráter contraditório exercido pelo Estado que ora presta assistência, ora a repressão. Como pode ser observado na citação abaixo:

> O estado mesmo pode alternar entre o foco nos direitos humanos das pessoas em situação de rua e o foco da segurança pública, “na qual o grupo é fonte de ameaça à ordem pública ao invés de ser visto como ameaçado por esta” (Valencio et al., 2010, p. 59). Tanto a falta ou a insuficiência de serviços adequados e especializados, como também medidas de interdição, restrição e controle dos usos do espaço público, configuram formas de

> violência institucional e simbólica que contribuem para a reprodução de desigualdades e para a vulnerabilização de determinados grupos sociais (Pimenta, 2019)

Diante do exposto, foi possível compreender sobre os modos de vivências e estratégias de sobrevivência da população em situação de rua, compreendendo seu aspecto multidimensional e multi-relacional. A caracterização da rua como parte de um processo de subjetivação dos indivíduos que a utilizam como espaço de moradia e sobrevivência. Foi dado enfoque a capacidade “de agência” da população em situação de rua. E, foi abordado as violências como ato praticado e sofrido pelas pessoas em situação de rua. Portanto, o próximo capítulo tratará sobre a criminalidade e a criminalização da situação de rua.

## 3 CRIMINALIDADE E CRIMINALIZAÇÃO DA SITUÇÃO DE RUA

No capítulo anterior vimos sobre a conceituação da população em situação de rua, sua caracterização e modos de vivência e estratégias de sobrevivência nas ruas. Considerando que a pergunta que nos propomos a responder é *quais as possíveis relações estabelecidas entre a trajetória de rua e trajetórias relacionadas à violência e à criminalidade?* não podemos deixar de dizer sobre os processos de configuração de criminalidade e criminalização da situação de rua.

Estudos como os de Prather (2010); Karam (2015); Melo et al., (2018), versam sobre a relação entre vivencias e situação na/de rua e crime são escassas e incipientes no Brasil, assim como na literatura internacional. Sendo assim, carece ser investigado no cenário brasileiro de que maneira se dá essa relação entre trajetória criminal e situação de rua, de tal modo que amplie o conhecimento sobre as questões que perpassam sobre esse grupo.

Ressalta-se que a criminalidade não é inerente à população em situação de rua em si. Este fato pode ser observado por meio da pesquisa realizada sobre a participação de crimes violentos em Belo Horizonte – que traz o comparativo entre os crimes violentos e os crimes violentos por pessoas em situação de rua (Teixeira, 2011). É importante salientar que esse público é permeado por violência, tanto como autor como vítima. Importante ressaltar que nem todas as pessoas em situação de rua cometeram crime ou possuem trajetória criminal.

Diante da compreensão de que o crime é uma construção social, é importante dizer que embora a pesquisa se concentre nas trajetórias vivenciadas pelos sujeitos, não se pretende culpabilizar o indivíduo pela condição em que vive. Mas sim trazer a perspectiva multidimensional implicado nessa correlação. Para ilustrar a dimensionalidade do fenômeno problematizamos acerca de um exemplo que explicita a correlação entre a trajetória da situação de rua e criminalidade, como pode ser visto abaixo:

> Aos quatro anos de idade, abandonado pelos pais que estavam em prisões, ele roubava frutas nas feiras livres para alimentar-se. Menino de rua, adolescente envolvido em crimes, foi para a Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (Febem). Ao sair de lá, continuou assaltando e traficando, quando foi preso, permanecendo vinte anos na Casa de Detenção de São Paulo (Carandiru). Estava lá quando ocorreu o massacre de 1992. Cumprida a pena, foi morar na rua, onde o conhecemos, na maloca no centro da cidade de São Paulo. (Alvarez *et al.,* 2009, p. 265)

Cabe advertir que não se pretende por meio do exemplo trazer uma generalização sobre o fenômeno, mas sim demonstrar a complexidade embutida na relação entre rua e criminalidade. A partir do relato expresso no trecho é possível identificar que a situação de abandono e fome, ou seja, fatores estruturais da sociedade (expressões da questão social) foram elencados como um dos fatores para a inserção criminal. Observa-se também fatores biográficos por meio de um ciclo e reprodução da vida social de idas e vindas de instituições totais[7] que, aparentemente, mais reforçaram a rua como aparato do que auxiliaram na recuperação. Portanto, o exemplo acima corrobora para a apreensão de que as motivações para a ida e a permanência em situação de rua são diversas e complexas, e o Estado ainda carece de respostas mais eficientes para tratar essa questão.

Kunz et al (2014) realizaram uma pesquisa sobre os modos de vida da população em situação de rua em Vitória/Espírito Santo e encontraram pessoas egressas do sistema prisional que após o cumprimento de pena foram liberados, portando apenas a roupa do corpo e alvará de soltura, se encontravam em situação de rua e tinham como imputação conseguir emprego e moradia para não retornarem ao sistema penitenciário - obrigações impostas pela Lei de Execução Penal (Brasil,1984). Este aspecto também é problematizado por Karam (2015) em sua dissertação de mestrado sobre as condições de egressos prisionais em situação de rua no estado de São Paulo.

Melo et al (2018) investigaram a associação de características sociodemográficas, clínicas, comportamentais e eventos adversos de vida com o histórico de morar na rua, encarceramento e a co-ocorrência dessas duas condições ao longo da vida em um estudo multicêntrico de corte transversal de 2.475 usuários de 26 serviços de saúde mental no Brasil. O estudo dos autores apresentou a seguinte representação:

[7] De acordo com Goffman (1974), a Instituição Total consiste num “local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada.” (Goffman,1974,p.11) E por se constituir num “híbrido social, parcialmente comunidade residencial, parcialmente organização formal aí reside seu interesse sociológico Em nossa sociedade são estufas para mudar pessoas cada uma é um experimento natural sobre o que se pode fazer ao eu (Goffman,1974 p 22)

Tabela 12: Resultado do modelo multivariado de falta de moradia e encarceramento

**Table 4.** Final Multivariate models of homelessness and incarceration, PESSOAS Project (N = 2,475), Brazil, 2006.

| Characteristics | Only homelessness | Only incarceration | Both |
|---|---|---|---|
| | OR (95% CI)[2] | OR (95% CI)[2] | OR (95% CI)[2] |
| Sociodemographic | | | |
| Gender: | | | |
| Women | | 1.00 | 1.00 |
| Men | | 5.04 (3.65-6.96)** | 2.39 (1.49-3.83)** |
| Family income in the last month[3]: | | | |
| ≥1 minimum wage | 1.00 | | 1.00 |
| <1 minimum wage | 1.44 (1.02-2.04)* | | 3.63 (2.34-5.65)** |
| Schooling (years): | | | |
| ≥ 5 | | 1.00 | 1.00 |
| < 5 | | 2.03 (1.53-2.69)** | 3.22 (2.08-5.01)** |
| Type of Housing: | | | |
| Stable | 1.00 | | 1.00 |
| Unstable | 2.31 (1.48-3.61)** | | 3.25 (1.79-5.90)** |
| Clinical | | | |
| Psychiatric diagnoses (ICD-10): | | | |
| Others | | | 1.00 |
| Severe mental illness | | | 1.67 (1.03-2.70)* |
| Substance use disorders | | | 1.69 (0.74-3.87) |
| History of psychiatric hospitalization: | | | |
| Never | 1.00 | 1.00 | 1.00 |
| Previous hospitalization | 1.68 (1.10-2.57)* | 2.29 (1.54-3.40)** | 1.97 (1.02-3.81)* |
| Current hospitalized | 2.15 (1.39-3.33)** | 4.85 (3.29-7.14)** | 2.34 (1.20-4.58)* |
| Any degree of intellectual disability: | | | |
| None | 1.00 | | |
| Some | 1.40 (1.00-1.97) | | |
| Lifetime history of STD[5]: | | | |
| No | 1.00 | 1.00 | 1.00 |
| Yes | 1.88 (1.32-2.68)** | 1.66 (1.22-2.26)** | 1.95 (1.26-3.03)* |

it continues

(Melo et al., 2018, p. 3729)

Diante da análise realizada, Melo et al. observaram que as pessoas com doença mental grave (transtornos psicóticos, depressão com sintomas psicóticos e transtorno bipolar) tiveram 67% mais chances de ter uma história de co-ocorrência de falta de moradia e encarceramento. Nesta perspectiva, podemos citar o estudo de Lanfranchi, et al. (2019) que observaram que algumas pessoas em situação de rua são egressas de instituições como hospitais psiquiátricos ou sistema prisional, no qual evidencia-se um processo de “desinstitucionalização não cuidada”.

Retornando ao estudo de Melo et al. 2018, a pesquisa também procurou investigar a respeito da relação entre comportamentos e eventos adversos, incluindo

a exposição ao uso abusivo de drogas. Obtendo como resposta a seguinte representação, demonstrada na tabela abaixo:

Tabela 13: Modelo multivariado de falta de moradia e encarceramento: relação entre comportamentos e eventos adversos

**Table 4.** Final Multivariate models of homelessness and incarceration, PESSOAS Project (N = 2,475), Brazil, 2006.

| Characteristics | Only homelessness | Only incarceration | Both |
|---|---|---|---|
| | OR (95% CI)[2] | OR (95% CI)[2] | OR (95% CI)[2] |
| Behavior and Adverse life events | | | |
| Violence exposure: | | | |
| None or verbal violence only | 1.00 | 1.00 | 1.00 |
| At least physical violence | 1.62 (1.12-2.35)* | 1.96 (1.44-2.69)** | 4.69 (2.62-8.40)** |
| At least sexual violence | 2.35 (1.56-3.54)** | 1.68 (1.11-2.53)* | 5.18 (2.63-10.20)** |
| Sex under the influence of drugs and/ or alcohol: | | 1.00 | 1.00 |
| No | | 1.41 (1.04-1.91)* | 2.12 (1.37-3.29)** |
| Yes | | | |
| Lifetime number of partners: | | | |
| Abstinent or only 1 | | 1.00 | 1.00 |
| >1 | | 1.73 (1.14-2.64)* | 4.41 (1.77-11.00)** |
| History of exchange of sex for money: | | | 1.00 |
| No | | | 1.73 (1.12-2.68)* |
| Yes | | | |
| HIV/Aids Knowledge: | | | |
| Good | 1.00 | | |
| Poor | 1.44 (1.03-2.02)* | | |
| HIV risk perception: | | | |
| Low | | | 1.00 |
| High | | | 1.70 (1.13-2.57)* |
| Lifetime cigarette smoking: | | | |
| No | 1.00 | | 1.00 |
| Yes | 1.63 (1.10-2.42)* | | 2.72 (1.27-5.83)* |
| Substance use exposure: | | | |
| None | 1.00 | 1.00 | 1.00 |
| Only alcohol | 1.41 (0.96-2.08) | 1.09 (0.74-1.61) | 1.40 (0.65-2.99) |
| Any drug except injecting drugs | 2.65 (1.67-4.19)** | 1.84 (1.18-2.86)* | 4.31 (1.97-9.40)** |
| Injecting drug use | 2.76 (0.88-8.66) | 3.46 (1.47-8.13)* | 12.22 (4.07-36.64)** |

[1] Percent relative to the total of each exposure category. [2] Odds ratio and 95% confidence interval comparing only homelessness, only incarceration and both groups with those neither one, separately. [3] Brazilian minimum wage in 2006 = US$ 200. [4] CAPS: Public Mental Health Outpatient Clinics. [5] Sexually transmitted diseases. * Chi-square test statistically significant ($P < 0.05$). ** Chi-square test statistically significant ($P \leq 0.001$).

(Melo et al., 2018, p. 3729)

A pesquisa de Melo et. al., (2018) evidenciou que a exposição à violência, práticas sexuais de risco e uso de substâncias podem causar uma maior vulnerabilidade devido à falta de moradia e encarceramento compartilhado por pacientes brasileiros com doença mental. A pesquisa demonstrou que a história de encarceramento e situação de rua entre pacientes psiquiátricos no Brasil são

fortemente correlacionados e compartilham muitos fatores associados, como desvantagem socioeconômica, condições psiquiátricas graves, exposição à violência, comportamento sexual inseguro e uso de drogas.

Por fim, o estudo de Melo et. al., (2018) apontou que o cuidado integrado e as ações intersetoriais para o enfrentamento das adversidades sociais, redução da exposição às drogas ilícitas e à violência dessa população extremamente vulnerável devem ser considerados no âmbito da saúde, judiciário e assistência social. Sendo a implementação dessas políticas de forma integrada uma necessidade urgente no Brasil.

Outro estudo relevante para o debate foi o de Prather (2010), que abordou sobre a criminalização da população em situação de rua. Diante de seu estudo, foi demonstrado que as pessoas sem teto têm uma probabilidade significativamente maior de serem acusadas de crimes contra a propriedade privada do que as pessoas que não são sem teto. Prather (2010, p.14) também destacou que “os sem teto são mais propensos a detenção e encarceramento por contravenções, e uma série de outros crimes menores”.

De modo complementar podemos citar Karam (2015), que apontou em sua pesquisa um encarceramento da população em situação de rua por “pequenas causas e casos ínfimos”. O autor também sinalizou sobre a distinção do tratamento prestado por agentes de segurança pública que tendem a práticas de repressão, higienização social e criminalização em relação à população em situação de rua. O autor também acentuou que a questão social no Brasil foi tratada como caso de polícia e isso perdura até os dias atuais, sobretudo em relação à população em situação de rua.

Nesta direção, podemos destacar o estudo de Pimenta (2019) que por meio da Pesquisa Perfil e o Mundo dos Adultos em Situação de Rua de Porto Alegre, 2016, demonstrou que a maioria das pessoas em situação de rua entrevistadas possuem histórico de detenção, e que dentre os motivos se acentuam os crimes de pequeno potencial ofensivo e relacionados a propriedade. A pesquisa também identificou que uma parcela significativa dos entrevistados relatou terem sido detidas por estarem nas ruas, o que evidencia um processo de estigmatização e criminalização da população em situação de rua, conforme pode ser observado na citação abaixo:

> Dos entrevistados, 70,5% afirmou já terem sido detidos pela polícia, sendo que 23,5% uma vez e 47,0% mais de uma vez. Entre os principais motivos de detenção estão os delitos relacionados ao patrimônio, como roubos, assaltos, furtos e danos (26,5%). Porém, quase um quarto (24,2%) dos entrevistados relatou ter sido detido pelo fato de estar na rua, por engano ou denúncias da vizinhança, ou seja, sem terem cometido um delito, estando sujeitos, portanto, à estigmatização que a situação de rua provoca. A rotulação das pessoas em situação de rua como “suspeitas” ou como prováveis criminosos, especialmente pela polícia, aparece nas respostas daqueles que responderam terem sido detidos por outros motivos, por serem suspeitos (12,1%) ou por preconceito (6,1%) (Pimenta, 2019, p. 99).

Diante do exposto, foi possível observar brevemente a relação entre a trajetória de rua e as relações com a criminalidade e criminalização da situação de rua. Destacou-se os fatores estruturais e biográficos que perpassam por essa temática, que se apresenta como multidimensional e multicausal. Chamou atenção as respostas do Estado para o fenômeno, que muitas das vezes, incorre em processos de criminalização das pessoas em situação de rua diante de um processo de estigmatização. Por este motivo, a próxima subseção abordará sobre o estigma.

## 4 ESTIGMA

Como foi visto no capítulo anterior, o estigma faz parte do cotidiano da vida nas ruas e acarreta inclusive em processos de criminalização da população em situação de rua. É consenso entre os autores que o estigma atravessa a população em situação de rua - Moura Jr*. et al*, 2013; Machado, 2014; Alcantara *et al.,* 2015; Farias *et al.* 2016; Sicari, 2018; Marques *et al.* 2022. Para tanto, é preciso entendermos, afinal, o que é o estigma?

Erving Goffman em sua obra *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada,* afirmou que a origem do termo estigma advém dos gregos que se referiram aos sinais corporais para evidenciar algo. Goffman (2004) adverte para o fato que a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias.

É importante frisar que apesar do termo estigma ser usado em referência a um atributo depreciativo, Goffman focaliza o estudo sobre o estigma na linguagem de relações e não de atributos. Nesta direção, o autor afirma que “um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem horroroso nem desonroso” (Goffman, 2004, p. 6). Imbricado nessa relação se apresenta duas condições - a de desacreditado e de desacreditável, que se manifestam da seguinte maneira:

> O termo estigma e seus sinônimos ocultam uma dupla perspectiva: Assume o estigmatizado que a sua característica distintiva já é conhecida ou é imediatamente evidente ou então que ela não é nem conhecida pelos presentes e nem imediatamente perceptível por eles? No primeiro caso, está-se lidando com a condição do desacreditado, no segundo com a do desacreditável (Goffman, 2004, p. 7).

Além do mais, Goffman (2004) descreve três tipos de estigma: 1) as abominações do corpo; 2) as culpas de caráter individual; e 3) os estigmas de raça, nação e religião. Podemos identificar que a população em situação de rua se enquadra no segundo tipo. Isto porque “a pessoa em situação de rua carrega consigo os signos visíveis de sua indigência e abandono [...] Esses sinais são a marca do estigma social da pobreza” (Farias *et al*., 2016, p.33).

É importante destacar que quando Goffman aborda em sua obra sobre o encobrimento, ele descreve dois extremos - onde ninguém conhece o estigma e onde todos o conhecem. Nesse sentido, o autor destaca estigmas importantes:

> como das prostitutas, homossexuais, **mendigos** e viciados em drogas, que exigem que o indivíduo seja cuidadosamente reservado em relação a seu defeito com uma classe de pessoas, a polícia, ao mesmo tempo em que se expõe sistematicamente a outras classes, ou seja, clientes, cúmplices, contatos, receptadores de objetos roubados, etc. (Goffman, 2004, p. 65) (grifo meu)

Além disso, Goffman (2004) categoriza como desviantes sociais - as prostitutas, os viciados em drogas, os delinquentes, os criminosos, os músicos de jazz, os boêmios, os ciganos, os parasitas, os vagabundos, os gigolôs, os artistas de show, os jogadores, os malandros das praias, os homossexuais, e o mendigo. Sendo essas pessoas enredadas numa condição de negação coletiva da ordem social. E por meio de uma perspectiva meritocrática, são vistas por terem sido incapazes de alcançar o sucesso, por não terem aproveitado as oportunidades disponíveis que levariam a um caminho de aceitação na sociedade capitalista, representando assim defeitos nos esquemas de motivação da sociedade e ausência de moralidade.

A partir de um enfoque mais direcionado à população em situação de rua é possível observar que há uma visão estigmatizadora da sociedade que culpabiliza o sujeito por ele estar em situação de rua. Deste modo, as pessoas em situação de rua são vistas como “sujos, loucos, perigosos, preguiçosos” (Machado, 2014). Sendo ao longo do tempo julgados como “viciados em mendicância”, indivíduos carentes, malandros, preguiçosos ou perigosos” (Farias *et al.*, 2016, p. 33).

Acrescenta-se ainda, a estigmatização das pessoas que fazem da rua seu local de moradia e sobrevivência como “vagabundas, sujas, loucas, perigosas e coitadas” (Marques *et al*., 2022, p.124). Outras denominações demarcam o processo de estigmatização, como as nomenclaturas ‘mendigos’, ‘vagabundos’, ‘fedorentos’,‘cracudos’ usados habitualmente pela sociedade, reforçados pela mídia, que realçam elementos negativos a população em situação de rua, trazendo uma associação ao crime, e a ‘cracolândia’ a um espaço muito perigoso (Teixeira et al, 2019). Isto implica em representações sociais que condicionam a atenção dispensada a esse segmento população, como pode ser observado abaixo:

> As representações sociais de senso comum tendem a concebê-los ora pela perspectiva do abandono, da passividade e da impotência sendo, assim, “vítimas” das condições desiguais de existência, da precariedade da rede de proteção social do estado ou dos infortúnios da vida e, por essa razão, “merecedores de ajuda e caridade”; ora como responsáveis por sua própria condição, “sujeitos desviantes, vagabundos inadaptáveis ao trabalho e, portanto, ameaçadores da ordem pública por seu “‘potencial criminoso"' (Lemões, 2013, p. 41 *apud* Pimenta, 2019, p. 85)

Além disso, estudos apontam que nas relações com as instituições públicas de apoio a população em situação de rua, o uso de substâncias psicoativas apresenta-se como fator de “estigmas de culpabilidade e penalização de sua condição de rua, o que resulta na produção da identidade social do “encharcador”, ou seja, malandro, bêbado, que desqualifica essas pessoas e orienta a forma de tratá-las” (Alcantara *et al.,* 2015, p. 132). Cabe salientar que Marques *et al.,* (2022) afirmam que o uso de drogas está entre um dos principais motivos que levam uma pessoa para a situação de rua e é responsável por uma dupla estigmatização direcionada a esse grupo populacional.

O estigma também pode ser percebido em algumas ações higienistas direcionadas a essa população numa perspectiva de limpeza social. De tal forma que acaba induzindo um “ciclo estigmatizante que promove a imagem do morador de rua como sujeito poluidor”, que reafirma a imagem das pessoas em situação de rua como não desejadas nas cidades e buscam construir uma imagem falsa das cidades” (Sicari, 2018, p.48).

É importante dizer que o processo de estigmatização da população em situação de rua prejudica o acesso às políticas públicas, bem como a construção das possibilidades de saída das ruas (Brasil, 2011). Uma das barreiras de acesso pode ser atribuída ao sentimento de vergonha que o estigma imputa ao indivíduo. Isto porque “a vergonha se torna uma possibilidade central, que surge quando o indivíduo percebe que um de seus próprios atributos é impuro e pode imaginar-se como um não-portador dele” (Goffman, 2004, p. 10).

Para La Taille (1996) citado por Moura Jr. *et al*., (2013), a vergonha está relacionada ao sentimento de exposição, ou seja, de ser objeto do olhar dos outros. Essa afirmativa vai ao encontro de Zavaleta (2007) citado por Moura Jr. *et al.,* (2013), que explicita que a vergonha e a humilhação estão relacionadas a aspectos interacionais permeados por posições assimétricas de poder. Nesta direção, é importante salientar o aspecto relacional do estigma, tendo em vista que “o normal e

o estigmatizado não são pessoas, e sim perspectivas que são geradas em situações sociais durante os contatos mistos, em virtude de normas não cumpridas que provavelmente atuam sobre o encontro (Goffman, 2004, p. 117).

O sentimento de vergonha e humilhação atuam como barreiras. Um exemplo disso, é quando o sujeito tem desejo de restabelecer seus vínculos familiares, mas a situação de desemprego e a permanência nas ruas, lhe fazem sentir vergonha, fracasso e humilhação, e os impede de resgatar os vínculos com familiares e amigos (Machado, 2014). Além disso, as barreiras do estigma também podem impedir o acesso aos espaços da cidade, pois o sentimento de vergonha e humilhação pode fazer com que as pessoas não acessem determinados espaços públicos, e nem requisitem seus direitos (Moura Jr. *et al.,* 2013).

Portanto, podemos aferir que as representações sócio-históricas sobre o estigma podem provocar sofrimento psíquico, sentimento de vergonha, afastamento das relações familiares e sociais (Brito e Silva, 2022). Acarretando também na manutenção da violação de direitos sofrida, uma vez que as pessoas estigmatizadas não se percebem como sujeito de direitos.

Para ilustrar sobre a relação estigma e acesso a bens e serviços públicos, Teixeira et al (2019) realizaram uma pesquisa que tinha como objetivo identificar, nas falas dos profissionais das equipes de Consultório na Rua, como o estigma interfere no cuidado ofertado às pessoas em situação de rua, criando barreiras de acesso à saúde. Os autores concluíram que o estigma promove uma barreira de acesso ao cuidado da pessoa em situação de rua no sistema de saúde, além de barreiras no processo de reinserção social.

Portanto, é possível se deparar com o estigma no acesso aos bens públicos (Teixeira *et al.,* 2019) pelos próprios agentes públicos, que reproduzem discursos que afastam a população em situação de rua de obter seu direito garantido em lei. Na qual o sujeito não se considera como sujeito de direito, ficando em destaque a marca estigmatizante que carrega. Podemos dizer que esse tratamento dispensado pode estar relacionado à crença de “alguém com um estigma não seja completamente humano” (Goffman, 2004, p.8). Desta forma, se faz necessário “agregar novos significados à pluralidade e complexidade do fenômeno social “pessoas em situação de rua” contribui de maneira a impedir que se legitime uma

identidade estigmatizada e representa um esforço para desnaturalizar um fenômeno que é produzido social, histórica e culturalmente (Alcantara *et al.,* 2015, p. 141).

Outro debate feito por Goffman (2004) estabelece a diferença entre a identidade social e a identidade pessoal. Nesse processo de constituição de identidade, o autor chama atenção para aspectos não apenas objetivos, mas também para os fatores subjetivos que envolvem determinada situação e a continuidade e caráter que um indivíduo vem a obter como produto de suas diversas experiências sociais.

Cabe lembrar que as pessoas que possuem um estigma específico, no caso ocasionado pela situação de rua, tendem a ter experiências similares de aprendizagem devido à sua condição e a sofrer mudanças semelhantes na concepção do eu - ou seja, uma “carreira moral" semelhante, que não se apresenta apenas como causa, mas também como efeito do compromisso com uma sequência semelhante de ajustamentos pessoais (Goffman, 2004, p. 30). Nesse sentido, o estigmatizado pode realizar uma revisão de sua carreira moral, da seguinte forma:

> (...) o estigmatizado pode escolher e elaborar retrospectivamente as experiências que lhe permitem explicar a origem das crenças e práticas que ele agora adota em relação a seus iguais e aos normais. Um acontecimento em sua vida pode, assim, ter um duplo significado na carreira moral, em primeiro lugar como causa objetiva imediata de uma crise real, -e depois (e mais facilmente demonstrável), como meio para explicar uma posição comumente tomada. Uma experiência selecionada quase sempre para esse último objetivo é aquela em que o indivíduo recentemente estigmatizado aprende que os membros mais antigos do grupo se parecem bastante com seres humanos comuns (Goffman, 2004, p. 36)

A noção de carreira moral é muito importante porque indica que uma pessoa de determinada categoria social introduz uma sequência padronizada de mudanças em sua maneira de “conceber o eu” (Goffman,1974). Vale ressaltar que a constituição da carreira moral, impõe ao indivíduo uma construção de uma imagem do curso de sua vida - passado, presente e futuro - que corta, abstrai e deforma de tal forma que permite uma perspectiva de si mesmo que possa ser transmitido de maneira útil nas situações atuais (Goffman,1974). Exemplo disso, é o fato de pessoas egressas do sistema prisional que tentam esconder seu passado por causa do estigma (Goffman,1974).

Diante disso, podemos afirmar que “a biografia ligada à identidade documentada pode colocar nítidas limitações à maneira que um indivíduo pode

escolher para se apresentar” (Goffman, 2004, p 55). Deste modo, podemos perceber o manejo que indivíduo pode fazer para contar sua história na interação com outro, se materializando em seu objeto para biografia, conforme observado abaixo:

> Quer a linha biográfica de um indivíduo esteja registrada nas mentes de seus amigos íntimos ou nos arquivos de pessoal de uma organização, e quer ele porte a documentação sobre sua identidade pessoal ou esta documentação esteja armazenada em arquivos, ele é uma entidade sobre a qual se pode estruturar uma história há um caderno à sua espera pronto para ser preenchido. Ele é, certamente, um objeto para biografia. (Goffman, 2004, p. 56)

Percebe-se que as narrativas biográficas são impactadas pelas experiências dos indivíduos estigmatizados, que revelam ou não o seu curso de vida mediante a interação com o outro. Diante do exposto, foi possível conceituar e trazer os principais elementos do estigma e identificar como o estigma se apresenta na vida das pessoas em situação, por meio dos processos relacionais. Importante dizer que o estigma pode se configurar numa barreira para a saída da situação de rua, situação que é mais agravada quando também é atribuído o estigma por fatores criminógenos. Nessa direção, compreendendo as narrativas biográficas como algo imprescindível para o alcance do objetivo proposto desta pesquisa, o próximo capítulo abordará sobre a teoria do curso de vida.

## 5 TEORIA DO CURSO DE VIDA

Como vimos nos capítulos anteriores, a condição de rua requer um olhar voltado à historicidade e complexidade dos processos que culminaram na situação de rua, considerando os fatores multicausais. Processos que estão intrinsecamente interligados às rupturas nas dimensões afetivas, familiar, social e profissional (Pimenta, 2019). Dentre os fatores que envolve a dimensionalidade do fenômeno tem-se os fatores biográficos (relacionado com as histórias de vida e trajetórias individuais, como fragilidades e rompimentos nos vínculos familiares, transtornos mentais, uso abusivo de álcool e outras drogas, perdas) (Sousa e Macedo, 2019). Nessa perspectiva, espera-se que a teoria do curso de vida possibilite identificar quais as possíveis relações estabelecidas entre a trajetória de rua e trajetórias relacionadas à violência e à criminalidade.

Vale lembrar que a teoria do curso de vida emerge visando responder às seguintes questões: por que pessoas diferentes cometem crimes em idades diferentes, por que algumas ofendem com taxas altas e outras com taxas baixas, por que alguns continuam a ofender durante o curso de vida e outras desistem no final da adolescência, e que tipos de esforços de prevenção e intervenção podem ser desenvolvidos e implementados? (Piquero, 2015).

De acordo com Elder (2022), a teoria do curso de vida atravessou dois momentos iniciais significativos. O primeiro, datado antes de 1940 por meio da Escola de Chicago e o segundo que perpassou a década de 1960, em grande medida devido às mudanças sociais ocorridas nos respectivos períodos que reverberam no curso de vida dos indivíduos. Sendo percebidas as trajetórias de vida como expressões da mudança social que ocorria, a saber processos migratórios, guerras e depressões. O primeiro período foi acompanhado pelo crescimento acelerado das cidades resultando em processos de migração e desenvolvimento econômico, consequentemente elevou-se os índices de delinquência e crimes praticados, assim como a desorganização familiar.

Vale ressaltar também que a partir do estudo “The polish peasant in Europe and America" (1918-1920), de William I. Thomas and Florian Znaniecki’s, pesquisadores começaram a utilizar os registros de trajetórias de vida para estudar as mudanças sociais e individuais. Oliveira (2020) destaca o quanto este livro foi

relevante para evidenciar como o uso de histórias de vida podem contribuir para as ciências sociais por proporcionar a correlação entre indivíduos e contexto social.

Nesta perspectiva é importante lembrar que Blanco (2011) acentua que a perspectiva do curso de vida possui como eixo central da abordagem que diz respeito a como os eventos históricos e mudanças econômicas, demográficas, sociais e culturais configuram as vidas individuais e os grupos populacionais chamados coortes ou gerações. Sendo muito utilizado estudos longitudinais prospectivos ou retrospectivos que consigam capturar pontos centrais da vida dos sujeitos, por meio de metodologias tanto qualitativas como quantitativas.

Cabe destacar que a autora menciona as influências francesa e norte-americana na abordagem do curso de vida. E atribui ao enfoque derivado de demografia francesa uma análise ao qual tinha como objetivo buscar entender "... cómo un acontecimiento familiar, económico o de otro tipo que enfrenta un individuo modificará la probabilidad de que se produzcan otros eventos en su existencia" (Courgeau y Leliévre, 2001: 15 *apud* Blanco, 2011, p. 6).

Essa afirmação pode se relacionar a uma reflexão com base no tema proposto por essa pesquisa, tendo como exemplo a discussão sobre a característica de fechamento das instituições totais, considerando que a trajetória de criminalidade pode incorrer em momentos de aprisionamento. Segundo Goffman (1974), o fechamento ou caráter total de uma instituição é simbolizado pela barreira em relação ao mundo externo. Sendo assim, as barreiras da prisão podem levar a rupturas de vínculos familiares e comunitários, desemprego, e outras privações que impactaram no curso de vida mesmo após alcançar a liberdade, sendo a rua uma alternativa de moradia. Sendo assim, o acontecimento da prisão pode ajudar a explicar a probabilidade de produção de outros eventos como a ida e permanência nas ruas. Tendo em vista que com antecedentes criminais é mais difícil alcançar a inserção no mercado de trabalho, por exemplo.

Blanco (2011) também afirma que a perspectiva da teoria do curso de vida visa aglutinar aspectos macroestruturais com aspectos micro sociais, de forma simultânea. Nesta direção, se atenta aos papéis exercidos ao longo do tempo pelos sujeitos, bem como as fases da vida. Para aprofundar o entendimento sobre como se dá a compreensão acerca da teoria do curso de vida é preciso inicialmente ter a clareza de alguns conceitos chaves. Para Elder, os conceitos de trajetória e

transição são centrais para a análise. De acordo com Nguyen e Loughran (2015) as trajetórias são padrões de comportamento de longo prazo

Para Elder a trajetória compreende os eventos que ocorrem em um período estendido de tempo (trabalho, casamento, salário, autoestima). Blanco (2011) citando Elder complementa dizendo que este conceito se refere a uma linha de vida ou carreira, a um caminho ao longo do qual ao longo da vida, que pode sofrer modificações em direção, grau e proporção. Ainda segundo Blanco (2011) as trajetórias abrangem uma variedade de campos como trabalho, escolarização, vida reprodutiva, migração, etc. que são interdependentes. “Las trayectorias dan la visión dinámica, por ejemplo, del comportamiento o los resultados, a lo largo de una parte sustancial del curso de vida (Elder, Shanahan, 2006 *apud* Blanco, 2011, p.12).

O conceito de trajetória é extremamente importante para essa pesquisa porque se busca identificar as possíveis relações estabelecidas entre a trajetória de rua e trajetórias relacionadas à violência e à criminalidade. A conformação destas trajetórias pode corresponder a como que alguns eventos contribuíram para fomentar a ida, permanência e saída das ruas. Como vimos no capítulo 2, ser egresso do sistema prisional foi elencado na pesquisa realizada pela Prefeitura de Contagem como um dos motivos para a ida para a situação de rua. Também foi pontuado políticas para egressos do sistema prisional como uma forma de saída da situação de rua. Esses dados correlacionados podem indicar que a “reinserção social” precisa ser realizada de forma concreta a partir de oportunidades e políticas públicas que garantem uma maior integração do egresso ao mundo do trabalho e da constituição de novos vínculos sociais. Além disso, a revisão da literatura permitiu identificar um fator de transversalidade da violência na configuração da situação de rua.

Elder afirma que a transição corresponde aos eventos que ocorrem / marcam curtos períodos da vida (se separar, ou se casar, começar um emprego, perder alguém próximo etc.) Transições são sempre envolvidas em trajetórias e se distinguem da forma e do significado. Importante definir / especificar qual o ponto que transições ocorrem dentro de uma fase social particular de trajetórias. Conforme Nguyen e Loughran (2015) às transições estão embutidas nas trajetórias, e correspondem a períodos mais curtos de tempo, e tem o poder de modificar as

trajetórias. Para estes autores, quando as transições alteram drasticamente as trajetórias podem inferir em turning points.

Para Blanco (2011) as transições se referem às mudanças de estado, posição ou situação. Como exemplo podemos citar as entradas e saídas no matrimônio, mercado de trabalho, sistema prisional e situação de rua. Importante dizer que a autora complementa dizendo que as transições não são estanques, ou seja, são dinâmicas, e podem ocorrer de forma simultânea. Por exemplo, uma pessoa pode perder o emprego, se divorciar e ir para a situação de rua, nesse caso observa-se três transições em seu curso de vida que estará intrinsecamente relacionado a sua trajetória.

Conforme Nguyen e Loughran (2015), os turning points surgem nos processos do curso de vida atrelados às trajetórias e às transições. De acordo com Blanco (2011) o conceito de turning point está ligado aos eventos que provocam fortes mudanças e podem também estar relacionadas ao aspecto subjetivo do sujeito. Este conceito foi mais bem compreendido por Sampson e Laub (1993). Para eles os turning points, em graus diversos, envolvem a emersão de novas situações que separam o passado do presente, fornecem supervisão e monitoramento também como novas oportunidades de apoio e crescimento social, transformam e estruturam as atividades rotineiras, e oferecem a oportunidade para a transformação da identidade (Sampson, Laub, 1993, p. 17-18).

Elder também sinaliza que alguns eventos são importantes pontos de virada no curso de vida que provocam mudanças. Aos quais é preciso levar em conta quatro conjuntos de variáveis: 1) a natureza do evento ou transição, sua gravidade, duração e assim por diante; 2) os recursos, crenças e experiências que as pessoas trazem para a situação; 3) como a situação ou evento é definido; 4) linhas ou adaptações resultantes escolhidas entre as alternativas disponíveis.

Outro conceito relevante que é trazido pela teoria e se associa ao tema da pesquisa é o de desvantagem acumulativa. Este conceito revela que a prisão e, especialmente, o encarceramento podem desencadear o fracasso na escola, o desemprego e laços comunitários fracos, por sua vez, aumentando o crime adulto (Nguyen e Loughran). De maneira complementar Moffitt (1993) também destaca que os rótulos acumulados no início da vida podem excluir oportunidades posteriores,

sendo assim, um registro de prisão pode excluir empregos lucrativos, ensino superior ou um casamento vantajoso.

Sampson e Laub (1993) afirmaram que o comportamento criminoso corresponde a uma propriedade socialmente emergente e contextualmente moldada. Nesta direção é importante a compreensão sobre as trajetórias de vida, as transições e os turning points. Ademais, destaca-se que fatores históricos, culturais e sociais, bem como as características individuais e a agência individual, desempenham um papel fundamental em eventos importantes da vida.

Além disso, Blanco (2011) e Nguyen; Loughran (2015) destaca que os princípios da abordagem do curso de vidas, a saber:

1) Desenvolvimento ao longo do tempo - se refere à concepção de desenvolvimento humano como processo que vai do nascimento à morte, no qual é preciso ter uma perspectiva de pesquisa e análise de longo prazo. Podemos afirmar também que envolve a ideia de que para se entender o presente é preciso compreender o passado. Nas palavras da autora: “Además, responde a la idea general de que para entender un momento o etapa específica resulta relevante conocer aquello que lo precedió” (Blanco, 2011, p. 14). Desta forma, é possível analisar a relação entre mudança social e desenvolvimento individual.
2) Tempo e lugar - se refere a importância do contexto. Nesta perspectiva podemos citar a importância da perspectiva geracional sobre os grupos.

> En términos más operacionales, la idea básica es que nunca hay que olvidar que las biografías de las personas se ubican en tiempos históricos y comunidades determinados y que, por lo mismo, todos aquellos que pertenecen a una cohorte comparten ciertas características fundamentales, aunque, por supuesto, no son homogéneas ya que hay que tomar en consideración las distinciones por género, por clase social o estrato socioeconómico y por raza o etnia, entre otras (Elder y Giele, 2009 *apud* Blanco,2011, p.14).

3) Timming - refere-se ao **momento da vida** de uma pessoa em que ocorre um evento. Isso implica dizer que o mesmo evento pode impactar de forma distinta as pessoas a depender do ciclo de vida na qual se encontra. Como exemplo pode-se citar que o falecimento dos pais na fase infantil é totalmente diferente do que na fase adulta. Além do que é preciso considerar as

circunstâncias. Outro aspecto relevante é que a depender do momento pode acarretar consequências futuras que impactará toda a trajetória de vida por causa do efeito que pode causar sob outras transições, como por exemplo a gravidez na adolescência pode impactar em transições escolares e no mercado de trabalho, mas também pode alterar a dinâmica familiar. Cabe ressaltar que neste princípio, como em todos os outros, são sempre levados em consideração marcadores sociais, como classe, gênero e raça e etnia. “Uno de los temas que se desprende de este princípio es el de los procesos de acumulación de ventajas y desventajas a lo largo del curso de vida” (O’rand, 2009; O’rand y Henretta, 1999 apud Blanco,2011,p. 15 ).

4) Vidas interconectadas - parte do pressuposto que as vidas humanas possuem interdependência por meio das redes compartilhadas estabelecidas na qual se transpõe as influências sócio-históricas. “Es porque las vidas se viven en interdependencia que las transiciones individuales frecuentemente implican transiciones en las vidas de otras personas” (Blanco,2011, p.15). Como foco de análise tem-se as relações entre familiares, amigos, vizinhos, etc.

5) Livre arbítrio/ agência - advém da discussão entre relações de causalidade entre o individual e o estrutural. Parte do pressuposto que os sujeitos são ativos e suas tomadas de decisões constroem seus próprios cursos de vida. Entretanto, não é desconsiderada pela teoria que as tomadas de decisões levam em conta que o processo de escolha envolve uma estrutura de oportunidades: “las personas pueden moldear sus vidas pero lo hacen dentro de límites socialmente estructurados, como se refleja en las oportunidades y las limitaciones que, a su vez, van cambiando históricamente” (Shanahan y Elder, 2002: 176 apud Blanco, 2011, p.15).

Por fim, vale destacar que a criminologia do desenvolvimento e do curso de vida preocupa-se com três questões centrais: o desenvolvimento de comportamento ofensivo e antissocial, fatores de risco em diferentes idades e os efeitos dos eventos da vida no curso do desenvolvimento (Farrigton, 2003).

Diante do exposto, espera-se que o enfoque no curso de vida permita analisar como os eventos históricos e as mudanças econômicas, demográficas, sociais e culturais impactaram na vida das pessoas em situação de rua. As transições que fazem parte da vida dessas pessoas se tornam um ponto de análise fundamental, pois a ida para a situação de rua e a saída da situação de rua são momentos de transição que trazem indicadores individuais, mas também sociais. Especialmente, no que tange as trajetórias de violências que permeiam este grupo. Portanto, os conceitos de trajetória, transição e turning point são fundamentais para análise do curso de vida das pessoas em situação de rua e egressas do sistema prisional que serão entrevistadas. Nesta perspectiva, considerando que a teoria do curso de vida se apresenta como fundamento teórico, mas também metodológico, o próximo capítulo abordará sobre a metodologia empregada na pesquisa.

## 6 METODOLOGIA

Considerando que o objetivo da pesquisa consistiu em identificar quais as possíveis relações estabelecidas entre a trajetória de rua e trajetórias relacionadas à violência e à criminalidade, esta pesquisa utilizou a metodologia qualitativa com enfoque na abordagem retrospectiva do curso de vida.

> A escolha do foco qualitativo desta investigação se justifica pelas contribuições que a metodologia qualitativa oferece à compreensão do objeto de estudo em suas diversas dimensões, dado o seu potencial para manejar os elementos complexos e dinâmicos dos fenômenos sociais, compreendendo-os de forma mais ampla e em suas inter-relações com o universo de "significados, motivações, aspirações, crenças, valores, atitudes, ideologias, que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não são redutíveis a simples operação de variáveis, um nível de realidade que não pode ser apenas quantificado" (Minayo, 2004, p. 21 *apud* Alcantara, 2015)

Ressalta-se que a abordagem do curso de vida foi escolhida para a pesquisa porque possibilita o estudo da vinculação entre as vidas individuais e a mudança social, levando em consideração as trajetórias que são conformadas ao longo do curso de vida das pessoas. Para tanto, a história de vida foi utilizada como processo metodológico. Por meio da qual, objetivou-se através da fala dos entrevistados delinear as trajetórias vivenciadas, e posteriormente realizar a análise. Acentua-se que o método retrospectivo possui suas limitações porque conta com a memória dos participantes e seus discursos, mas nem por isso deixou de ser uma estratégia metodológica que permitisse aprofundar as análises no sentido de responder as questões de investigação.

Vale ressaltar que trabalhar com a perspectiva da construção de narrativas é fundamental para os estudos biográficos. Sendo fundamental a contribuição e impacto que causa no sujeito que narra sua própria história de vida, como pode ser observado na explicitação abaixo:

> (...) a narração resgata e reconstrói o passado e assim, abre um novo horizonte sobre o presente e o futuro. Aquele que narra, por sua vez, não tem por objetivo transmitir a coisa em si mesma, como se fornecesse informação. Ele deixa aflorar a marca de si mesmo na coisa narrada,como quem faz um trabalho artesanal, de muitas costuras e arremates, idas e vindas entre o lembrado e o esquecido (Walter Benjamin,1980 *apud* Nobre et al., 2018).

Deste modo, por meio das narrativas dos sujeitos é estudado os modos como os atores constroem sua subjetividade a partir da influência de eventos passados sobre vivências cotidianas (Das, 2011 citado por Holanda, 2019). Ao abordar especificamente sobre a população em situação de rua na perspectiva de construção de narrativas é preciso considerar como um processo que culmina em diversos desafios. Principalmente, no campo das inter-relações entre entrevistador e entrevistado, como pode ser visto a seguir:

> (..) de acordo com Escorel (1999), o processo de acercamento das narrativas de pessoas que vivem nas ruas é particularmente desafiador, pelas dificuldades de acesso a elas e pela complexidade de lidar com "falas prontas", cujo conteúdo e tom variam de acordo com a relação estabelecida com o interlocutor, de modo que ficções, dissimulações, abstrações e racionalizações se misturam em discursos cuja compreensão e interpretação são difíceis (Nobre *et al.,* 2018, p. 5).

Como visto anteriormente na subseção sobre o estigma, esta construção das narrativas está também ligada à noção de carreira moral, tendo em vista que a constituição da carreira moral, impõe ao indivíduo uma construção de uma imagem do curso de sua vida - passado, presente e futuro - que corta, abstrai e deforma de tal forma que permite uma perspectiva de si mesmo que possa ser transmitido de maneira útil nas situações atuais (Goffman,1974). Diante disso, podemos afirmar que "a biografia ligada à identidade documentada pode colocar nítidas limitações à maneira que um indivíduo pode escolher para se apresentar" (Goffman, 2004, p 55).

É importante destacar que as trajetórias não se constituem como lineares e contínuas (Lanfranchi *et al*., 2019; Freitas, 2010). Deste modo, são refutados "os modelos que entendem as trajetórias dos sujeitos como "uma cronologia ordenada, uma personalidade coerente e estável, ações sem inércia e decisões sem incertezas" (Levi, 2006, p. 169 *apud* Freitas, 2010, p.91).

Deste modo, espera-se encontrar uma diversidade de atributos e repertórios contextuais ligados ao processo de configuração da situação de rua, como assinalado abaixo:

> Assim, ao se partir de relatos individuais, encontram-se significados e repertórios contextuais derivados "do mundo da vida mais do que a partir de noções abstratas de semântica estrutural" (Das, 2011, p. 19) que apontam

> para uma “cartografia de territórios existenciais reais e/ou em vias de existir” (Goldman, 2008, p. 2 apud Holanda, 2019)

Nesta perspectiva, não deixou de ser compreendida nas narrativas o fato de que a história de vida da população em situação de rua é atravessada por fatores estruturais e biográficos. Dentre os quais, se destaca: perdas de vínculos, rupturas, desemprego, exclusão social e envolvimento, como produtora ou alvo, com atos violentos e criminosos (Brito e Silva, 2022).

Outra observação em questão na pesquisa versa sobre os estudos da sociologia psicológica discutida por Lahire que serviu de caminho metodológico circunscrito nas etapas da pesquisa. Para este autor, ao estudar o social individualizado, ou seja, “o social refratado em um corpo individual — cuja peculiaridade é atravessar os diferentes grupos, instituições, campos de forças e de lutas e cenas —, é estudar a realidade social sob a forma incorporada, interiorizada” (Lahire, 2008, p. 375).

Isto porque “o social não se reduz às relações sociais ou às diferenças sociais entre grupos ou categorias. (...) Os indivíduos são aquilo que suas múltiplas experiências sociais fazem deles” (Lahire, 2008, p.376). Compreende-se aí a relevância dos múltiplos contextos que o indivíduo atravessa em sua trajetória de vida. Portanto, “um simples efeito de escala, a compreensão do singular enquanto tal, ou seja, do indivíduo como produto complexo de diversos processos de socialização, força a ver a pluralidade interna do indivíduo: o singular é necessariamente plural” (Lahire, 2008, p. 382).

Nesta direção, os dados primários foram coletados por meio da realização de entrevistas semiestruturadas individuais a 10 pessoas em situação de rua, presencialmente no município de Contagem. Para tanto, foi utilizado a amostragem intencional para a seleção dos entrevistados. Como critério de participação, primeiramente resgatamos a definição do público-alvo da pesquisa. De acordo com a Política Nacional para População em Situação de Rua, este grupo configura por ser heterogêneo, possuir em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados. Além do que, não tem moradia convencional regular, utilizando os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente. Pode também fazer uso de unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória (Brasil,2009).

Para a realização das entrevistas foi construído um roteiro que considerou a história de vida, como uma estratégia de apreensão da realidade para poder capturar os retratos das vivências e seus significados atribuídos pelos próprios sujeitos da pesquisa (Alcantara, 2015). Com base na literatura específica sobre a temática, o roteiro considerou as seguintes dimensões: família, relações com os pares, escolaridade, trabalho, criminalidade. Tais dimensões foram elencados considerando os conceitos de trajetória, transição, turning points e acumulação de desvantagem que estão presentes na teoria do curso de vida (Sampson e Laub, 2006).

A coleta das informações foi feita nos equipamentos públicos em que os entrevistados acessam, tal posicionamento se justificou em função de se pensar num espaço mais adequado para que se evitar interferências de outras pessoas e ruídos, o que não seria possível nas ruas. A seleção dos sujeitos da pesquisa ocorreu mediante interlocução com as unidades da assistência social, em particular, o Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua e as unidades de Acolhimento Institucional para Pessoas em situação de rua - Abrigo Bela Vista e Casa de Passagem de Contagem. Por este motivo, é importante caracterizar o lócus da pesquisa a seguir.

O Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua - Centro Pop, configura-se como um espaço destinado à oferta de atenção especializada no SUAS às pessoas em situação de rua. Em Contagem, esta unidade de assistência social está implementada desde 2011. Nele são ofertados dois serviços: Serviço Especializado em Abordagem Social e Serviço Especializado para pessoas em situação de rua, conforme Resolução nº 109 de 11 de novembro de 2009 -aprova a Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais.

O Serviço especializado em abordagem social é ofertado, de forma continuada e programada, com a finalidade de assegurar trabalho social de abordagem e busca ativa que identifique, nos territórios, a incidência de trabalho infantil, exploração sexual de crianças e adolescentes, situação de rua, dentre outras. Deverão ser consideradas praças, entroncamento de estradas, fronteiras, espaços públicos onde se realizam atividades laborais, locais de intensa circulação de pessoas e existência de comércio, terminais de ônibus, trens, metrô e outros. O Serviço deve buscar a resolução de necessidades imediatas e promover a inserção

na rede de serviços socioassistenciais e das demais políticas públicas na perspectiva da garantia dos direitos.

O Serviço especializado em abordagem social tem como objetivos;

- Construir o processo de saída das ruas e possibilitar condições de acesso à rede de serviços e a benefícios assistenciais;

- Identificar famílias e indivíduos com direitos violados, a natureza das violações, as condições em que vivem, estratégias de sobrevivência, procedências, aspirações, desejos e relações estabelecidas com as instituições;

- Promover ações de sensibilização para divulgação do trabalho realizado, direitos e necessidades de inclusão social e estabelecimento de parcerias;

- Promover ações para a reinserção familiar e comunitária.

O Serviço especializado para pessoas em situação de rua é ofertado para pessoas que utilizam as ruas como espaço de moradia e/ou sobrevivência. Tem a finalidade de assegurar atendimento e atividades direcionadas para o desenvolvimento de sociabilidades, na perspectiva de fortalecimento de vínculos interpessoais e/ou familiares que oportunizem a construção de novos projetos de vida. Oferece trabalho técnico para a análise das demandas dos usuários, orientação individual e grupal e encaminhamentos a outros serviços socioassistenciais e das demais políticas públicas que possam contribuir na construção da autonomia, da inserção social e da proteção às situações de violência. Deve promover o acesso a espaços de guarda de pertences, de higiene pessoal, de alimentação e provisão de documentação civil. Proporciona endereço institucional para utilização, como referência, do usuário. Nesse serviço deve-se realizar a alimentação de sistema de registro dos dados de pessoas em situação de rua, permitindo a localização da/pela família, parentes e pessoas de referência, assim como um melhor acompanhamento do trabalho social.

O Serviço especializado para pessoas em situação de rua tem como objetivos:

- Possibilitar condições de acolhida na rede socioassistencial;

- Contribuir para a construção de novos projetos de vida, respeitando as escolhas dos usuários e as especificidades do atendimento;

- Contribuir para restaurar e preservar a integridade e a autonomia da população em situação de rua; - Promover ações para a reinserção familiar e/ou comunitária

Em Contagem, o Abrigo Bela Vista foi implementado em 1998 e a Casa de Passagem em 2020. Ambos correspondem a unidade de assistência social que oferta o serviço de acolhimento institucional, que consiste em acolhimento provisório com estrutura para acolher com privacidade pessoas do mesmo sexo ou grupo familiar. É previsto para pessoas em situação de rua e desabrigo por abandono, migração e ausência de residência ou pessoas em trânsito e sem condições de autossustento. Este serviço apresenta como objetivos:

-Acolher e garantir proteção integral;

- Contribuir para a prevenção do agravamento de situações de negligência, violência e ruptura de vínculos;

- Restabelecer vínculos familiares e/ou sociais;

- Possibilitar a convivência comunitária;

- Promover acesso à rede socioassistencial, aos demais órgãos do Sistema de Garantia de Direitos e às demais políticas públicas setoriais;

- Favorecer o surgimento e o desenvolvimento de aptidões, capacidades e oportunidades para que os indivíduos façam escolhas com autonomia;

- Promover o acesso a programações culturais, de lazer, de esporte e ocupacionais internas e externas, relacionando-as a interesses, vivências, desejos e possibilidades do público.

- Acolher e garantir proteção integral;

- Contribuir para a prevenção do agravamento de situações de negligência, violência e ruptura de vínculos;

- Restabelecer vínculos familiares e/ou sociais;

- Possibilitar a convivência comunitária;

- Promover acesso à rede socioassistencial, aos demais órgãos do Sistema de Garantia de Direitos e às demais políticas públicas setoriais;

- Favorecer o surgimento e o desenvolvimento de aptidões, capacidades e oportunidades para que os indivíduos façam escolhas com autonomia;

- Promover o acesso a programações culturais, de lazer, de esporte e ocupacionais internas e externas, relacionando-as a interesses, vivências, desejos e possibilidades do público.

Como dito anteriormente, a amostragem intencional ocorreu por meio das unidades de assistência social que prestam atendimento à população em situação de rua. Sendo assim, foram realizadas quatro entrevistas no Abrigo Bela Vista, três na Casa de Passagem e três no Centro Pop do município de Contagem/MG. A finalidade da variação do lócus da pesquisa, foi na perspectiva de avaliar se haveria uma diferenciação nos discursos, tendo em vista as especificidades de cada unidade de assistência social.

Nesta direção, foi realizado diálogo com a coordenação dessas unidades para permissão da entrada no campo. Por eu atuar na Secretaria de Desenvolvimento Social, Trabalho e Segurança Alimentar de Contagem, já conhecia as profissionais desses espaços. Portanto, foi explicado o objetivo da pesquisa e foi facilitado a entrada no campo. As e os profissionais contribuíram no convite dos entrevistados a participarem da pesquisa. E a seleção dos entrevistados ocorreu por disponibilidade em dar a entrevista. Foi concedido pelas unidades uma sala de atendimento para que pudesse realizar as entrevistas.

No ato das entrevistas, inicialmente foi explicado os objetivos, benefícios e riscos da pesquisa, sendo apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da UFMG[8]. Além do mais, foi disponibilizado para os participantes da pesquisa uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da UFMG, e outra via ficou com a responsável pela pesquisa. Foi ressaltado também que a identificação na pesquisa seria por nome fictício, sendo garantido a preservação da identidade dos entrevistados. É importante ressaltar que a escolha dos nomes fictícios foi realizada por cada entrevistado pelo nome que gostaria de ser identificado.

Cabe destacar que com a realização das entrevistas alguns benefícios não previstos no TCLE, emergiram das falas dos entrevistados, tais como: “Então eu poder estar aqui eu não só to ajudando a vocês da UFMG, eu estou me ajudando, a não tamponar minhas emoções. Então pra mim é também um movimento catártico,

[8] Pesquisa aprovada pelo COEP, conforme **CAAE:** 52775521.4.0000.5149. comprovante de envio nº 123317/2021.

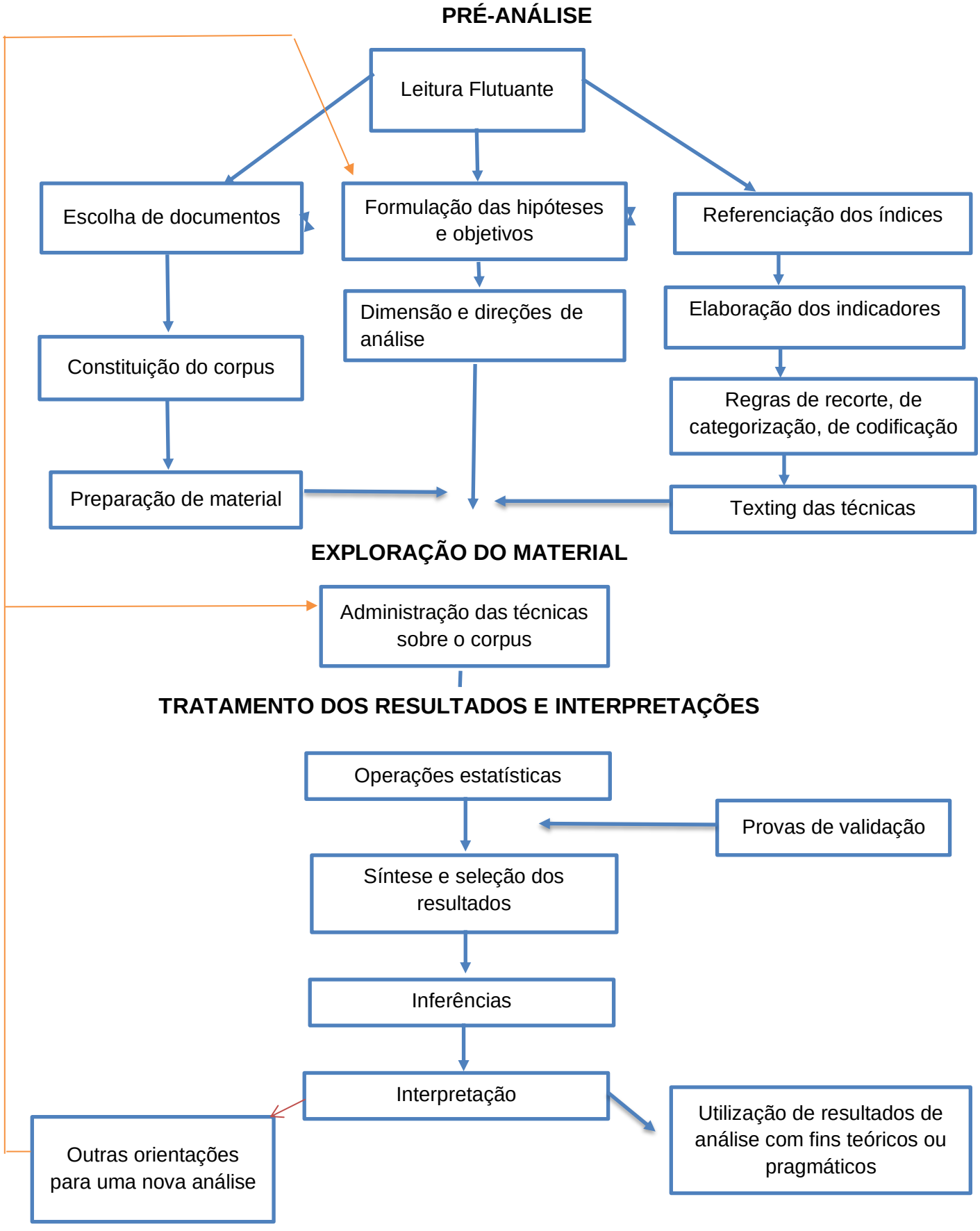
ta bom?!" (Bianca); "Eu vou te contar de verdade, coisas que eu não falo pra todo, mas pode por aí porque todo mundo tem que saber. É o meio de evitar" (Paul Cezane); "Poxa, você me fez lembrar minha rubrica, quantos anos que eu não faço isso" (Snoopy).

Portanto, foi observado diante da relação entrevistadora e entrevistados mediante a metodologia retrospectiva uma potencialidade em proporcionar um momento de catarse que fez bem a entrevistada, a um sentimento de contribuir com a sociedade de modo a alertar sobre fatos que possam evitar uma situação e por fim reviver algo que sua história que relembre sua identidade, pois a utilização da rubrica era utilizada em seu trabalho e isso trouxe uma nostalgia boa no momento da entrevista.

## 7 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

A análise e interpretação dos dados ocorreu por meio da análise de conteúdo de Bardin (1977). Esta consiste num conjunto de técnicas de análises de comunicações que utiliza de procedimentos sistemáticos e descrição dos conteúdos de mensagens com a finalidade de extrair indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relacionados às condições de produção das mensagens. Este tipo de análise se organiza em três polos cronológicos: pré-análise, exploração do material e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação, conforme pode ser verificado no esquema reproduzido logo abaixo:

**DESENVOLVIMENTO DE UMA ANÁLISE** (BARDIN, 1977, P. 102)



A pré-análise consiste num momento de organização das ideias iniciais por meio de um processo de sistematização que corrobora para a elaboração do plano de análise. Segundo Bardin (1977), este processo envolve a leitura flutuante, a escolha dos documentos, a formulação de objetivos e hipóteses, a referenciação dos índices e elaboração de indicadores, e por fim, a preparação do material.

Em seguida, temos a exploração do material, que implica na realização de codificação. Para Bardin (1977, p.103) “tratar o material é codificá-lo”. A codificação compreende uma transformação dos dados brutos do texto numa representação/caracterização do conteúdo do texto, através de recorte, agregação ou enumeração, que podem valer como índices. Sendo assim, a organização da codificação envolve três processos: o recorte (escolha das unidades), a enumeração (escolha das regras de contagem) e a classificação e a agregação (escolha das categorias). É importante destacar que o processo de codificação pressupõe uma ligação entre a teoria e os dados obtidos.

Para a finalidade da pesquisa em tela, utilizou como unidade de análise o tema. Além disso, foi utilizado aquilo que Bardin (1977) denomina como *objeto ou referente*, que se trata de temas eixo, em torno dos quais o discurso é organizado. Nesse caso, o recorte do texto é realizado em razão de temas eixo, agrupando aquilo que o entrevistado expressa a seu respeito. Nesta direção, foram elencados os seguintes temas:

1) Marcadores de desigualdade social;
2) Entrada, permanência e desistência da situação de rua
3) Entrada, permanência e desistência da situação da criminalidade e prisão
4) Rupturas
5) Violências
6) A relação entre o dentro e o fora da prisão
7) Uso abusivo de drogas
8) Estigma
9) Rede de acesso
10) Espiritualidade

Posteriormente, foi realizada a categorização dos dados. De acordo com Bardin (1977), categorizar elementos em categorias possibilita a verificação de

similitudes e disparidades por meio dos agrupamentos. Sendo assim, a categorização implica em duas etapas: o inventário (o isolamento dos elementos) e a classificação (repartição dos elementos objetivando a organização das mensagens). Portanto, a categorização possibilita, por meio da condensação, a representação simplificada dos dados. Ademais, cabe salientar que para Bardin (1977) a análise de conteúdo consiste num instrumento de indução para a investigação por meio das variáveis preestabelecidas, sejam elas variáveis inferidas ou de inferência.

Por fim, considerando que a teoria do curso de vida também conduziu o processo de análise, cabe ressaltar a compreensão acerca desta como um processo analítico:

> história de vida: Uma representação narrativa da história de vida de uma pessoa, tentando capturar a história de vida e também seus pontos de inflexão e temas chave. As histórias de vida de interesse vêm daquelas pessoas cujos grupos sociais, interações, ou estilos de vida foram o principal tema de estudo (Yin, 2016, s/p).

Sendo assim, será apresentado uma sessão especificamente sobre as trajetórias de vida dos entrevistados mais adiante. O capítulo apresentará uma breve caracterização dos entrevistados. Em sequência apresentará um resumo de suas trajetórias individuais. E por fim, será apresentada a análise e interpretação dos dados.

## 7.1 Caracterização dos entrevistados[9]

Tabela 14: Caracterização dos entrevistados

| ENTREVISTADOS | SEXO | ORIENTAÇÃO SEXUAL | COR/RAÇA | IDADE | ESCOLARIDADE | SITUAÇÃO OCUPACIONAL | LOCAL DA ENTREVISTA |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Bianca | masculino | homossexual | Preta | 42 anos | nível médio completo | estudante/ desempregada | ABRIGO BELA VISTA |
| Iago | masculino | heterossexual | Parda | 49 anos | nível fundamental incompleto | vendedor de balas no sinal | ABRIGO BELA VISTA |
| Paul Cezane | masculino | homossexual | Parda | 54 anos | nível médio incompleto | desempregado* | ABRIGO BELA VISTA |
| José | masculino | heterossexual | Parda | 47 anos | nível fundamental incompleto | ajudante geral | ABRIGO BELA VISTA |
| Dângelo | masculino | heterossexual | Parda | 32 anos | nível fundamental completo | estudante/ desempregado | CASA DE PASSAGEM |
| Snoopy | masculino | heterossexual | Parda | 45 anos | nível fundamental incompleto | desempregado | CASA DE PASSAGEM |
| Cássio | masculino | heterossexual | Parda | 43 anos | nível fundamental completo | reciclador | CASA DE PASSAGEM |
| Negão | masculino | heterossexual | Preta | 53 anos | nível fundamental incompleto | Motorista/reciclador | CENTRO POP |
| Cristina | feminino | heterossexual | Preta | 35 anos | nível fundamental incompleto | desempregada | CENTRO POP |
| Eldorado | masculino | heterossexual | Preta | 32 anos | nível médio incompleto | reciclador | CENTRO POP |

[9] Conforme mencionado na metodologia, foram utilizados nomes fictícios para a identificação dos sujeitos da pesquisa.

Percebe-se que a maioria dos entrevistados são do sexo masculino. É importante mencionar que os dados sobre a população em situação de rua apontam a predominância do sexo masculino, como visto no capítulo sobre o perfil da população em situação de rua por meio dos dados do CECAD. Entretanto, destaca-se como de extrema importância a amostra conter uma pessoa do sexo feminino.

Pesquisas como a de Esmeraldo e Ximenes (2022) demonstram que a ocupação do lugar público por mulheres é motivo de estranhamento, pois a sociedade machista e patriarcal impõe as mulheres o lugar do privado, nessa concepção o lugar da mulher é do doméstico. Consequentemente, faz com que o dia a dia de mulheres em situação de rua seja observado por meio de uma repulsa da sociedade. A fala da entrevistada revela de que modo o gênero perpassa por um agravamento da situação de rua: *"a rua é um perigo, que eu falo: ficar em rua pra mulher, qualquer uma pessoa, mas mais pra mulheres ainda, então é muito ruim. (Cristina)*

Ainda no que diz respeito ao gênero, a trajetória de vida da entrevistada revelou que esta teve sua maternidade negada. Ela perdeu a guarda de seus quatro filhos. Em suas palavras: "*Dois foram adotados. Um mora com pai. E agora um está no albergue, no abrigo".* (Cristina). De acordo com Coldibeli, Paiva e Batista (2022) citando Sanchotene, Antoni e Munhós (2019) é observado um sofrimento de mulheres em situação de rua que desejam estar junto aos seus filhos, mas que são afastadas de seus cuidados, sendo estes tutelados por familiares ou pelo Estado, mediante as instituições de acolhimento institucional. Esse sofrimento é expresso na seguinte fala da entrevistada: "*não queira saber dessa dor. Que é só Jesus. Não queira porque dói, machuca. Um filho que é retirado da mãe (...) foi tirado foi na maternidade, foi a força, em tempo de quebrar o pescoço do meu filho*." (Cristina)

Kamalurk et al (2018) no texto intitulado "*De quem é este bebê? Movimento social de proteção do direito de mães e bebês juntos, com vida digna*!" denunciou as práticas de retirada de bebês nas maternidades de Belo Horizonte de suas mães por possuírem trajetória de rua e histórico de uso abusivo de drogas, ressaltando que em sua maioria eram mulheres negras e pobres. Fazer essa demarcação em relação aos marcadores de desigualdade social é de extrema relevância, tendo em vista as marcas da escravidão ainda estão presentes. De acordo com Coldibeli, Paiva e Batista (2022, p. 294), citando Angela Davis: "as mulheres negras

escravizadas tiveram seus corpos tomados como “instrumento” de reprodução de mão-de-obra, assumindo o papel de “reprodutoras”, sendo-lhes, inclusive, negado o papel de mãe”.

Além disso, é importante destacar que esta maternidade negada incide numa reprodução de violências sobre as mulheres, sobretudo as mulheres negras, que além de evidenciar o racismo, corrobora para a produção daquilo que Kamaluk et al (2018) denominam de *mães-órfãs*. Além de se tratar de uma violência e de ruptura brusca de um vínculo, acarreta num sentimento de insegurança e inibe o sonho da maternidade no contexto da situação de rua. Como ilustra a fala a seguir da entrevistada: “*Mas o meu desejo é de ser mãe de novo. Mas não agora. O que que adianta você estar em situação de rua, ser mãe de novo e eles vai lá tirar seu filho.*” (Cristina).

É importante destacar as limitações desta pesquisa com relação ao gênero, em especial as mulheres em situação de rua, tendo em vista que o objetivo da pesquisa não era fazer uma análise aprofundada sobre o gênero. Deste modo, recomenda-se pesquisas futuras sobre este tema. É importante citar que de acordo com Esmeraldo e Ximenes (2022) ao pesquisarem sobre pessoas em situação de rua observaram que de 172 estudos encontrados na Biblioteca Digital Brasileira, apenas 10 se referiram às mulheres, o que demonstra a escassa produção a respeito dessa temática e a necessidade de aprofundamento sobre o assunto.

No que diz respeito a orientação sexual, 80 % dos entrevistados se declararam heterossexuais. Entretanto, a amostra da pesquisa também contou com as peculiaridades referentes a diversidade, obtendo 20% da amostra composta por homossexuais. É importante sinalizar que uma das entrevistadas possui a identidade de gênero de travesti.

De acordo com Dias et al (2015), as mulheres travestis e transexuais em situação de rua sofrem de forma mais acentuada com violações e negação de cidadania, que intensificam sua situação de vulnerabilidade social. Nesta direção, a fala da entrevista elucida essa cidadania negada e processo de (in)visibilidade perversa que leva a uma marginalização provocada por um processo de estigmatização:

> A marginalização, você está à margem da sociedade, a travesti está as margens da sociedade, o usuário de drogas está as margens da sociedade,

> o abrigado, muitas das vezes está as margens da sociedade. Vê como um criminoso, as pessoas veem como ah isso aí é um drogado, isso ai está roubando e as vezes não é (Bianca)

Destaca-se a caracterização de marginalização utilizada pela entrevistada. Cabe ressaltar que “ser marginalizado significa estar separado do resto da sociedade, forçado a ocupar as beiras ou as margens e a não estar no centro das coisas. Pessoas marginalizadas não são consideradas parte da sociedade” (Teixeira *et al.*, 2019, p.97). Diante do exposto, é preciso destacar a necessidade de pesquisas futuras no âmbito da produção acadêmica que retratem o gênero para além da questão cis e que abarque sobre a diversidade sexual no âmbito da população em situação de rua.

No que diz respeito à raça e cor, cabe destacar que todos os entrevistados são pretos e pardos. O que corresponde aos dados do CECAD sobre a população em situação de rua que afirmam que a maioria desta população é composta por negros e pardos, conforme foi possível observar no capítulo sobre o perfil da população em situação de rua. É importante frisar o aspecto do racismo estrutural nas bases e centralidade da composição da população em situação serem majoritariamente por negros e pardos. Isto em função da história brasileira sobre o corpo negro tendo em vista que:

> [...] por um lado o Estado ressarciu a elite escravocrata pelo fim da escravidão, a população negra, não indenizada, não foi absorvida pelo lento processo de industrialização nacional. A população negra de ex-escravos foi transformada em reserva de mercado em conjunto com um excedente de mão de obra de migrantes de diversas origens caracterizados pela situação de pobreza, e passaram a sobreviver nas periferias urbanas por meio de trabalhos precarizados em condições indignas, mendicância, caridade e pequenos furtos (MENDES; RONZANI; PAIVA, 2019) (Brito *et al,* 2022, p.420).

Diante da expressão acima, é possível identificar que o privilégio branco intensificou às desigualdades já existentes. E a população negra foi conduzida a um processo de marginalização, que levou a situações de precarização das condições de vida e de trabalho, mendicância e pequenos furtos.

No que diz respeito a idade, todos os entrevistados estão na fase adulta e em idade laboral. No entanto, percebe-se baixa escolaridade sobre este grupo, sendo que cinco possuem o ensino fundamental incompleto, dois cursaram o ensino

fundamental completo, dois possuem ensino médio incompleto e apenas uma concluiu o ensino médio. Dos entrevistados, apenas um possui vínculo de trabalho formal, com carteira assinada. Os demais estão em situação de desemprego ou subemprego.

Podemos correlacionar essas variáveis a questão da divisão racial do espaço trazido por Lélia Gonzales e Carlos Halsenbalg, em seu livro Lugar de negro. Os autores destacam que embora os anos se passaram desde a abolição da escravidão, o povo negro permaneceu concentrado nos degraus inferiores da hierarquia social, com acesso ao sistema educacional restringido e concentração desproporcional nos setores de atividades que absorvem mão de obra menos qualificada e com piores remunerações.

Além do que afirmam que a desigualdade não se trata de coisa do passado: “Esse perfil de desigualdades raciais não é um simples legado do passado; ele é perpetuado pela estrutura desigual de oportunidades sociais a que brancos e negros estão expostos no presente” (Gonzales, Halsenbalg, 1982, p. 98). Diante desta constatação, afirma que “parece muito pouco provável que o ideal da igualdade racial seja atingido através de um mecanismo calcado no mercado, isto é, o processo de mobilidade social individual” (Gonzales e Halsenbalg, 1982, p. 99). Essa afirmativa é muito interessante, porque a maioria dos entrevistados atribuem a uma questão individual a superação da situação de rua, como força de vontade, trabalhar, não fazer uso de drogas, o acesso a políticas públicas etc., como pode ser verificado nas seguintes falas:

> Então eu tenho que me agarrar essa oportunidade desse emprego e tentar tirar esse rótulo, né?! De um morador de rua. (Paul Cezane)
>
> Oh pra sair da rua o camarada tem que parar dos de beber gole, tem que parar de usar droga porque se ele ficar bebendo gole e usando droga não sai da rua. ele tem que procurar um albergue que nem esse aqui né?! Uma Casa de passagem e procurar uma uma clínica de recupera de recuperação. (Dangelo)
>
> trabalho, oportunidades mesmo, que vai lançar (...) como a gente fala aí, colocar esporte, tratamento, trazer o CAPS pra dentro do do centro esportivo. Fazer praticar esporte (Snoopy)

Diante disso, é possível perceber que eles não têm a clareza que há uma produção intencional de desigualdades raciais e de classe que fazem com que eles ocupem esse lugar de exército industrial de reserva (Marx).

## 7.2 Caraterização dos entrevistados numa perspectiva do curso de vida: Breve contextualização acerca das trajetórias dos entrevistados[10]

### Bianca

Bianca é natural do Rio de Janeiro, a primeira vez que ficou em situação de rua foi em 2010, devido a questões de conflitos familiares e ao uso abusivo de drogas. Posteriormente, ela perdeu os dois empregos que tinha. Teve um primeiro casamento de 2006 a 2013. Vivenciou situação de violência doméstica neste relacionamento. Em 2014 se separou e conheceu parte de sua família, que até então era desconhecida. Em 2008 ela perdeu um de seus empregos, no qual era técnica em laboratório. Em 2019, perdeu o outro emprego no hospital em que trabalhava. Em 2019 teve outro relacionamento que perdurou por 01 ano, na ocasião residia de aluguel. Após a situação de desemprego, vivenciou situações de discriminação em razão de gênero ao procurar por emprego: *"O esposo da senhora farmácia não me aceitou nesse primeiro momento (...), embora a enfermeira responsável pela farmácia ela queria muito, mas ele - ahhh gay..." (Bianca)*

Importante sinalizar que Bianca pontuou que o tempo em situação de rua, se deu de 2010 em diante oscilando, ou seja, não foi num tempo linear do seu curso de vida. Teve momentos que ela saiu da situação de rua e conseguiu sustentar uma moradia por meio de aluguel, mas devido ao uso abusivo de drogas – "recaídas", não conseguia manter o aluguel e retornava para a situação de rua. Ela ressaltou que os últimos dois anos, atribui a pandemia Covid-19, o agravamento de sua situação, que impactou na renda de familiares que a ajudavam financeiramente, consequentemente isso a levou a situação de rua. Desde então ela está há dois anos em situação de rua – *"de abrigo em abrigo". (Bianca)*

Bianca veio para Minas Gerais em 2021 incentivada por uma fala de um tio e por ter uma tia que reside em Belo Horizonte. Ao chegar em Minas Gerais, vivenciou um encontro com sua identidade de gênero.

> Quando eu vim pra Minas Gerais em 2021, em novembro de 2021 eu via que as travestis tinham uma liberdade muito grande.(...) Ai conheci (...) que

[10] Conforme mencionado na metodologia, foram utilizados nomes fictícios para a identificação dos sujeitos da pesquisa.

> são minhas amigas até hoje. E eu falava muito com elas da minha vontade, que eu me achava que eu não me encaixava. Elas prontamente me virão, me ajudaram com cabelo, com roupas femininas e a partir do momento que eu aceitei a Bianca na minha vida, a minha vida ficou muito mais suave. (Bianca)
>
> Ninguém vira travesti/ trans da noite pro dia, é todo um processo. (Bianca)

Atualmente Bianca não recebe nenhum benefício do governo federal, como o Bolsa Família. Entretanto, relatou que foi encaminhada a realizar o Cadastro único pela equipe do Abrigo Belo Vista. Atualmente vive com a ajuda financeira da irmã. Contou que foi para São Paulo, vivenciou a situação de rua nesse outro estado, ficou num abrigo, prestou o pré-vestibular/ ENEM de 2022 e está aguardando o resultado, na expectativa fazer o curso de Serviço Social.

Ela retratou sobre como considera o vivenciar as ruas e as estratégias de sobrevivência utilizadas. Em suma, ela destacou o mangueio, as divisões de território, as estratégias para realizar as necessidades fisiológicas, como se alimentar, ir ao banheiro, realizar higiene. Destacou as regras da rua. E ressaltou o caráter de vulnerabilidade social que a vida na rua impõe. Além do que, retratou os riscos que as pessoas em situação de rua estão expostas, principalmente as situações de violências.

Como forma de saída das ruas, destacou a importância dos serviços públicos, especialmente a abordagem social.

A questão do estigma apareceu em sua fala atravessado em sua fala pela questão do gênero, da situação de rua e do uso de drogas, num processo de marginalização social.

Sobre as perdas provocadas pela situação de rua, destacou família, trabalho, amigos, relacionamentos afetivos. Por outro lado, afirmou que a rua a humanizou.

**Iago**

Iago é natural de Belo Horizonte/MG. Após o falecimento dos pais, foi para a situação de rua com 42 anos de idade, em 2016. O motivo que o levou a situação de rua foi o uso abusivo de álcool e outras drogas. Ele não se casou, não teve filhos. Possui uma relação distante com a família, tendo única familiar presente uma irmã que mora em Portugal.

Iago destacou a unidade de assistência social, o Abrigo Bela Vista, como uma ferramenta para a superação da saída das ruas. Retratou as dificuldades de sobrevivência nas ruas, como a necessidade de obter alimentação e estrutura física que garanta as condições de saúde adequada. Realçou o estigma vivenciado pelas pessoas em situação de rua na busca de empregabilidade, e como isso é acentuado por não ter um comprovante de endereço para apresentar nas instituições empregadoras para o mercado formal.

Resgatou situações de violências vivenciadas em sua infância. Destacou o período da adolescência (14 anos de idade) como um marco para a sua iniciação no uso de drogas e na criminalidade, motivo inclusive que o levou a sair de seu território de origem devido a ameaças. Contou que seu maior período na prisão foi de 05 meses e 21 dias, por causa de furto. Entretanto, afirmou que já ficou preso em períodos menores, como um dia, uma semana, por pequenos delitos. Destacou a influência de amizades que contribuíram para a iniciação na criminalidade. Relatou que passou por clínicas e comunidades terapêuticas, Casa de Passagem e foi passando *"de abrigo em abrigo".* (Iago) Reconheceu o abrigo como uma das principais formas de sobrevivência. Outra estratégia utilizada por ele é o manguear e as doações. Outra estratégia que foi apresentada foi "*andar apenas com o necessário"*. (Iago)

Ele contou sobre sua vivência na prisão, que evidencia algumas características do caráter de fechamento das instituições totais. E destacou a diferença entre o mundo de dentro e o mundo de fora.

**José**

José é natural do Piaui. Em 2014 foi para a situação de rua após a separação. Após a ida para a situação de rua iniciou o uso de drogas ilícitas. Relatou que cometeu o crime de assalto a mão armada, art. 157 CPB, em seu estado e cumpriu a pena em Minas Gerais. Contou que estava empregado na ocasião do furto e participou dirigindo o carro, e que o praticou por influência dos amigos e movido à ambição de obter bens, como carro e moto. Chegou a ficar preso por 90 dias no Pará, mas fugiu. Em Minas Gerais ficou preso por um ano e três meses, até o momento da entrevista cumpria parte de sua pena em liberdade por

meio da condicional. Contou sobre sua percepção entre o mundo de dentro e o mundo de fora da prisão.

Como forma de sobrevivência trabalhava como vendedor informal e realizava trabalho formal. Destacou também a utilização do restaurante popular, o Centro Pop e o Abrigo Bela Vista como formas de garantir a sobrevivência nas ruas.

Possui vínculos fragilizados com os familiares, mantendo contato por meio de ligações esporádicas com os pais, que segundo ele, já estão idosos. Foi pai aos 17 anos de idade, atualmente seu filho já é casado e ele também mantem contatos esporádicos com ele, que mora em São Paulo.

Contou sobre a discriminação e estigma sobre quem está em situação de rua e quem é egresso do sistema prisional. Destacou algumas barreiras no acesso a empregabilidade.

**PAUL CEZANE**

É natural de Sete Lagoas/MG. O que o levou a situação de rua foram questões de saúde mental, ele relatou que possui questões relacionadas a depressão, que se agravaram com o luto do falecimento da irmã. A primeira vez que foi para a situação de rua, em 2015, foi porque realizou tentativa de autoextermínio, tomando uma grande quantidade de remédios e ao ser encaminhado pelo SAMU para UPA não declarou endereço e foi encaminhado ao Abrigo em sua cidade.

Relatou que para obter drogas, chegou a cometer alguns furtos em casa, retirando objetos de casa, mas também realizou roubo a supermercado. Neste último foi conduzido à delegacia, mas não chegou a ir preso. Sua relação com o uso abusivo de drogas está relacionada a necessidade de aceitação.

Possui o vínculo familiar fragilizado. Atualmente uma irmã é a pessoa mais próxima, mantendo contato telefônico com frequência. As vezes mantém contato com outra irmã e a mãe. Por outro lado, acentuou que sente que seus familiares não desejam que ele more com eles. Sobre as rupturas, destacou a perda de amizades.

Destacou como forma de sobrevivência o mangueio e ressaltou algumas técnicas utilizadas como estratégias para obter recursos. Acrescentou como forma de sobrevivência a utilização de unidades públicas. Falou sobre as regras da rua. Contou que está prestes a iniciar um trabalho formal, como serviços gerais. Disse

que tem TOC, e que a limpeza é algo que gosta. Relatou da dificuldade de obter emprego devido à falta de comprovante de endereço, que não seja institucional.

**Cássio**

Cássio é natural de Minas Gerais. A primeira vez que foi para a situação de rua foi com 12 anos de idade devido a conflito familiar com a mãe. Com isso, foi para São Paulo, onde ficou por 5 meses e retornou para Minas Gerais, depois passou por outros estados. Aos quatorze anos retornou para a casa da família porque sua mãe estava o procurando, no entanto, foi abusado sexualmente por um tio, irmão da mãe e com isso decidiu retornar para as ruas. Na ocasião, ele não contou para a família sobre o que aconteceu. No entanto, hoje ele possui um filho, que ano passado foi abusado também por esse mesmo tio, momento em que Cassio se abriu e contou para a mãe que ele havia também sofrido esta violência.

Cassio conta que com 16 anos de idade teve seu primeiro relacionamento, que durou seis meses. Acrescentou que nunca se casou, mas que já se amigou com nove mulheres. Disse que rompeu os vínculos familiares e que não possui contato com ninguém da família.

Ele relatou que dos 16 anos de idade em diante, já realizou 7 tentativas de autoextermínio, sendo a última em dezembro do ano passado. Após esse incidente, foi encaminhado pela UPA ao CAPS, onde atualmente faz tratamento de saúde mental.

Contou que trabalhou como eletricista e que atualmente está trabalhando com reciclagem para garantir sua sobrevivência. Falou sobre as estratégias de sobrevivência nas ruas. Relatou sobre situações de violências vivenciadas por estar em situação de rua.

**DÂNGELO**

Dângelo é natural de Pernambuco.  Tem cinco anos que está em situação de rua, desde 2018.  O motivo de ter ido para a situação de rua foi desemprego e conflitos familiares. Ele foi casado por 10 anos e abandou a esposa na ocasião. Saiu de Pernambuco e foi para o Rio de Janeiro em busca de oportunidade de emprego,

lá ficou por três. No Rio de Janeiro foi que ficou em situação de rua pela primeira vez, e após foi para Minas Gerais. Desde então, seus vínculos familiares foram rompidos e ele não possui contato com ninguém de sua família. Quando foi para a situação de rua não fazia uso de drogas. Relatou que durante esse tempo de cinco anos, em alguns momentos chegou a morar de aluguel por um ou dois meses, mas devido ao uso abusivo de drogas, foi despejado.

Dângelo ficou cinco meses preso no ano passado. Ele foi preso por roubo. O motivo foi para obter drogas. Ao praticar o roubo foi linchado pela população. Segundo ele, foi sentenciado a 5 anos, 4 meses e 13 dias no regime semiaberto, mas ele recorreu e está aguardando a decisão judicial. No entanto, seu envolvimento com a criminalidade iniciou com 19 ou 20 anos de idade. Acrescentou que iniciou com pequenos delitos, roubos para obter alimentos, sob influência de amizades. Naquela época não era para uso de substâncias psicoativas.

Contou sobre as situações de violência vivenciadas nas ruas e na prisão. Destacou sobre o estigma. Para sua sobrevivência utiliza dos recursos do Programa Bolsa Família, unidades públicas e do mangueio. Atualmente, ele utiliza a Casa de Passagem e está estudando no EJA. Devido a um enfisema pulmonar está tentando obter o Benefício de Prestação Continuada – BPC, previsto pela Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS)[11].

**SNOOPY**

Snoopy é nascido no Rio de Janeiro. Está duas semanas em Minas Gerais em busca de oportunidade de emprego e de segurança. Declarou que está há 03 anos em situação de rua. Ele fez questão de frisar sobre sua participação no projeto Ruas[12]. Sua entrada na situação de rua está relacionada ao uso abusivo de drogas.

[11] De acordo com Lei Orgânica de Assistência Social, em seu artigo 20: “O benefício de prestação continuada é a garantia de um salário-mínimo mensal à pessoa com deficiência e ao idoso com 65 (sessenta e cinco) anos ou mais que comprovem não possuir meios de prover a própria manutenção nem de tê-la provida por sua família.” (BRASIL, 1993)

[12] O Projeto RUAS – Ronda Urbana de Amigos Solidários é uma organização social carioca, sem fins lucrativos, fundada em 2014, em um formato de franquia social, que tem como objetivo promover oportunidades para as pessoas em situação de rua. Para saber mais acesse: https://www.projetoruas.org.br/. No anal do Youtube também é possível encontrar alguns vídeos com pequenos relatos de pessoas em situação de rua.

Como forma de sobrevivência recorre às unidades de assistência social como o Centro Pop e a Casa de Passagem.

Relatou que iniciou na criminalidade com doze anos de idade, mas interrompeu aos 15 anos, quando iniciou um trabalho com banho e tosa. Se casou, com um ano de casado, sua esposa engravidou. Ficaram juntos por oito anos. O motivo da separação foi que a esposa não aceitava o fato dele usar maconha e o abandonou.

Snoopy ficou preso por três anos por causa de saidinha de banco. Quando foi preso trabalhava como ator e modelo de agência de publicidade. Entretanto, como queria impressionar uma garota, decidiu cometer o crime para obter dinheiro para promover uma festa para ela. Contudo, foi preso em flagrante. Algum tempo depois de sair da prisão, conheceu sua última companheira. Quatro meses após estarem juntos, ela engravidou.

Atualmente, seu primeiro filho está com 21 anos de idade e o segundo com 07. No momento ele não tem contato com a família porque foi furtado no ônibus de viagem ao vir para Minas Gerais.

**Cristina**

Cristina é nascida em Minas Gerais. Relatou que está há mais de dois anos em situação de rua. Contou que o uso abusivo de drogas a levou a situação de rua. Ela considera que *"a rua é um perigo, que eu falo ficar em rua pra mulher, qualquer uma pessoa, mas mais pra mulheres ainda, então é muito ruim. (Cristina)* Sua fala revela como o gênero incide em maiores dificuldades nesse contexto de situação de rua.

Antes de ir para a situação de rua tinha o bolsa moradia, mas o perdeu. Perdeu também a guarda de seus quatro filhos, um reside com o pai, duas foram adotadas e uma encontra-se em acolhimento institucional para adolescente. Seu último filho foi adotado com um ano de idade e foi retirado dela ainda na maternidade. Quando grávida ela fazia uso abusivo de drogas e estava em situação de rua.

Contou sobre o estigma e preconceito que se apresenta na vivência nas ruas, principalmente associado ao uso de drogas. Relatou que para sobrevivência utiliza dos recursos públicos e de reciclagem.

**Eldorado**

Eldorado é natural de Itaúna/MG. Relatou que está há quase 10 anos em situação de rua. O uso abusivo trouxe como consequência o desemprego e a saída da casa da família, o levando para a situação de rua. Nesse período de dez anos, ele já realizou tentativas de retorno para sua família, obteve emprego, mas com o reuso de drogas, retorna para a rua novamente.

Iniciou na criminalidade devido ao uso abusivo de drogas. Ao todo ele foi preso oito vezes. A última foi esse ano por um delito que cometeu em 2019, ficou detido por 2 meses e 14 dias. Seu maior tempo de prisão foi de quatro meses por mandado de desobediência. Relatou sobre o estigma vivenciado e contou sobre sua experiência na prisão.

Como forma de sobrevivência ele faz reciclagem e utiliza das unidades de assistência social.

**Negão**

Negão é natural de Atibaia, São Paulo. Era casado, trabalhava como carreteiro. Tem um filho com a primeira esposa. Está em situação de rua por três meses, após a separação da sua última companheira.

Como forma de sobrevivência utiliza de doações e conta com a colaboração de um senhor que o ajuda. Trabalha num ferro velho, reciclando. Contou sobre as estratégias utilizadas adotadas para viver na rua.

## 7.3 Processos de configuração da situação de rua

Para dizer sobre os processos de configuração da situação de rua é preciso entender as motivações que levaram as pessoas à situação de rua, para tanto elaboramos o seguinte quadro:

| Quadro 1 - PRINCIPAIS MOTIVOS QUE CONFIGURARAM A IDA PARA AS RUAS | | |
|---|---|---|
| Bianca | **CONFLITO FAMILIAR E USO ABUSIVO DE DROGAS** | E não só a questão do núcleo familiar, tem a questão da minha adicção né |
| Iago | **USO ABUSIVO DE DROGAS** | Eu no meu caso: minha mãe ficou doente, meu pai ficou doente, os dois faleceu. Eu vim parar, eu vim ficar em situação de rua com quarenta e dois anos, em dois mil e dezesseis, acho que tinha quarenta e desde então tô nessa situação. ... Mas foi por causa dessa questão aí, dos vícios. Eu perdi minha família toda por causa do vício |
| Paul Cezane | **SAÚDE MENTAL** | Aí eu tive síndrome do pânico, aí eu não pude ficar sozinho, minha irmã foi me buscar me levou pra casa dela e eu tive depressão profunda (...) Não conseguia chorar, não conseguia conversar, falar com ninguém aí eu eu resolvi sair pra rua e tentei me matar. Eu tinha tomado o clonozepam na época, eu tomei setenta comprimidos. Então eu fui encontrado na rua por duas mulheres elas chamaram Samu eles me levaram pra UPA. Lá eu fiquei uma semana aí quando eles me deram alta eu não dei o endereço. Eu falei assim eu não tenho família Ai -Eles me levaram pro abrigo e desde então vivo de abrigo em abrigo. Desde dois mil e quinze |
| José | **SEPARAÇÃO** | separei de uma mulher aí que eu tinha em São Paulo e foi a primeira vez que eu fui pra rua né? |
| Dângelo | **DESEMPREGO E CONFLITO FAMILIAR** | Bom, faz cinco ano que eu estou na situação, né? Desde dois mil e dezoito. Sai de Pernambuco, sai de lá porque lá é ruim pra emprego, serviço também não só foi por causa disso não né? E teve uns problemas com a minha família, coisa particular que eu não posso estar falando. |
| Snoopy | **USO ABUSIVO DE DROGAS** | Ah, minha margem de chegar na rua tem muitas decadências, me envolvi com droga. |
| Cássio | **CONFLITO FAMILIAR** | eu lembro até hoje que ela (mãe) falou comigo que queria que eu saisse de casa (...) aí eu saí de casa a primeira vez com doze anos. |
| Negão | **SEPARAÇÃO** | Quis separar da mulher lá e deu uma desandada em mim |
| Cristina | **USO ABUSIVO DE DROGAS** | Eu já tinha um problema sério com droga, né? Então eu perdi meus filhos. Ah eu consegui..eu já estava morando no Alto Vera Cruz, tinha meu bolsa moradia, perdi também. Aí tinha que sair de lá, aí saí, vim pra cá, voltei pra cá de novo. |
| Eldorado | **USO ABUSIVO DE DROGAS** | Foi por causa de droga, né? Eu trabalhava em Itaúna, aí comecei a usar droga, não consegui mais sustentar o serviço, que quando recebia o pagamento, não ia na firma, não dava satisfação, sumia. aí quando tem essa não tem como trabalhar, e a gente fica sem força pra trabalhar também. aí eu vim pra rua. abandonei tudo lá e vim pra rua. Pra não dar trabalho pra minha família dentro de casa. Esse trem também da gente ficar muitos dias usando droga dentro de casa perto da família é ruim, incomoda todo mundo. Aí pra rua a gente anda sozinho, a gente se isola e tenta incomodar o mínimo possível pra família, o pessoal que tiver em redor da gente. Por isso que eu vim pra rua |

Dentre os principais motivos que levaram a situação de rua identificou- se o uso abusivo de drogas, conflitos familiares e separação, desemprego e questões relacionadas a saúde mental. Vale ressaltar que estes também foram motivos já sinalizados na revisão bibliográfica. (Brasil, 2009b; Faria et al, 2016)

Ainda sobre as motivações é possível observar na fala de alguns entrevistados demarcações de processos de estigmatizações relacionados às pessoas que se encontram em situação de rua:

> *tem pessoas que falam que é homossexualidade que me levou a isso (situação de rua). Mas na rua não tem só homossexuais. Não é só preto, não é só pobre, tem rico, atinge todas as classes sociais, todas as raças, todos os gêneros*. (Paul Cezane)

> *A situação de rua não é só pro pobre, não. Pode ser pro pobre, pode ser pro rico, um empregado. Qualquer pessoa pode cair nessa situação que nem eu cair, né?* (Dângelo)

Por outro lado, as falas revelam o caráter circunstancial da situação de rua que não está correlacionado apenas a aspectos objetivos como a pobreza. A fala desvela que para além de questões objetivas que motivam o processo de ida para as ruas é preciso atenção para os aspectos subjetivos que podem transcorrer em rupturas. Entretanto, não podemos fazer uma leitura ingênua dessas falas e concordar que não há disparidades e especificidades em relação aos marcadores da desigualdade social, como a classe, raça e gênero. Ademais, é importante observar na fala dos entrevistados a tentativa demonstrar que esses marcadores de desigualdade não possuem uma perspectiva determinista na vida dos sujeitos, ou seja, ser pobre não significa propensão a situação de rua, assim como ser rico não significa não estar propenso, podendo a rua ser algo vivenciado por “qualquer um”.

Outro aspecto atrelado ao processo de entrada na situação de rua está relacionado ao caráter de faltas de alternativas, opções e recursos para evitar a situação, como expresso a seguir nas seguintes falas: 1) *É só se não tiver opção mesmo, mas eu como eu não estou muito acostumado né? É difícil.* (Negão) 2) T*em pessoas que que tá na rua porque elas não tem outro recurso*. (Iago)

Diante das trajetórias relatadas pelos entrevistados, foi possível observar que a trajetória de vida nas ruas não é um continuum, não se mostra de forma linear na vida dos sujeitos. Ou seja, reafirma-se o exposto em capítulos anteriores que as trajetórias não se constituem como lineares e contínuas (Lanfranchi et al. ,2019; Freitas, 2010). Deste modo, são refutados “os modelos que entendem as trajetórias dos sujeitos como “uma cronologia ordenada, uma personalidade coerente e estável,

ações sem inércia e decisões sem incertezas" (Levi, 2006, p. 169 *apud* Freitas, 2010, p.91).

Corresponde a essa afirmativa o fato de que foi consenso nos relatos dos entrevistados movimentos de entrada, permanência e saída da situação de rua em outros momentos. Fica evidenciado o caráter transitório da situação vivenciada. A fala de uma entrevistada ilustra bem essa questão: "*a rua é um lugar de encontro, não é um lugar de permanência. (...) É como um estado transitório, acabou vou pra casa, permanecer na rua é o Ô (risos)"* (Bianca)

Como forma de ilustrar esses pontos de virada na vida dos sujeitos que os fizeram vivenciar a situação de ruas por momentos distintos, selecionamos algumas falas de entrevistados:

> teve momentos que eu consegui manter a minha sobriedade, que eu saia das ruas e conseguia alugar um cantinho já que eu estava ainda no Hospital. E quando eu recaia não conseguia orçar o aluguel tive que entregar os imóveis e voltava. E a agora nos último dois anos eu atribuo muito a pandemia da Covid-19 porque o meu irmão estava, perdão, o meu irmão estava me ajudando financeiramente quando te falo que a minha irmã depois que perdeu (seu filho por aborto espontâneo), é..., teve uma depressão profunda, o (irmão) me ajudou, e aí ele parou de fazer eventos e aí eu fui pra rua (...) Desde então há dois anos eu to direto na rua e de abrigo em abrigo. (Bianca)

> passou um mês ou dois assim eu aluguei uma casa, mas aí eu estava usando droga e o dono me botou pra fora e fiquei na rua... Até hoje eu vivo nessa situação e não posso mais voltar pra lá. (Dangelo)

> Quase dez anos (em situação de rua). Eu fico aqui uns dois, três anos, volto pra minha casa em Itaúna, dou uma descansada, tento trabalhar de novo, trabalho uns três, quatro meses, caí na droga, aí eu venho embora e é assim. Assim de vida tem uns dez anos já. (Eldorado)

> Já passei pelo seminário fiquei até dois mil e dezoito no seminário, sai do seminário fiquei na rua um tempo, fui pro Ele Clama, saí do Ele Clama, voltei pra rua, aí vim pra cá, só que aqui já é a sétima vez que eu tô aqui. (Iago)

Nesses casos em específico percebe-se a interconexão entre idas e retornos para a rua com a questão do uso abusivo de drogas. No item mais adiante aprofundaremos sobre o assunto do álcool e outras drogas. Além do mais, nessa conceituação de lugar transitório também é feita a diferenciação entre rua e casa, público e privado.

> *“não é como você tá morando numa casa, num lugar fechado, trancar, entendeu na rua é complicado, né?”* (Negão)

> *“você tem a sua casa e você não frequenta o Centro Pop, você não depende de ninguém, você lava a sua roupa a hora que você quer. Você dorme a hora que você quer. Você come a hora que você quer. Você toma banho a hora que você quiser. Você tem. Na rua você tem regra. Em casa você também tem, só que você faz a sua regra na sua casa, você põe a regra nos seus filho.” (Cristina)*

Como visto acima, a primeira fala desvela o lugar da rua pelo ângulo de desproteção e de insegurança. Já a segunda, transmite a ideia da casa como espaço de exercício de autonomia e independência.

Por fim, no que diz respeito as relações familiares, foi possível perceber que para os entrevistados os vínculos familiares se mostram de forma fragilizada ou interrompidos. Sendo essa fragilização ou ruptura causa ou consequência dos processos que os levaram a situação de rua. Nesta perspectiva, é importante destacar que a trajetória de vida nas ruas representa uma série de situações extremas de ruptura de relações familiares e afetivas, que implica num conjunto de perdas de bens e valores objetivos e simbólicos (Lanfranchi *et al.,* 2019).

### 7.4 A vivência nas ruas

Este item abordará sobre as principais estratégias de sobrevivência nas ruas. Para alguns entrevistados uma das formas de garantir a sobrevivência consiste no respeito as regras das ruas. Dentre as quais destacamos a seguinte fala:

> *Na rua tudo tem regra. Na rua não é a bagunça que as pessoas pensam que é. Quem dorme mulheres e crianças dormem juntos, as travestis e trans dormem justas e os homens dorme juntos. Pra banho tem um lugar específico longe da população, dos transeuntes pra que nós não possamos agredir a vista da população. Tudo tem regra tem lugar pra comer, tem lugar pra fazer as necessidades, tem lugar pra tomar banho e cada um no seu quadrado. Mulher com família num canto, trans e travestis no outro, homens nos outros e todos convivendo pacificamente*. (Bianca)

Esse primeiro relato desvela uma divisão territorial baseado no gênero. Elucida também uma prática de afastamento para realização de higiene pessoal sobre a justificativa de “não agredir a vista da população”. O que nos faz lembrar a relação entre o nós e eles, no livro Os estabelecidos e os outsiders de Norbert Elias.

Sendo que, os estabelecidos baseiam o seu poder no fato de serem um modelo moral para os Outros, já os outsiders, os não membros da “boa sociedade”, ou seja, os que estão fora dela.

Além disso, a vivência nas ruas implica em criar estratégias de proteção e defesa. Nessa direção, é importante ressaltar o respeito ao espaço do outro, como demonstra as falas a seguir:

> *Porque eu nunca tive presa, porque eu tenho senso moral e ético. Eu sei que na rua eu não posso roubar, eu sei que na rua eu tenho limite, a liberdade de um começa onde termina a do outro, tem todas umas regras e a rua me ensinou essas regras e eu fui vivendo*. (Bianca)
>
> as regras da rua é justamente isso: Saber respeitar o espaço do outro. Porque se você chegar tem um ali pedindo, não peça ali. (...) principalmente se você é de fora da cidade, se não conhece a cidade, cada cidade tem um uma um uma rotina, um regime, né? (Paul Cezane)

Mecanismos de proteção e defesa também são acionados para dormir. Percebe-se que o medo assola e dificulta o momento do sono das pessoas em situação de rua. Esse medo está relacionado à episódios de violência, muitas das vezes evidenciado pela mídia, mas também parte do cotidiano de quem mora nas ruas. As falas abaixo demonstram algumas estratégias utilizadas pela população em situação de rua para lidar com isso:

> Não fazia mal as outras pessoas, mas sempre tem que dormir com uma faca, uma tesoura, na rua não dorme, você cochila. Quando eu tinha celular... meu celular quebrou ano passado eu não tive condições de comprar... o celular é dentro da calcinha, tem todas umas regras entendeu?! (Bianca)
>
> na rua ninguém dorme. Eu acho que ninguém dorme direito na rua não. (José)
>
> quando fico na rua eu nem durmo, fico vinte e quatro horas no ar. (Dangelo)
>
> aí a pessoa também não vai dá mole né, vai estar dormindo em qualquer lugar não né (Dangelo)
>
> Daí você tá deitado assim, mas você fica com um olho fechado e outro aberto. (Negão)

Além do medo e da insegurança, as falas acima revelam uma constante vigilância. Respeitar as regras é primordial para a sobrevivência, pois se configura numa garantia de sobrevivência, como expresso nas falas a seguir:

> a regra da rua é diferente, né? Vacilou, morreu. (Paul Cezane)
>
> rua tem regra entendeu? você tipo se você fazer uma bagunça ali, você toma um tiro, uma facada, qualquer coisa, entendeu? É ruim, ruim, a rua sabe? (Cristina)

Consequentemente, apesar da rua possuir uma relação de constituição de rede de solidariedade, também é um espaço que consiste em isolamento e fechamento. As falas a seguir elucidam esse aspecto do viver na rua:

> duvidar de tudo e de todos (...)tudo. É um sistema que ele é muito fechado pra si próprio. Então a gente aprende a se fechar da mesma forma. (Cássio)
>
> no meu no meu jeito de viver na rua é assim oh eu conheço todo mundo, né, a maioria das pessoas da rua, né? Mas assim, eu não fico muito envolvido, eu fico mais isolado. (Dangelo)
>
> Aqui você tem que ser por si. (Cristina)
>
> cada um por si as vezes, e um por todos e é isso aí. (Eldorado)

Por outro lado, um dos entrevistados atribui a maior regra da rua a própria sobrevivência. Nas suas palavras: "*Essa é a regra: sobreviver. Corra atrás do que você precisa e bola pra frente, pede, mendiga, tenta conseguir na na garra, se vira."* (Eldorado)

Estas estratégias apontam para o conceito de "se virar na rua" utilizado por Holanda (2019), no qual os sujeitos utilizam de sua capacidade "de agência" para captar recursos que garantam a sua sobrevivência. Nessa circunstância, estabelecer uma relação com a cidade é fundamental. Holanda (2019) afirma que para as pessoas em situação de rua a relação comunicacional com a cidade é imprescindível. Pois é a partir dessa relação que conseguirá obter recursos, que permitirão utilizar de personagens e símbolos para obter a sua sobrevivência. Uma expressão disso é o mangueio.

Na revisão bibliográfica, no capítulo sobre narrativas e vivencias nas ruas vimos que o mangueio refere-se "a todo um conjunto de habilidades retóricas para obter recursos na rua (seja alimentos, dinheiro, bebidas, roupas, cigarros ou outros bens) através de negociação direta com outras pessoas" (Holanda, 2019, p. 36). De

forma complementar, Nobre et al. (2018) identificam o manguear como uma arte da retórica, comumente utilizada pela população em situação de rua, como forma de convencer a quem se pede da urgência e importância das suas necessidades. No entanto, as falas dos entrevistados possibilitaram maiores informações sobre esse conceito, expresso no quadro a seguir:

Quadro 2: Concepções sobre o mangueio

| MANGUEIO |
| --- |
| Eu vou te explicar o que é o mangueio: vai uma pessoa para a porta de um supermercado, vai uma pessoa para a porta de uma padaria, vai contar sucintamente a história dela e se a pessoa quiser abençoar abençoa. É dois reais, é cinco reais, é um lanche, é um almoço, é um cafezinho, é um refrigerante. As vezes a pessoa ate doa roupa: Espera ai que vou la em casa trazer um casaquinho pra você. Ai nós ficamos naquele ponto onde a pessoa nos encontrou e vai lá trazer as doações. (Bianca) |
| a gente chega e conta uma história que a pessoa até chora e ela solta o dinheiro. :Isso é o mangueio. Cada um do teu jeito, o meu jeito eh eu tenho um jeito pra cada momento. Ou é pra um café da manhã, ou é pra pagar um ônibus, ou é pro almoço ou é pra uma viagem ou pra comprar uma cesta básica. Então ali depende do do quantia que eu preciso levantar. Eu já eu já ganhei.. eu tava lá em Governador Valadares, um Sargento do Corpo de Bombeiro, pagou uma passagem pra Belo Horizonte, cento e trinta reais e ainda me deu cento e vinte reais. A passagem eu ganharia de graça e eu ainda mandei liguei pra minha irmã pra ela fazer um Pix pra mim poder pagar a passagem Olha só pra você ver fiquei só acumulando dinheiro ne. (Paul Cezane) |
| o manguear. Que é você abordar a pessoa, igual abordar o sinal um, o coleguinha, tudo bem? Não é dinheiro não Então eu me encontro em situação de rua to passando dificuldade entendeu? Eu estou com fome. Você podia pagar um alimento pra eu comer um salgado? Ai a pessoa vai lá e te ajuda. Aqui em Contagem as pessoas são muito hospitaleiras, a maioria das pessoas que você chega e pede ajuda ela vai lá, quando ela não te dá o dinheiro ela vai lá e coisa. Entendeu? (Iago) |
| Manguear é tipo você está passando na rua né: Com licença moça, né? Bom dia, boa tarde, né? Ó, eu to em situação de rua, tô precisando de uma ajuda pra me alimentar, tô com fome, até agora sem alimentar ou senão eu tô precisando comprar um chinelo, tô andando descalço. É desse jeito, a gente pede uma ajuda, né? (Dangelo) |
| Manguear. Só que essa forma eu não consigo porque eu sou muito tímido. Eu não consigo ficar pedindo as coisas às pessoas. No muito, no muito quando eu estou com muita fome eu chego na padaria e peço um pão dormido. Mas no mais é reciclando. (Cássio) |

Diante das falas acima é possível observar que o mangueio tem como aspecto fundamental a contação de uma história e uma abordagem específica que leve a um convencimento para a obtenção de recursos, seja alimentação, dinheiro ou roupas e calçados. Cada sujeito possui uma forma de executá-lo a depender da necessidade, da situação e de sua capacidade comunicacional. Destaca-se a última fala, na qual o entrevistado demonstra que a timidez é um fator de inibição para a prática do mangueio, por este motivo utiliza de outras formas, como a reciclagem.

Outro entrevistado também aponta a reciclagem como forma de obter a sobrevivência, mas apresenta outra justificativa para valer-se desta prática. Como demonstra a fala a seguir:

> Reciclagem, só reciclagem, a única coisa que dá pra fazer porque isso não tem que ter compromisso, você faz a hora que você quiser, você faz o dia que der pra você fazer. Não tem patrão, não tem nada. É a única coisa que dá pra um usuário de droga que já está bem afundado fazer é reciclar. (Eldorado)

Diante desta fala é possível perceber a reciclagem como uma tarefa utilizada para a sobrevivência devido a flexibilidade de horários e compromissos tendo em vista que o uso abusivo de drogas prejudica um estabelecimento de uma rotina mais rígida.

Outra estratégia de sobrevivência é pedir e receber doações. Para alguns o pedir se caracteriza por meio de uma técnica específica de abordagem, que consiste na escolha do abordado, do local, da forma de se apresentar. E caso a finalidade seja de usar drogas, de um certo afastamento. Para outros, a abordagem é mais diretiva ao objeto ou bem adquirido, como alimento e calçado, não obtendo um apelo ao recurso financeiro em si.

> Pedinte. Sabe que pedinte eh pedir pra mim era era mais era um desafio, meu maior prazer era convencer a pessoa a me dar o dinheiro tá criando uma, pra mim era um um desafio, eu olhava bem pras pessoas, ficava olhando as pessoas e escolhiam uma e é nela. (...) Eu sou muito discreto. Eu peço uma pessoa nessa rua, aí eu saio, viro a esquina, peço em outra rua. Não peço dois na mesma rua não Porque como eu já dei porque ele ta pedindo na frente.(...) Eu enfiava pro meio do mato. Até no esgoto eu ia usar minha droga, procurava me apresentar bem. Então não andava suja, lavava minhas roupas, não fica fedendo. (Paul Cezane)

> Eu quando eu peço já falo logo: mas não quero dinheiro. Eu quero que a senhora ou o senhor paga um lanche pra mim ali, um café que eu estou desde ontem sem comer. Ou senão eu tô precisando de um calçado, meu chinelo estragou, se tiver como pagar um na loja ali pra mim. (Dangelo)

Além das abordagens ativas utilizadas pela população em situação de rua, tem também as abordagens receptivas, como as doações, conforme pode ser observado nas duas falas a seguir: 1) "*pessoas que passam com carro, com marmitex, coberta. Não é toda vez que não é todo dia". (*Iago)*2) Doação, o pessoal passa doação lá* (Negão). Nesse caso, é observada uma rede de solidariedade em caráter assistencialista em torno das pessoas em situação de rua que se propõe de algum modo a oferecer ajuda às condições de fome e frio na qual vivenciam. Além disso, a fome e a miséria são presentes na vida de quem está na situação de rua:

> *Eu tive que comer no lixo, eu tive que dormir no chão, já dormi no chão duro várias vezes sem uma coberta, já dormi no papelão, já dormi em chuva, por não tinha lugar pra esconder. Entendeu?* (Iago)

> você come do lixo, cisca, às vezes de madrugada se você está com fome ou se nem fome você está, mas às vezes está com vontade de comer, o organismo pede alguma coisa, você vai lá cisca, come do lixo, mendiga pede comida, é a forma de sobreviver, faz reciclagem, as vezes rouba e assim. (Eldorado)

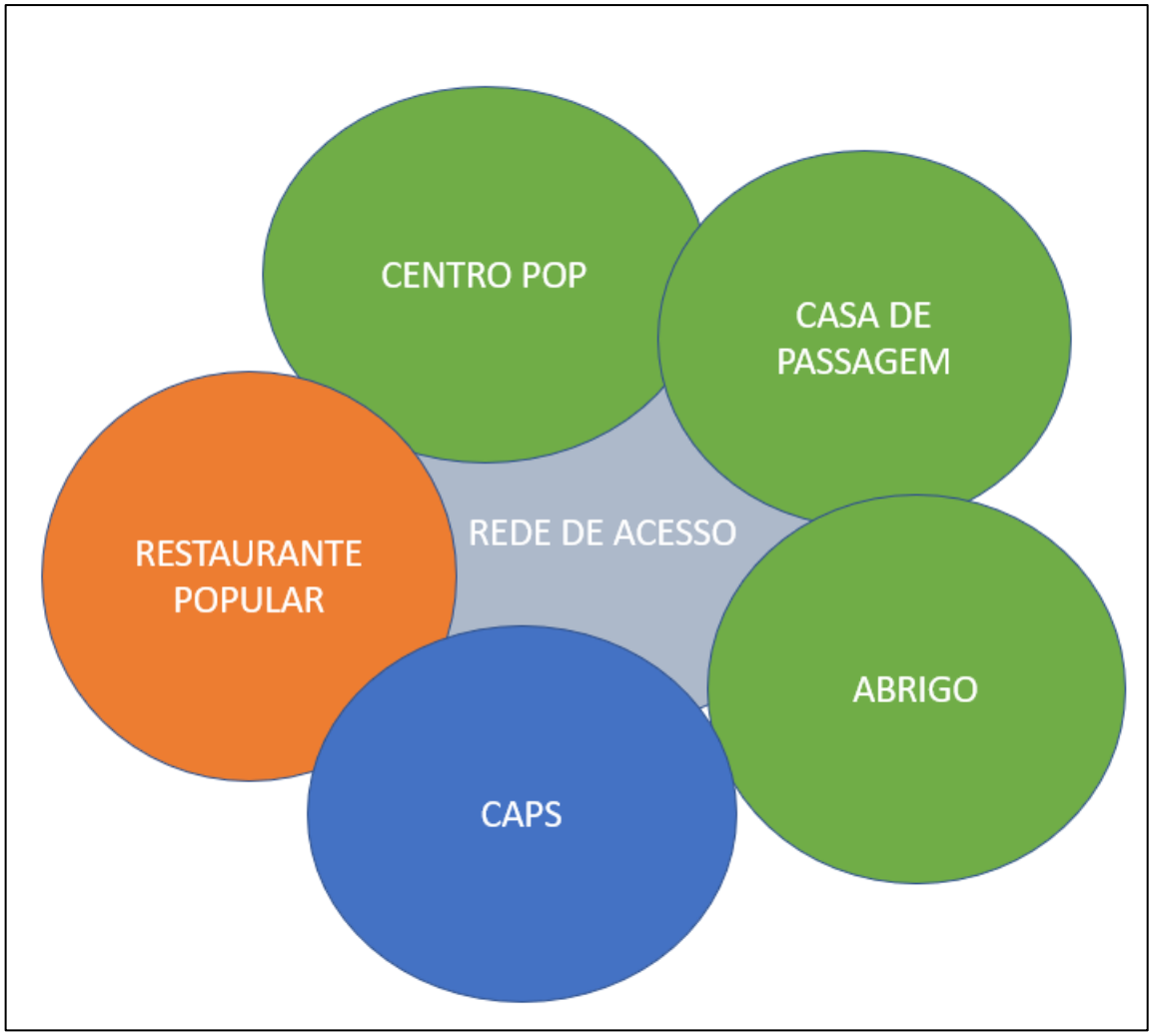
Além da forma de sobrevivência consistir no manguear, nas doações e na reciclagem, as práticas de furto também são sinalizadas. Entretanto, esta apareceu em menor incidência na fala dos entrevistados. Além disso, quando a prática de furto é verbalizada, ela se mostra mais atrelada a uma condição de manutenção de um vício, para o uso abusivo de drogas, do que ligada a estar na situação de rua. Portanto, é possível afirmar que não existe uma correlação direta entre a situação de rua e as práticas de furtos.

Assim como sinalizado anteriormente, o subemprego e o trabalho precarizado compõe as formas de sobrevivência das pessoas em situação de rua. Como pode ser observado nas falas a seguir: "*eu tava fazendo um bico com o rapaz lá, às vezes rola um dinheirinho, entendeu?"* (Negão); "Nunca fui de ficar pedindo na rua, né? Mas eu vendo alguma coisa[...]" (José); "*Vou pro sinal pra vender bala, mais mas não chega ser um trabalho real entendeu?*" (Iago).

Especialmente a última fala chama muita atenção, por que o que é o trabalho real? Ou melhor, o que é um trabalho irreal? Aquele que tem uma jornada exaustiva, sem salário fixo e sem uma garantia de proteção social. Logo, executam "grandes jornadas de trabalho sem que possuam seguridade ou proteção social" (Brito et al. 2022).

Outra estratégia utilizada pelas pessoas em situação de rua como forma de sobrevivência é o acesso às políticas públicas, especialmente as de assistência social, segurança alimentar e saúde, como retratado na figura abaixo:

Figura 2 - Unidades públicas mais acessadas pelos entrevistados




Elaborado pela autora, 2023.

O Centro Pop, a Casa de Passagem e o Abrigo são unidades da política de assistência social. O Restaurante Popular é uma unidade da política de Segurança Alimentar. E o CAPS é uma unidade da política de Saúde. Estas unidades foram as citadas pelos entrevistados como rede acessada de serviços públicos como forma de sobrevivência.

Para quem vivencia a situação de rua pela primeira vez o acesso a esses serviços pode ocorrer por meio da indicação de quem já está na situação de rua há mais tempo. Conforme expressa a fala a seguir:

> ô viver na rua é difícil. No começo o cara que não tem costume ele sofre véi. Pra vocês...pra conhecer Centro Pop, que só se conhece através de um morador de rua, né? Você tem que fazer amizade com eles, aí eles vão dizer ó, tem um lugar ali que você toma banho, você toma café, te dá um encaminhamento pra você dormir num abrigo... se a cidade tiver abrigo, tem cidade que não tem, é só o Centro Pop e só aquilo mesmo (Dangelo)

Por outro lado, existem também serviços que se propõe a realizar busca ativa a pessoas em situação como forma de garantir o acesso às políticas públicas, como é o caso do Serviço Especializado em Abordagem Social, ofertado em Contagem pelo Centro Pop. A fala da entrevista revela a importância desse serviço como um mecanismo facilitador de acesso às políticas públicas: "*E assim que as políticas públicas da assistência social chegam até a pessoas que estão na rua, através dessas estratégias de abordagem de lugares que essas profissionais já sabem que tem moradores de rua - a abordagem social".* (Bianca)

Percebe-se na fala dos entrevistados uma interconexão entre os serviços da rede socioassistencial e intersetorial. Isso é importante porque uma política pública apenas não consegue corresponder a complexidade das demandas emergentes, é importante uma perspectiva de integralidade das políticas públicas para a superação da violação de direitos da situação de rua. O quadro a seguir demonstra as principais falas dos entrevistados sobre a rede de serviços acessados ao contar sobre sua trajetória nas ruas.

Quadro 3: Tipos de serviços mais acessados pelos entrevistados

| REDE DE SERVIÇOS ACESSADOS |
|---|
| cheguei pra cá fui pro Bela Vista, eu tava... perdi minha casa lá, perdi minha filha pro conselho tutelar. (Cristina) |
| aqui (abrigo) tem tudo, você não precisa nem sair daqui de dentro. Mas na Casa de passagem não, a Casa de Passagem você toma café e sai pra rua. Almoça no Popular, a gente tem a carteirinha e depois toma café da tarde no Centro Pop e depois vai jantar na Casa de Passagem de novo. (Paul Cezane) |
| eu tô num abrigo, aqui no abrigo eu tenho tudo. Aqui tá sendo uma ferramenta pra mim subir de novo, porque aqui eu tenho alimento, eu tenho banho, eu tenho lugar pra dormir, eu tenho uma coberta e é uma ferramenta que eu possa pegar o meu benefício, jantar e ele lá na frente daqui um ano, daqui um ano e pouco poder estar aqui estabilizado, pra mim poder alugar uma casa pra mim e pra mim adquirir uma família e viver (Iago) |
| dou graças a Deus que existe essa Casa de Passagem né? Eles acolhe a gente muito bem aqui e trata a gente bem, a gente não passa fome, não fica na rua.(Dangelo) |
| O lugar dá comida, dá dormida, dá o banho, televisão, se você precisar de um encaminhamento pra tirar um documento elas dá, né? Faz o currículo, se pedir elas faz. Então você tem que respeitar o lugar também. (Dangelo) |
| Agora, se não existisse esses abrigos que tem igual esse aqui, Casa de Passagem e Centro Pop a gente estava perdido. Centro Pop é o Centro de referência onde você vai lá oito horas da manhã. Você entra, pode passar por assistente social, você tem um lugar pra tomar banho, você tem um lugar pra lavar uma roupa, você tem um lugar pra tomar um café, você ganha uma carteirinha pra almoçar no Popular, você ganha passagem procê retirar sua identidade lá em BH, você perdeu um documento, você vai. Entendeu? (Iago) |
| tem isso agora de assistência social, CENTRO POP né? Eles encaminha pra trabalhar (Dangelo) |
| Ah pedir ajuda do estado com vocês aqui, Centro Pop, Casa de passagem que atende muito bem, são pessoas bacana que moram, que trabalham aqui (Snoopy) |
| Tem o Popular que é esse trem aqui oh (mostra a carteirinha) eles lá no Centro Pop eles dão o encaminhamento aí você não paga pra almoçar não, com e essa carteirinha. Aí ela vale por três mês. Aí de três em três meses renova, aí no popular da João César não paga não sabe? Aí almoça. Café ainda daqui e a janta, né? (Dangelo) |
| Primeira vez que eu procuro apoio foi essa vez que eu fui pro CAPS, fui obrigado depois dessa tentativa, aí lá me trataram muito bem, aí continuo o tratamento lá e de lá indicaram que eu vim pra cá (Casa de Passagem) pra poder dormir e aqui também fui muito bem tratado (Cássio) |
| no CAPS aqui, tomo meus remédios, mas tava tomando, aí parei. (Cristina) |

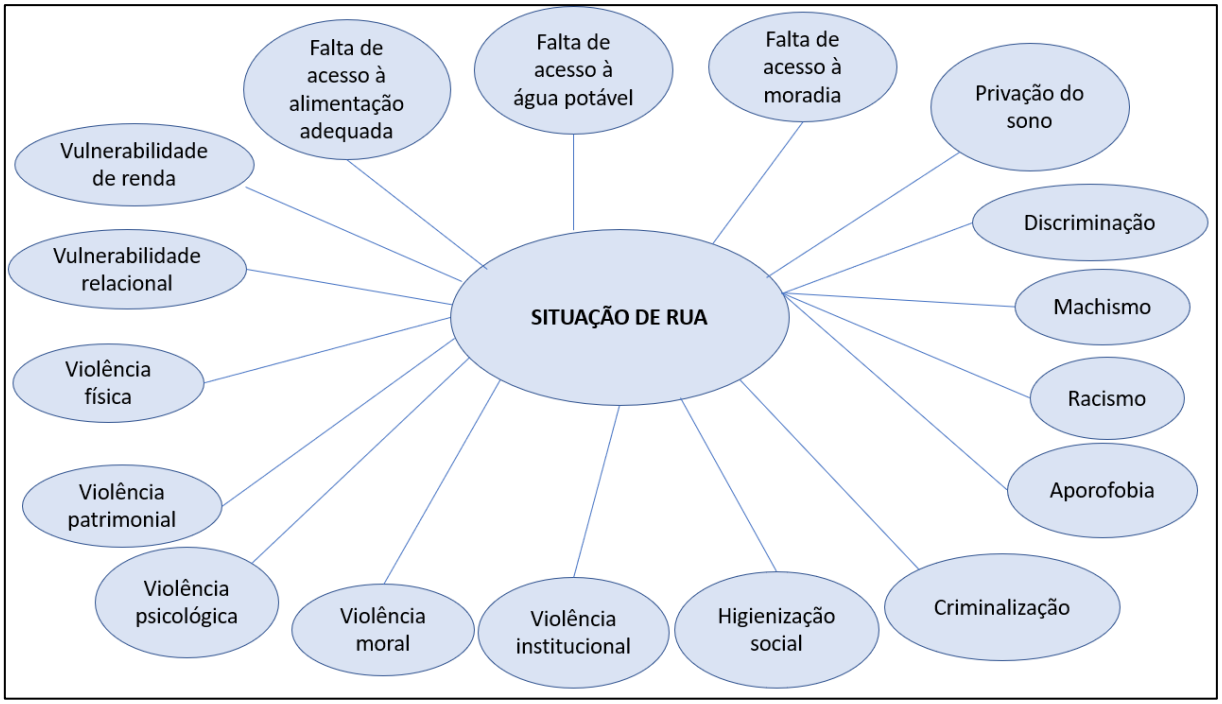
Com base nos relatos é possível observar que os serviços públicos além da manutenção da sobrevivência, constituem espaços de acessos aos direitos e de acolhida.

## 7.5 Violências

Falar em vivência nas ruas é também falar de violências, até mesmo porque a situação de rua é considerada um tipo de violação de direitos (Brasil,2011). Cabe ressaltar que o termo violências está sendo utilizado considerando que implica numa pluralidade: “Violências assim, no plural, pois que não existe ‘a’ violência, mas

muitas, diversas, postas em distintas funções, servindo a diferentes destinos" (Misse, 2008, p. 165). Portanto, mediante as entrevistas foi possível extrair uma síntese das violências e violações mais citadas pelos entrevistados, como podemos verificar no esquema a seguir:

Figura 3: Tipologia das violências e vulnerabilidades identificadas




Elaborado pela autora, 2023

Diante do esquema acima é possível aferir que a situação de rua compõe um rol de vulnerabilidades e violências. Destaca-se que as violências estão intrinsicamente ligadas aos processos de estigmatização da população em situação de rua e as condições ligadas a sobrevivência nas ruas. Foi relatado pelos entrevistados a falta de acesso à alimentação, água potável, moradia que consequentemente impactam em aspectos de saúde dessa população. Foi identificado situações de discriminação em razão de raça, gênero e classe em decorrência do racismo, machismo e aporofobia[13].

[13] Este conceito significa: "Repúdio, aversão ou desprezo pelos pobres ou desfavorecidos; hostilidade para com pessoas em situação de pobreza ou miséria." (Academia Brasileira de Letras, 2023)

A violência patrimonial está relacionada com as práticas de retirada de pertences da população em situação de rua, e consequentemente aos processos de higienização social.

Cabe lembrar que a violência se revela como um componente sócio-histórico da realidade brasileira, sublinhado pela escravidão (Brito et al. 2022). E sua incidência sobre a população em situação de rua se mostra de forma multifacetada, compreendendo desde ações que levam ao sofrimento psíquico até atitudes genocidas e homicidas, como pode ser observado na citação abaixo:

> A PSR vivencia diversas formas de violência, desde violência simbólica a atos de homicídios, que abarcam, assim, manifestações físicas como espancamentos, pauladas, apedrejamentos e envenenamento, e manifestações institucionais como remoções e internações arbitrárias, reconhecimento de pertences, negligência nos atendimentos e assistência e ausência de políticas públicas eficientes (NONATO;RAIOL, 2018). Nobre *et al*. (2018) entendem que a violência faz parte da vida cotidiana da PSR em suas diversas formas, sejam elas físicas e simbólicas, como a violência policial, institucional, o descaso Estatal, o sucateamento das políticas públicas, além da violência sexual, de gênero, a invisibilidade, preconceito e opressão (Brito *et al.,* 2022, p. 421-422).

Nessa direção, as falas dos entrevistados elucidam as diversas incidências de violências ocorridas no âmbito dessa vivência em seu cotidiano, como pode ser observado no quadro abaixo:

Quadro 4: Violências

| VIOLÊNCIAS |
|---|
| viver na rua é um ambiente muito exposto, por isso se chama vulnerabilidade social. Nós estamos muito vulneráveis, visto chacinas em São Paulo, chacinas no Rio de Janeiro, então as vezes uma pessoa tem um BO ta junto e você ta perto, infelizmente. Entendeu?! (Bianca) |
| Juntaram três pessoas pra bater nele, eu tive que meter ai tive que tirar ele de Contagem, levei ele pra BH.(Choro) Eu fiquei com muito medo de perder ele e naquele momento era a única pessoa fora a (duas amigas), era a única pessoa que eu tinha, que eu podia contar (Bianca) |
| [...] é muito risco. essas marcas que tem no meu braço, isso tudo foi coro de polícia, foram me pegar dormindo a noite, chega bate na cabeça da gente,é cacetada. É pessoas que passam urina na gente, joga álcool e tenta colocar fogo. Oferece comida com veneno. Então, é muito risco que a gente corre e só quem já viveu bastante tempo pra saber aonde pode chegar e aonde pode não chegar. E dependendo do lugar que entrar não sai mais. (Cássio) |
| Tem umas que faz maldade, você está dormindo, quer matar você, quer dar uma facada, quer dar uma pedrada, quer tocar fogo. O próprio morador de rua mesmo. Tem uns que é assim. (Dangelo) |
| Porque BH e Contagem aceita morador de rua. Mas tem cidade aí de sul de Minas, do norte de Minas que não aceita. Você vai no CRAS, você no CRAS, a polícia leva o cara e lá te dá a passagem pra outra a cidade e manda você ir embora, entendeu? Não aceita naquela cidade. (Dangelo) |
| Facada. É a covardia, pedrada na cabeça pra tomar seus pertence. (Snoopy) |

Ressalta-se a penúltima fala em que o entrevistado relata situação de higienização social. Cabe dizer que para Brito et al. (2022) a higienização e a criminalização direcionam o olhar sobre os grupos vulnerabilizados como indesejados e suspeitos. Os autores ressaltam ainda que são majoritariamente sujeitos pobres e pretos.

Apesar da rua se constituir como um espaço permeado por violências, é preciso lembrar que a violência no âmbito familiar pode ser uma das motivações para a ida para as ruas. Portanto, é preciso entender a instituição família como um campo ambivalente de proteção e desproteção, de cuidado e conflito. A fala a seguir exemplifica isso:

> e eu já estava com uns quatorze pra quinze anos fui abusado por um irmão dela(mãe) e esse mesmo irmão dela abusou tentou abusar do meu filho há pouco tempo, foi preso (...) e tive coragem de falar com ela o ano passado quando houve aconteceu esse episódio. A minha mãe sempre foi muito agressiva, aí de certa forma eu me sentia como se eu fosse culpado de ter acontecido. (...) A pessoa que faz e coloca na cabeça da gente como se a gente fosse o culpado disso está acontecendo. E ainda ameaçou de matar minha mãe se eu falasse, então foi muito difícil. (Cássio)

Portanto, podemos afirmar que as violências se apresentam tanto como causa quanto como consequência da situação de rua. A rua se mostra como um lugar de conflito, mas ao mesmo tempo de refúgio.

### 7.6 O uso abusivo de drogas

Primeiramente, é preciso dizer que não se pretende realizar generalizações acerca do uso abusivo de drogas pela população em situação de rua. Pois conhecemos que cada história de vida é singular e que os motivos para a situação de rua e a inserção na criminalidade estão acima de uma moralização do sujeito por suas atitudes, cabendo também reflexões estruturais sobre esse processo. Nesta direção, cabe reconhecer o perigo de se identificar o uso abusivo de drogas como o principal condicionante para a situação de rua, sem levar em consideração que este se mostra como uma das expressões da questão social, bem como sua constituição como um fenômeno multidimensional e multicausal (Pinto,2015 *apud* Esmeraldo, Ximenes, 2022, p.153).

Chama-se atenção também para os fatores subjetivos relacionados ao uso abusivo. Isto porque “a substância psicoativa é um dispositivo que faz parte do agenciamento dos processos de subjetivação das pessoas em situação de rua e da produção de subjetividades rualizadas” (Felix-Silva *et al.,* 2019, p. 176). Para entender sobre os processos de subjetivação relacionado ao uso abusivo de drogas, é preciso compreender quais as percepções que giram em seu entorno. Deste modo, apresentamos as seguintes falas de alguns entrevistados:

> porque a adicção é uma doença progressiva, incurável, determinação fatal que mata desmoralizando. Eu fui desmoralizada no hospital que eu trabalhava(Bianca)
>
> O comportamento da gente muda. É outra pessoa, é um semelhança muito estranha, é trem esquisito. (Cristina)
>
> Então a gente deixa de desejar (Cristina)
>
> Eu eu sou, eu sempre vou ser um dependente químico. Isso aí tá no meu sangue, mas hoje eu luto pra mim tá me mantendo de pé. (Iago)
>
> Porque o vício ele toma a mente da gente, ele toma o corpo da gente, quanto mais você usa mais você quer. Então você não para. (Iago)

Percebe-se alguns aspectos relacionados às drogas: 1) Fatalismo; 2) Situação de desacreditado (Goffman); 3) A droga como um elemento de transformação; 4) A droga atrelada a justificativa do não Desejo; 5) A droga como um ativo e o sujeito como um agente inativo que sucumbe. No entanto, é preciso fazer uma ressalva para a singularidade dos processos de subjetivação, especialmente no que diz respeito a um processo de produção de uma linha de fuga, como nos mostra a citação a seguir:

> Algumas pessoas usuárias de crack reconhecem a força da droga nessa sujeição maquínica; sentem-se culpadas e ignoram que a dependência química foi produzida, em geral, não pela via da experimentação das sensações que ainda pode produzir (DELEUZE, 1991), mas pelo desejo de produzir uma linha de fuga à sujeição social. (Felix-Silva et al., 2019, p. 176)

Por outro lado, dentre os fatores que levam ao uso abusivo de drogas encontramos a necessidade de aceitação do grupo e pertencimento. Como nos revela um entrevistado:

> eu sou sou homossexual e sofri muito na infância, na escola por causa disso. Então, eu fiquei procurei ser solitário, sou até hoje (...) Eh mas a gente sente falta, a pessoa sente falta de pessoas, a gente precisa se

> relacionar, congregar, confraternizar. Então as pessoas que me aceitaram, talvez elas queriam explorar um pouco de mim, né? Mas pelo menos eu não tava sozinho, ali eu tava pagando a droga de todo mundo, né? Entrando com dinheiro pra todo mundo usar droga, tomar uma cerveja. Então foi aí que eu comecei a usar a droga, porque as pessoas que eu que eu me relacionei todos usavam droga. (Paul Cezane)

Além disso, foi possível perceber que a maioria dos entrevistados recorriam ao uso abusivo de drogas como um mecanismo de embutamento ou tamponamento dos sofrimentos vivenciados em suas histórias de vida. Como pode ser observado nas falas dos entrevistados expostas no quadro a seguir:

Quadro 5: Drogas como mecanismo de embutamento/ tamponamento dos sofrimentos

| DROGAS COMO MECANISMO DE EMBUTAMENTO/ TAMPONAMENTO DOS SOFRIMENTOS |
|---|
| É difícil, muito difícil porque de certa forma a droga ela... ela embute, ela não tira, mas ela embute um pouco a dor, ela disfarça. (Cássio) |
| Eu no dia do do enterro dela (irmã) eu parei no.. sai do cemitério, parei no centro e fui beber, chapar e já procurei cocaína. (Paul Cezane) |
| E como foi viver nas ruas com 12 anos? Até hoje é difícil, né? Mas sendo mais novo foi mais difícil porque eu tive que crescer a mente, tive que me preparar de uma forma muito rápida e a única coisa que conseguia e até hoje consegue aliviar a minha dor é só droga e bebida. (...) Antes até então eu não usava nada. (Cássio) |
| Ninguém vai parar na rua à toa. Né? Eu digo por mim, né? Foi por causa de família, mas hoje em dia eu uso, mas quando eu saí de lá perto da minha família eu não usava droga, né? Hoje em dia eu não uso direto, mas de vez em quando eu uso (Dangelo) |
| É por causa da depressão. porque a pessoa só fica sozinho, fica na rua mesmo aí termina usando mesmo a esse negócio aí (Dangelo) |
| o que leva a usar? Quando eu pego um trocado assim, né? Eu não tenho mais família, né? Não tenho mais mãe, ter eu tenho, né mas eu não quero mais ligar porque senão ela fica chorando. Fica perguntando, né? Aí eu estou nessa vida de abrigo, ela vai ficar falando, ela não sabe nem que eu fui preso né? Ela não sabe. Eu também nunca disse a ela não, eu tirei essa cadeia sem ninguém, ninguém me foi me visitar.(Dangelo) |
| a droga é boa, porque ela ela ela traz uma euforia, ela traz uma adrenalina, entendeu? Mas depois vem as consequências disso, que a depressão, vem o mal-estar, o corpo não fica bom... (Iago) |
| Eh a droga ela causa depressão, eu uso, sabe? Enquanto eu estou ali usando... O viciado, ele está sempre fissurado, ele acorda querendo droga. Eu não, acordo bem, se eu arrumar um dinheiro Aí já e vou lá e só que eu vou lá e dá fissura aí você quer você quer ir, Quer usar (Paul Cezane) |
| A rua é dolorosa. Porque não é fácil. Você tá debaixo da marquise chovendo, caçando um lugar, um papelão, uma coberta, você não achar e você com a camiseta e uma bermuda, num frio danado e você não consegue dormir e a fome todo sujo, vontade de tomar um banho, cabeça fica a mil, cê fica pensando lá no passado no que você tinha, aonde cê tá hoje, você fica pensando no presente, cê pensa no futuro, podia ter feito melhor, podia ter tomado a decisão certa pra mim tá aqui, porque no fundo no fundo eu eu perdi minha mãe, eu perdi meu pai mas mesmo assim eu não tomei juízo, continuei nas drogas, continuei fazendo mais merda ainda (Iago) |

Diante das narrativas acima é possível observar que o tamponamento do sofrimento está ligado tanto aos processos de pontos significativos que provocaram uma virada na vida dos sujeitos que compreende desde uma situação de dor

provocada pelo luto de um ente querido até a própria condição de vulnerabilidade que implica a situação de rua. Neste último aspecto, é importante mencionar que:

> Para a população em situação de rua, a falta de condições mínimas de sobrevivência que levam à miséria e à fome geram situações de desgaste e de conflitos mais acentuados, fragilizando os vínculos ainda existentes, comprometendo qualquer possibilidade de ressignificação de suas vivências. Nesse contexto, o uso de drogas, a violência estrutural simbólica e material e a solidão levam a rupturas irreparáveis (Neto, 2022, p. 89).

Cabe lembrar que o álcool e as outras drogas se apresentam como algo para tamponar tanto os sofrimentos oriundos de circunstâncias próprias das vivências das ruas como o frio e a fome, como para anestesiar a dor provocada pelo processo de desvinculação familiar e laboral (Alcantara *et al*, 2014).

Além disso, é preciso estar atento, a situação de sofrimento provocado pela invisibilidade social provocado pela situação de rua. Como relatado por um dos entrevistados: *"Depois que a gente começa a ficar limpo a gente consegue ver o que que é que a gente está sendo. Eu catando reciclagem eu estava olhando as pessoas passam o lixo incomoda elas e eu nem incomodar as pessoas eu não consigo".* (Cássio)

Por fim, é importante assinalar sobre as percepções dos sujeitos da pesquisa sobre o uso abusivo de drogas e as consequências por ele provocadas, como demonstra o quadro a seguir:

Quadro 6: algumas percepções dos entrevistados sobre o uso abusivo de drogas

| ALGUMAS PERCEPÇÕES DOS ENTREVISTADOS SOBRE O USO ABUSIVO DE DROGAS |
|---|
| Porque o o viciado em si ele tá doente.. Mas quando ele tá por dentro da droga ele não tá sofrendo,a família sofre vinte e quatro horas porque a família ela não usa droga pra ser anestesiada daquilo ali (...) O cara enquanto tá lá na droga não tá sofrendo, que ele tá anestesiado, ele tá se se você usa droga parece que cê vai pra outro mundo, parece que cê não tem problema. Então ele tá anestesiado, ele sofre quando ele tá sem droga, que ele fica nervoso, que quebra a casa, que ele bate na mãe, que ele rouba o irmão, que ele rouba o vizinho. Entao as vezes o cara não tem essa essas atitude de roubar os outros de traficar, de de coisa mais o quê? O vício leva o cara a cometer aquele negócio ali. (Iago) |
| Então eu comecei cheirando cola, depois eu comecei a fumar maconha, depois eh comecei a praticar pequenos furtos entendeu? Isso aí foi trazendo consequências. (Iago) |
| eu já cheguei a roubar no início, que tudo era novidade pra mim sabe(...)roubar pra conseguir a droga. Então eh eu tirava as coisas de dentro de casa, por fim mãe me dava, mãe pra não me ver sair pra rua pra roubar na rua ela me dá umas coisas, toma vende isso e não mexe nas coisas dos outros. Eh aí comecei a roubar de supermercado, aí a polícia pegou e fui fichado, mas já expirou já. (...) Eu nunca fui preso graças a Deus. (Paul Cezane) |
| a minha relação com a droga é o seguinte eu não uso todo dia (...)hoje em dia eu só estou usando de mês em mês. Quando eu recebo o negócio do auxílio, né ai encho a cara, uso droga, falo a real, né? Não vou mentir. Mas eu não tô roubando mais, eu não tô tirando nada de ninguém, é o dinheiro do meu auxílio. (Dangelo) |

| |
|---|
| É bom tá usando droga, mas depois que acaba vem a situação que não é nada agradável: você perde o vínculo com o seu filho, você perde a dignidade que você tem com as pessoas, a confiança das pessoas, ainda você é mal falado, julgado, criticada é isso ai. (Cristina) |
| Você gasta seu dinheiro todo, você troca suas coisas, você fica depressivo, você fica nervoso, você começa a tratar as pessoas mal. Você se torna uma outra pessoa por causa da abstinência do vício.(Iago) |

Acima é possível observar narrativas que traduzem o uso de substâncias psicoativas ligado ao processo de adoecimento. É importante lembrar que o uso abusivo de álcool e outras drogas é uma questão de saúde pública e não pode ser tratada por uma via moralizante dos sujeitos que fazem uso. Em algumas trajetórias a relação com as drogas acarretou fragilização de vínculos familiares e inserção na criminalidade. Portanto, é possível afirmar que o uso abusivo de drogas contribui para o agravamento de vulnerabilidade e desencadeamento de rupturas na vida dos sujeitos. Por fim, é importante dizer que considerando as limitações desta pesquisa, tendo em vista o objetivo estabelecido, é importante que mais pesquisas sejam desenvolvidas para aprofundar a respeito desta temática.

## 7.7 O elemento inesperado – a espiritualidade

Diante das entrevistas surgiu um elemento narrado por todos os entrevistados – a espiritualidade. Embora não tenha sido objetivo desta pesquisa, consideramos importante descrever os principais aspectos apresentados pelos sujeitos da pesquisa que foram alocados no quadro a seguir:

Quadro 7: O inesperado – a espiritualidade como um elemento

| Livre arbitrio | Propósito | Sustento, providencia e proteção | Redenção e saída |
|---|---|---|---|
| Escolha que Deus deu o livre arbitro, né? Ou você escolhe o caminho do bem ou o caminho do mal. Né? (Cristina) | aí eu acredito que eu vivo essa vida mais pelo lado espiritual, não é nem material, sabe? Que nem Jesus passou nessa vida, né? Fala que ele foi peregrino, né? E batia de porta em porta ne pedindo ajuda, fala assim, povo dava comida ele, dava roupa, né? Ele não precisou de uma casa | esse Deus que tem, vou falar com você, que tem me sustentado. Eu vou falar com você, né? Era pra mim ter ido embora há muito tempo. Deus mesmo que põe a mão, quando ele põe a mão, ninguém entra. Ninguém vai entrar. Que eu tenho fé em Deus que eu vou sair | Eu não quero o mundo do crime, estou disposto a entregar a minha vida pra Jesus, eu sou espirita, mamãe é evangélica, mas eu acredito em todos os lados espirituais. (Snoopy) |

| | | | |
|---|---|---|---|
| | pra sobreviver, né? Ele vivia com o mesmo lugar, com o mesmo, tipo assim, né? As pessoa que ajudava ele, né? Eu vivo desse jeito aí (Dangelo) | dessa vida.(...) Porque o lado espiritual que faz de jogar a pessoa na rua e na lama não é pessoa normal . (Cristina) | |
| eu acredito tanto em Deus, eu eu levo Deus, eu levo palavras de Deus pra todo mundo com quem eu converso Eu sempre falo de Deus, o que Deus que ele pode fazer pra gente porque ele só não faz porque a gente não aceita porque Deus não obriga a nada ele dá o livre arbítrio, né e quem tá ali no buraco não é culpa de Deus não, Deus não castiga os seus filhos não, tudo são consequências de nossas escolhas. Ele dá o livre arbitro, você escolheu aquela vida, então ele vai deixar, ele ele estende a mão, se você quiser pegar ele te puxa, mas se você não pegar, você vai só afundando cada vez mais. E eu sei disso. (Paul Cezane) | Antigamente eu era arrogante, eu era ignorante, eu não gostava de morar dentro de rua, entendeu? Até Deus me fazer cair nessa situação e hoje em dia eu gosto de morador de rua, ajudo os morador de rua e eles são minha família. (Dangelo) | eu sempre a única pessoa que eu sempre pude contar é com Deus, só com Deus e mais ninguém (Cassio) | Hoje eu acredito muito em Deus. Eu leio muita bíblia. Imagina o cara que não gostava nem de ler bíblia. Hoje o cara está lendo até a Bíblia (Snoopy) |
| | É orgulho, o orgulho uma hora pesa, uma hora Deus cobra, entendeu. E Deus ta cobrando, tudo que eu não gostava, que eu discriminava, hoje eu sou tudo aquilo. Então, dum jeito ou de outro, o que você fizer você vai pagar é aqui. Tem nada que tu vai pagar no rico, vai pagar não, vai pagar é aqui. Tem nada que vai pagar na hora que morrer, vai pagar aqui, de um jeito ou de outro. O orgulho que eu tinha, eu não comia no mesmo prato que ninguém, não bebia no mesmo copo que ninguém, hoje eu | O poder superior é tão providencial (Bianca) | Sem Jesus a gente não é nada, a gente não consegue. Sem ele nada. Ninguém consegue fazer aquilo, nada. E um macumbeiro ele não consegue o que ele quer sem os Exum. E nós não consegue sem Jesus é isso (Cristina)É Deus. Mais nada, mais ninguém. Só Deus. Chegar uma hora que alcançar o perdão de Deus pelas coisas erradas que a gente fez, né? Porque antes de usar droga eu era orgulhoso demais, você não tem noção eu tinha muito |

| | | | |
|---|---|---|---|
| | como comida do lixo sem orgulho nenhum. Mas é isso,na hora que eu alcançar o perdão de Deus das coisas que a gente fez é o momento de sair dessa vida. (Eldorado) | | dinheiro que eu trabalhava bem, a minha profissão era boa, então eu era muito orgulhoso, eu não gostava de quem usava droga, eu não gostava de mendigo (Eldorado) |
| | | Então, aprendi o agir de Deus que é o manguear (Iago) | Eu tenho fé que num dia eu ainda saiu da rua. (Eldorado) |
| | | porque o Deus que eu sinto que eu tenho fé mesmo ele é muito bom pra mim porque pra mim não abalou muito isso aí não nega (José) | Eu peço a Deus todo dia pra começar a abrir as portas, (Negão) |
| | | Deus que me protegeu muito (José) | Já falei pra ela que eu vou parar de brincar de ser crente e levar Deus mais a sério né? Porque uma pessoa tão temente a Deus que fala de Deus pra como é que eu posso tirar uma pessoa do fundo do poço se eu não conseguir sair de lá né? (Paul Cezane) |
| | | Eu acredito muito em Deus e assim, não esqueço muito de agradecer nunca tudo que ele tem feito por mim, porque na rua nunca passei dificuldade, nunca passei aperto e Ele deu livramento. (Paul Cezane) | |
| | | se eu não morri aquele dia que eu tentei suicídio porque Deus tem um propósito na minha vida e esse propósito eu já sei o que é ajudar essas pessoas. Tirar essas pessoas das ruas lá em Patos de Minas eu fique um ano e um mês fiquei fazendo esse trabalho. Esse trabalho de resgate, de levar a refeição pras pessoas na rua. E só que assim, igual eu conversei com a | |

| | |
|---|---|
| | minha irmã teu tenho que parar de brincar de ser crente. Eu tenho que levar Deus mais a sério, eu não vou conseguir tirar uma pessoa do fundo do poço se eu não consigo sair de lá. Eu tenho que ser espelho. Tem que ser exemplo. Eu tenho que dar o meu testemunho. (Paul Cezane) |

Nota-se que as narrativas apontam a espiritualidade como forma de expressão do livre arbítrio, propósito, sustento, providência e proteção, e por fim redenção e saída. Diante das limitações desta pesquisa, é importante pesquisas nesse campo que aprofundem sobre o assunto, pois este se apresenta como um elemento central mobilizado nos discursos das pessoas em situação de rua.

## 7.8 Configuração da inserção na criminalidade

Para dizer sobre os processos de configuração da inserção na criminalidade é preciso entender as motivações ao ingresso, para tanto elaboramos o seguinte quadro com base no agrupamento das 05 pessoas que são egressas do sistema prisional:

Quadro 8: Motivações de iniciação na criminalidade

| Entrevistado | Motivações de iniciação na criminalidade |
|---|---|
| Iago | Quando eu tinha sete anos eu fui morar na casa da minha vó, a mãe do meu pai e ali passei muita humilhação, eu e minha mãe, eu era criança. Eles me xingavam, eles eles colocava apelido em mim, eles cuspia na minha mãe e passamos por várias situações difíceis. Minha tia, irmã do meu pai, jogava água fria na minha mãe e nós ali moramos em dois cômodos de favor. Não podia levar um colega em casa, não tinha liberdade, aí fui crescendo. Completei aos doze anos, treze ano eu fui encontrar o refúgio aonde? Na rua. Eu morava num lugar lá no Lagoinha Center entre a Pedreira Prado Lopes e Buraco Quente. Então ali eu fui caçar meu refúgio na rua. Ali eu conheci as drogas, conheci a criminalidade e eu fui de cabeça naquilo ali. Onde eu dei muito trabalho pra minha mãe, dei muito trabalho pros meus irmão, né? Não tinha sossego, não tinha paz, ia preso, saía, não queria saber trabalhar, não queria saber de estudar, não queria saber de nada, por quê? Porque o trauma que eu... que meus parentes, meus próprio parente, gerou na minha mente e eu me tornei uma pessoa daquele tipo. Dei muito trabalho, foi passando os anos, os anos até que chegou tive que sair de lá por causa de problema com pessoas por causa de droga também e não posso voltar |

| | |
|---|---|
| | lá. |
| José | o negócio é eu queria até era carro bom e moto |
| Dângelo | A vida difícil lá em Pernambuco, aí eu fazia eu fiz uns delitos sabe?! Mas assim, com passar dificuldade. Minha mãe não ter condição de me dar as coisa. Aí foi até pra comer, sabe? Que lá é difícil, não tem doação. Aí fazia a coisa errada. Roubava, mas era pra comer, não era pra usar droga, não era não, que na época eu não fazia isso muito, usava esses trem não, entendeu? Era mais pra comer mesmo, pra alimentar. Por isso que eu fazia esse trem de roubar, mas aí hoje em dia não faço mais não, parei. |
| Snoopy | o que que eu fiz eu colei nos cara, falei vamos sair, dar uma saidinha porque pô estou com dinheiro pra receber mas eu não quero mexer, porque eu quero investir. Ele pô mas tu já parou mó tempão com isso. falei pô só uma saidinha mano, só pra fazer uma festa, porque tem uma menina que eu conheci ela era novinha, pequenininha ,aí queria saber que não ia de jeito nenhum com ela, ela era menor, agora eu vi ela agora, uns dias pra tras. Ela ta lindona. Fazer a festa pra ela. Aí fui fazer a saidinha pra fazer a festinha pra esbanjar. Nem festinha e nem ela. (Snoopy) |
| Eldorado | de vez em quando, quando a abstinência era muito, não tava aguentando usar droga, aí ia roubar. (Eldorado) |

Percebe-se que as motivações são diversas. A primeira fala desvela um cenário de ambiente familiar conflituoso, violação de direitos e desproteção foram elencados ao início ao uso abusivo de drogas e na sequência na criminalidade. O segundo, o desejo em obter bens materiais. O terceiro, a necessidade imposta pela situação de fome e falta de recursos públicos que garantisse direitos, como o de alimentação. O quarto já demonstra o uso do ato criminal para possibilitar uma vinculação afetiva por meio da promoção de um evento. E o quinto, a relação entre uso abusivo de drogas e crime. Ademais, é preciso dizer que muitos relataram a influência de amigos para o exercício do ato ilícito

De forma a subsidiar o entendimento sobre a história de vida dos entrevistados com relação à inserção na criminalidade, apresentamos o quadro abaixo com os dados sobre tipo de crime e maior tempo de prisão:

Quadro 9: Tipos de crime e tempo de prisão

| Entrevistado | Tipo de crime | Maior tempo de prisão |
|---|---|---|
| Iago | furtos | 5 meses e 21 dias |
| José | assalto | 1 ano e 3 meses |
| Dângelo | furtos | 5 meses |
| Snoopy | assalto | 3 anos |
| Eldorado | furtos | 4 meses |

Observa-se que a maioria dos crimes corresponde a furto e roubo/assalto. No que diz respeito ao tempo de prisão, é importante dizer que devido ao histórico de mais de um momento da vida que o sujeito da pesquisa foi preso, foi levado em consideração o maior tempo em unidade prisional. Logo, podemos afirmar que a maioria possui um tempo curto de aprisionamento e por infrações penais de menor potencial ofensivo.

Tal dado corresponde ao que foi discutido no capítulo sobre criminalidade e criminalização da situação de rua, em que os autores como Prather,2010; Karam, 2015 e Pimenta, 2019 também afirmaram em suas pesquisas que encontram pessoas em situação de rua com histórico de detenção, e que dentre os motivos se acentuam os crimes de pequeno potencial ofensivo e relacionados a propriedade. Por este motivo, apresentamos um quadro sobre os relatos dos entrevistados sobre a carreira criminal com base nos pequenos delitos.

Quadro 10: Pequenos delitos

| Pequenos delitos |
|---|
| Nó, tive muitas cadeia. Já fiquei, já fui preso umas oito vezes só que como é furto, é crime simples é doze, quinze dias você fica agarrado. Você sai,mas eh quando eu fiquei quatro meses porque foi mandado de desobediência. Aí eles dão castigo de quatro a seis meses. (Eldorado) |
| E meus meus BO é só furto, é 155, coisa simples, é desodorante, creme, negócio de supermercado[...] (Eldorado) |
| Aí vem esse cano, essas coisas, de vez em quando quando a abstinência era muito, não tava aguentando usar droga, aí ia roubar. Aí roubar ou sustentava pra sustentar o vício, quando dava ruim a gente ia preso. Vai preso e às vezes ainda rouba ainda, né? Tem quatro anos que eu não mexo com roubar. Mas as vezes ainda rouba. Que nem eu fui preso mês retrasado por causa de um BO de 2019. Fiquei dois meses, catorze dias preso. Mas é isso. (Eldorado) |
| “os delitos que eu que eu cometia ficava um dia, ficava uma semana preso e saía. Porque era delito de pequeno.. Entendeu? Mas aí fiquei um tempo trabalhando tempo também, fiquei dois anos na firma, fiquei mais um ano em outro, mais sete ano, mais sete meses no outro.” (Iago) Fazia com outras pessoas, com com colega ou mais dois, ou sozinho. (Iago) |
| Eu comecei a furtar mesmo quando eu comecei no crack. Comecei a mexer com o crack (Iago) |
| Oh nesse dia eu estava bebendo sabe? Eu tenho recebido o auxílio. Aí era pouco demais cem real. Aí acabou o dinheiro aí eu fiquei na abstinência de beber mais. Aí eu também queria usar droga eu peguei Fiz a merda. Fui roubar. Aí roubei. Aí eu fui preso. Aí fiquei cinco meses no Gameleira. Ainda me mandaram pra Ouro Preto. Aí depois me soltaram lá. Aí até hoje eu estou pagando esse trem aí. Qualquer hora pode estourar um mandato. Não sei, né? Mas se isso acontecer de eu voltar de novo, eu volto de novo. Vai fazer o quê? Eu errei né? Eu vou ter que pagar o meu erro né? (Dangelo) |
| Aí fui na segunda, na terceira eu rodei. Aí me bateram, a população me pegou roubando, bateram “neu” A polícia me me pegou na hora e me levou. Senao eles tinham matado eu, linchado eu. No, quase que eu morro. Mas aí, graças a Deus, a polícia apareceu lá pra me salvar. Eu fui linchado, sabe? (Dangelo) |

Percebe-se que existe um ciclo de idas e vindas da prisão devido ao tipo de prática criminal constar em reiterados momentos da vida dos sujeitos. Verifica-se ainda uma relação com uso abusivo de drogas ao fato de uma iniciação criminal ou a uma intensificação de uma conduta de prática criminal. Nesta direção, é preciso compreender o mecanismo da prisão como uma tentativa da sociedade capitalista de enfrentar as desordens urbanas, por meio de uma atuação como "aspirador social", tendo como principais alvos aqueles que possuem entrelaçamento entre pequenos furtos, desemprego, situação de rua e uso abuso de drogas:

> Utiliza-se a prisão como "aspirador social" para limpar as escórias das transformações econômicas em curso: os infratores ocasionais; os jovens autores de pequenos furtos; os desempregados e os sem teto; os toxicômanos e toda ordem de excluídos sociais, deixados de lado pela proteção social. Para esses, o recurso do encarceramento para debelar as desordens urbanas é um remédio que, em muitos casos, só agrava o mal que pretende sanar (Wacquant *apud* Torres,2005, p.19 *apud* Karam, 2015 p.282; Ferreira, 2011, p. 519).

Soma-se a essa reflexão a desigualdade social produzida por meio de processos de criminalização[14] dos pobres. Cabe dizer que a criminalização e a estigmatização está relacionada as questões de racismo estrutural, aporofobia, machismo, etc. Especialmente pelo fato de que o Estado social brasileiro possuir um histórico de tratar a questão social como questão de polícia. Esse processo de criminalização se materializa na formação legal e nas práticas de encarceramento, revelando os processos de assimetria de poder entre as classes sociais:

> A criminalização dos pobres fica evidente também na legislação brasileira desde o Império, seja na criminalização da vadiagem, da ociosidade, da mendicância. Hoje, todavia, beneficia-se o sonegador de imposto, crime em tese praticado por quem pertence a classe mais abastada, em detrimento dos crimes praticados pela plebe: furto, apropriação indébita, estelionato (que não tem o mesmo benefício da extinção da punibilidade para quem efetua o pagamento antes do recebimento 'da denúncia criminal como no caso da sonegação de impostos) (Figueiredo e Guerra, 2015, não paginado)

Por outro lado, é preciso dizer que o encarceramento aprofunda ainda mais as desigualdades sociais. Deste modo, "o encarceramento é em si uma poderosa máquina de empobrecimento" (Wacquant, 2008, p. 105 *apud* Ferreira,2011, p.520).

[14] "o conceito de criminalização é explicado como ato de imputar crime ou ato de tomar como crime a ação ou ações de determinados grupos sociais". (Figueiredo e Guerra, 2016, s/p)

Nesta direção, o próximo item abordará sobre as perspectivas sobre o mundo de dentro e de fora da prisão, sob ótica dos sujeitos da pesquisa.

## 7.9 Prisão: percepções entre o mundo de dentro e o mundo de fora

Para Goffman (1974), a prisão é considerada uma instituição total, que se caracteriza por ser um local de residência e trabalho onde muitas pessoas compartilham de uma situação similar, separados da sociedade mais ampla por um período, levando uma vida fechada e formalmente administrada. Sendo assim, um grande tributo da instituição é o fechamento ou caráter total – barreira ao mundo externo e por proibições a saída que está imbricado no próprio esquema físico. Logo se faz um paralelo entre o mundo interno e externo das prisões, sendo observadas nas percepções dos entrevistados do seguinte modo como demonstra o quadro abaixo:

Quadro 11: Prisão: percepções entre o mundo de dentro e o mundo de fora

| Prisão: percepções entre o mundo de dentro e o mundo de fora |
|---|
| Chega lá tem que fazer procedimento.Chega lá chega essa roupa aí tem que botar roupa vermelha depende. Tira a roupa, bota a mão na cabeça lá e agacha três vez. (Dangelo) |
| Todos é a mesma coisa. Tudo de vermelho. (...) Todo mundo é igual. O cara pode roubar um banco, o outro roubar uma galinha, a mesma coisa. (Dangelo) |
| ah esse tempo que eu fiquei preso foi muito ruim, né? Porque você fica dentro daquele quadrado lá o dia inteiro, entendeu? Passa por por várias... psicológico muito abalado porque os cara faz rebelião, eh tem tráfico de drogas dentro da cadeia, tem várias coisas eh agente bate, quando tem rebelião que eles coloca fogo naqueles colchão e tal, os polícia invade, dá tiro de borracha, spray de pimenta, então a situação você acha que vai morrer ali dentro. A situação, seu psicológico fica abalado demais. Eles pega todo mundo, coloca todo mundo pelado no pátio, entendeu? Então seu psicológico ali..., né? Você não dorme, você não come direito, você fica depressivo, porque você tá vivendo sem sua liberdade, você não pode sair dali. É uma coisa que passa muito desagradável, mexe tanto com o corpo, com o físico quanto com o psicológico da gente. (Iago) |
| É vigiando todo dia, você não tem privacidade, você fica com quinze camarada dentro de uma cela. Banheirinho do lado pra você tomar um banho e só tem a cela. (Iago) |
| Lá dentro tem droga, lá dentro tem telefone, lá dentro tem tudo. Só que eles vai, eles faz vista grossa. (Dangelo) |
| o inferno aqui na terra a cadeia viu Nossa Senhora, isso aí a hora que eu penso, nossa mãe todo dia eu agradeço a Deus cedo, ta vivo, tá na liberdade, que lá não é lugar de gente não. Você imagina você ficar num quadrado desse aqui com dezesseis pessoa num num num calor (José) |
| O mundo lá dentro é diferente porque o cara está preso numa cela lá eh oprimido né? E o negócio é pequeno né? É vinte, trinta homem numa cela. Dependendo do artigo o cara cair não fica perto, fica isolado lá, no meio que eles chama pilantra né? (Dangelo) |
| Ah, lá dentro é o seguinte, os policial penal lá... o negócio lá é feio. Cara bem soubesse ele não fazia coisa errada pra estar num lugar daquele não. Eles tem mania de dar spraizada de Pimenta ali cela quando ta muito agitado. Os presos lá não aceita qualquer artigo se você for preso roubo, Maria da Penha, tráfico qualquer coisa, mas se for o preso com negócio de negócio de estupro esse negócio ruim aí, os cara quer matar o cara lá véi, bota o cara pro seguro, o negócio é feio não viu...Eu não, fiquei no convívio sabe, no meio de ladrão lá, fizeram mal a mim não sabe? Policial penal deu murro aqui na minha costela aqui, me covardiou lá (Dangelo) |

| |
|---|
| O mundo da prisão é pior do que você está com medo do crime aqui fora até. um pouco, vamos dizer assim, silencioso. porque lá dentro ninguém sabe de nada, acontece coisas.. (Snoopy) |
| cadeia horrível, superlotação, desconforto, você come na hora que eles serve, a comida é pouca, porque quando você tá sem usar a droga, você come muito. Então, você acaba passando é fome na cadeia, infelizmente, você passa fome. Porque família é longe, não tem como mandar pertence como nesse trem. Você come o que eles vão lá. Aí você fuma cigarro, cigarro, aí você troca no pão, você troca no leite, você troca no na na carne da marmita, então acaba que você come muito pouco pra sustentar o vício lá dentro, que é o cigarro. Quem não tem familiar pra mandar as coisas, tem que trocar a alimentação que ganha. Acaba que passa é fome na cadeia (Eldorado) |
| lá dentro é outro mundo. Aqui fora é uma coisa, lá dentro é uma coisa totalmente diferente, inimaginável. Lá dentro é tipo como fosse outro país, é diferente demais da conta. (Eldorado) |
| Você vai formando várias identidade ne. Porque você tem que se adaptar ao novo ambiente, você acaba que virou quase que outro ser humano pra falar pra você a verdade. (Eldorado) |
| Porque o dentro você está ali você está vivendo só aquilo ali dentro. Você está vivendo só aquilo ali: cadeia, comer, dormir,tomar banho e banho de sol. Você está vivendo só um mundo. O mundo aqui fora não, você tem várias coisas.Tem um mundão ai pra você desfrutar. (Iago) |
| aqui é o céu e lá é o inferno da Terra, né? (José) |
| o cara chega na cela os caras pergunta, sabe? Você foi preso com o quê? Quer saber, né Se for Maria da Penha eu falei, Maria da Penha, tráfico, roubo, esses negócio eles não bota a mão no cara não. Agora se eu descobrir que é esse negócio aí que nem eu falei negócio de mulher, quem pegou a mulher, esse negócio ruim aí eles querem matar o cara, eles pegam o lençol e amarra assim ó, isso, chama Tereza, sabe? E manda o cara pular véi, manda o cara se matar, se enforcar, é desse jeito a cadeia. (Dangelo) |
| os nome lá é tudo diferente, não és os mesmo nomes, a toalha é uma coisa, caderno é uma coisa, caneta é uma coisa, alimentação é outra, tudo. Você aprende outro modo de vida (Eldorado) |
| Conheci pessoas que ficou quinze, vinte ano presa e saiu e depois de uma semana, duas semanas voltou, roubou pra voltar pra cadeia porque não não conseguia viver mais na sociedade. Porque a mente do cara viveu vinte anos trancado ali? Mas não consegue mais Não, que o cara foi preso não existia celular, não existia computador, não existia as tecnologia que tem hoje. O cara põe o sol pro cara, o cara fica doido. Celular? O cara sabe que tem cadeira, mas o cara ela fica doido. Mexer com cartão, igual hoje tem o negócio de Pix, essas coisas avançada aí o cara não consegue viver na sociedade, porque a sociedade dele foi de vinte anos atrás. (Iago) |
| Nas visitas - situação desagradável também porque fica um agente olhando pra ver o que você está conversando, ai tem que pedir muito pra eles tirar a algema pra você dar um abraço no seu pai. Seu pai, sua irmã que ta vendo você ali algemado. nas mãos e nos pé. Acaba que mexe tanto com o psicológico do cara que está preso quanto da família. Depois que solta o cara, o cara não tem um uma auto ajuda, deveria ter. (Iago) |
| Eu fiquei cinco meses aí, preso aí, mas é isso aí foi o ano passado. Aí eh Chegou janeiro agora, sabe? Chegou a cadeia e o oficial de justiça veio trazer aí, aí eu recorri aí estou esperando, né? Vou voltar pra lá de novo, eu não sei o que que vai acontecer. Quem sabe é Deus, né (Dangelo) |
| Oh o relaxamento de prisão é um negócio assim ó eles puxaram a ficha né pra ver se tem antecedente e mais passagem aí eles viram que não tinha né aí como eles aí até como eu sou réu primário né a primeira vez eles deram uma chance né Aí eu passei cinco meses já fiquei dois no gameleira e três no Ouro Preto.(...) eu tive duas audiência né? De custódia. e de instrução aí não me penalizaram aí me me colocaram pra me responder em liberdade (...)Aí me soltaram dia vinte de abril de dois mil e vinte e dois. Aí agora dia vinte e cinco de janeiro de dois mil e três chegou a cadeia, né? Me sentenciaram, cinco ano, quatro meses, treze dia. Aí regime semiaberto, eu não sei como é (...)Aí eu recorri aí está rolando (Dangelo) |
| no meu ponto de vista faz o seguinte cadeia é correção, correção pro camarada dar certo Porque se o camarada dá errado ele vai sofrer no lugar daquele porque o lugar é sofrimento. Um lugar pra ser covardiado.(...) O sistema já é bruto. Que é pro camarada ver que a prisão não é um lugar pra se viver. Que é melhor o camarada dar certo aqui na rua do que está no... do que fazer coisa errada pra parar num lugar daquele. Igual eu parei (Dangelo) |

As falas acima revelam os processos de “mortificação do eu” (Goffman, 1974) impostos aos presos ao chegar na instituição. Logo, com o processo de admissão –

“procedimento” em que se despe de seus pertences cria-se o estabelecimento de substituições padronizadas que pertencem a instituição, como por exemplo o uso do uniforme, que servem também para dar ao novato uma noção de sua situação. É feito também uma exposição do preso por meio de 1) violação da reserva de informação quanto ao eu. Ex: dossiê e confissão individual ou de grupo. 2)O internado nunca está sozinho e está sempre em posição em que possa ser visto e muitas vezes ouvido por alguém. 3)A estrutura física da instituição corrobora para a exposição. 4) A questão da correspondência e do caráter público das visitas.

Por fim, como as instituições totais são consideradas por Goffman (1974) como “Estufas para mudar pessoas”. Só nos resta saber em que direção nos leva a situação dos presídios e do tratamento dos detentos no Brasil na atualidade?

Como sinalizado pelos entrevistados e apontado no estudo de Ferreira (2011) a situações das prisões no Brasil “servem para causar o sofrimento, desassistência e degradação humana, pelo confinamento e pela punição àqueles que não corresponderam às normas morais e as leis e, por isso, devem ser isolados dos que seguem os padrões da ordem social dominante” (Ferreira, 2011, p. 514). Consequentemente, os indivíduos podem apresentar “a reincidência no crime, pois tendem a repetir o percurso “crime-prisão-liberdade-crime” num processo de busca de sobrevivência à “barbárie social”” (Ferreira, 2011, p. 514). Haja vista que “a improdutividade do sistema penitenciário é produtiva! Produz sujeitos objetiva e subjetivamente sequelados e por isso de alguma forma produz a reincidência criminal e assim amplia os índices de violência urbana” (Carvalho Filho, 2006, p. 9 *apud* Ferreira, 2011, p. 519).

### 7.10 A intersecção das trajetórias: o estigma

Como visto no capítulo sobre o Estigma, constata-se a existência de processos de estigmatização com relação à população em situação de rua, conforme é possível verificar nas narrativas dos sujeitos da pesquisa:

Quadro 12: Percepções sobre o estigma

| Percepções sobre o estigma |
|---|
| Ah sim, as pessoas olham de uma forma meio enviesado, meio torto. Olham não só pra mim, mas pros outros irmãos e irmãs que estão na rua. Acha que todos são drogados, são ladrões, são ex presidiários e as vezes é um simples problema familiar ou simples problema de adicção , perda de um emprego. Então tem esse estigma o morador de rua. A pessoa te olha.. a primeira coisa que a pessoa quando eu vou manguear eu falo pra ele assim... pras pessoas olham pra você quando você pede alguma coisa pra uma pessoa na rua são seus olhos pra ver se você tá falando a verdade e os seus pés. Por que os pés? Eu vou explicar porque... porque o usuário de Crack não tem asseio pessoal e ai eles olham ah o pé tá limpinho não vai usar droga, eu vou dar! São as primeiras coisas quando eu peço ajuda alguma pessoa na que elas olham são os olhos e são os pés. (Bianca) |
| a maior parte que desfaz, despreza o pobre que está na rua.(Snoopy) |
| Tem, muito preconceito na rua. Eles te olham mal? Entendeu? Ah, lá a noiada, usuária de crack. Chamam tudo, (Cristina) |
| ainda mais quando você vai pedir alguma coisa de comer? Aha lá noiado está com fome, invés de usar droga, invés de usar o dinheiro pra comer foi usar droga, muitos olham assim: maus olhos. (Cristina) |
| Muito preconceito. Falar que é morador de rua, a pessoa já fica é ladrão, né noiado, usuário de droga, coisa boa não é, está na rua porque não serve, o povo pessoal pensa assim, né? Mas não é assim. Eu mesmo eu fui pra rua na época não mexia com droga, foi por causa da família, mas o ser humano ele não quer saber, ele já julga né? (Dangelo) |
| O preconceito é grande porque a pessoa tem situação de rua ela vai incomodar. Por quê? Ela não tem um local pra ela fazer a necessidade, ela vai fazer numa parede, ela vai fazer num canto, ela vai fazer um na rua, o cara vai, não tem lugar pra tomar banho, o mau cheiro é grande demais como que chega perto das pessoas, o preconceito é muito grande. (Iago) |
| Mas morador de rua sofre muito preconceito e outras pessoas falam Eles fazem piada, sabe? Igual uma vez eu fui entrar no ônibus aqui há três anos atrás quando eu passei por aqui. O o a filha do homem entrou no ônibus eu entrei atrás e ele avisou pra ela assim, qualquer coisa liga que eu chamo a polícia. Como se diz porque tem alguém do abrigo entrando mesmo ônibus. (...) como se aqui só tivessem ladrão. É porque eles conhecem um pouco porque realmente aqui tem muito ladrão. Né? (Paul Cezane) |
| Oh, tem mais preconceito sabe?! As pessoas fica com medo, acha que vai roubar. Tem gente que você vai pedir a pessoa se afasta, não dá atenção. (Dangelo) |
| mas tem muita gente aí que tá na rua porque não gosta de trabalhar, né? (...) E outros já fala, ah mas isso aí é muito por causa de droga(...) (José) |
| Na minha família é um preconceito(...) De de achar que que a gente foi uma ovelha negra da família, que lá ninguém mexe com isso aí não, negócio de roubo (José) |
| Entrevistadora:e você percebe que há uma diferenciação de ser travesti e estar em situação de rua? Entrevistada: É completamente diferente. Primeiro que a pessoa acha que você é garota de programa pra começar. Travesti na rua, em situação de rua senão tiver um companheiro a pessoa vai te olhar como profissional do sexo(...) Eu posso ta na rua sim, sou travesti sim, mas não sou profissional do sexo. (Bianca)<br>E por que você acha que tem essa correlação assim? Entrevistada: É porque a marginalização ne ... A marginalização, você está a margem da sociedade, o travesti está as margens da sociedade, o usuário de drogas está as margens da sociedade, o abrigado, muitas das vezes está as margens da sociedade. Vê como um criminoso, as pessoas veem como ah isso ai é um drogado, isso ai ta roubando e as vezes não é (Bianca) |

Nota-se que o estigma consequentemente imputa uma culpabilização do sujeito por ele estar em situação de rua. Recai sobre as pessoas em situação de rua o rótulo de indesejáveis, sendo vistos como “ladrões, ex-presidiários, criminosos,

drogado/noiado, não gosta de trabalhar, profissional do sexo, ovelha negra da família". Esses foram os termos utilizados pelos entrevistados nas interações permeadas pelo estigma que já sofreram ou presenciaram. Consequentemente, o estigma provoca barreiras na vida desses sujeitos, como pode ser observado nas falas a seguir:

> Se for você ficar se declarando pra todo mundo que você mora na rua, ai eu acho que aí eu acho que as porta fecha mais fácil ainda. (José)
>
> as pessoas tem preconceito. Então tem uma vaga de emprego e você preenche todos os requisito mais um comprovante de endereço do abrigo, da Casa de Passagem ou Centro Pop É o preconceito. Eles não chamam. (Paul Cezane)
>
> tem muito preconceito, tem lugar ai que não pode nem entrar. (...)Uma lanchonete, às vezes, não deixa você entrar, manda você sair. As vezes restaurante, manda você esperar na porta, se fizer alguma coisa, ou manda você nem ficar na porta. Essas coisas acontecem, mas isso é normal. (Eldorado)
>
> Então, a pessoa que tá em situação de rua, cê perde muita oportunidade, por quê Quem vai querer dar um emprego pra um morador de rua? Você não tem um, você não tem um uma residência, um comprovante que você mora num lugar, você não tem um comprovante de residência. Você não tem um físico bom procê trabalhar eh as roupa que cê tem que cê tá suja, não tem como assim entrar dentro do escritório pra fazer uma entrevista, entendeu? Então é dessa forma mesmo. (Iago)

As barreiras consequentemente provocam "o fechamento de algumas portas". Dentre estas a da empregabilidade. Cabe lembrar que a população em situação de rua enfrenta dificuldades de inserção no mercado de trabalho regular/formal, pois muitas vezes a falta de um endereço fixo e comprovante de residência inviabiliza o acesso ao conjunto de direitos trabalhistas, previdenciários e jurídicos que são prerrogativas da cidadania normalizada, representada pela posse de documentos, domicílio e registro em carteira (Pimenta, 2019, p. 102).

Além disso, há uma intensificação do processo estigmatizador quando o indivíduo possui uma trajetória relacionada à criminalidade. Sendo assim, uma das estratégias para acessos é o ocultamento da situação de rua e da passagem pelo sistema prisional, ou seja, ter que "esconder seu passado por causa do estigma" (Goffman,1974). O estigma configura-se, inclusive, na fixação de barreiras que impõe uma limitação do exercício da liberdade de transitar nos espaços, como demonstrado por um entrevistado ao dizer do impedimento de entrar em determinados estabelecimentos. O que mais chama atenção é na relação

naturalizada em que o desacreditado (Goffman) narra a situação como “normal”. Diante disso, é preciso perceber os sentimentos de vergonha e humilhação desencadeados por esse processo, como visto abaixo:

> Pra começar eu eu tenho maior vergonha se eu tiver, tiver que deitar num lugar ali e acordar de manhã e tá passando aquele monte de gente e olhar pra minha cara e falar, nossa, esse homem um monte de saúde desse invés de trabalhar, né? As vezes as pessoas não sabe a dificuldade porque porque que a gente está na rua, ninguém sabe o que que aconteceu. Eu por exemplo Não sei, por que que eu fui parar na rua assim (...) Muito álcool, droga e sei lá. (José)

> é bem desconfortável, é bem humilhante que às vezes você precisa ir no banheiro, você não tem um banheiro pra ir, as vezes você está com fome, às vezes tá sujo, os outros te discrimina e é muita coisa. Viver na rua não é bom. (Eldorado)

Como visto na literatura exposta no capítulo sobre o Estigma, demonstrado por Zavaleta (2007) apud Moura Jr. et al, (2013); Taille (1996) apud Moura Jr. et al (2013) esses sentimentos estão intrinsicamente vinculados as relações assimétricas de poder e impactadas pelo sentimento de exposição provocado pelo olhar dos outros. Por outro é possível observar também sobre uma introjeção do rótulo e “a vergonha se torna uma possibilidade central, que surge quando o indivíduo percebe que um de seus próprios atributos é impuro e pode imaginar-se como um não-portador dele” (Goffman, 2004, p. 10). Como também nos revela a fala a seguir:

> Porque **a gente também não tem condições de estar no meio da sociedade normal**. Às vezes a gente anda muito sujo, anda drogado. Então realmente eles dá um direito deles também (...) Porque tem que separar, porque não tem como cara, como é que o cara sujo, drogado, vai ficar no meio da sociedade limpinha, todo mundo tranquilo, família e tudo mais. (Eldorado) (grifo meu)

A exposição acima nos mostra como que a experiência da discriminação afeta o corpo, a identidade e a percepção de mundo e de si mesmas das pessoas em situação de rua (Pimenta, 2019). Por fim, é possível aferir que o estigma se mostra como um elemento chave de interligação das trajetórias de rua e trajetórias relacionadas a violência e a criminalidade. Sendo estas, permeadas de barreiras e sentimentos de vergonha e humilhação que impactam na sua “concepção do eu” (Goffman,2004).

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que a pesquisa em tela se propõe a responder *quais as possíveis relações estabelecidas entre a trajetória de rua e trajetórias relacionadas à violência e à criminalidade*? Foi utilizado a teoria do curso de vida que tem como finalidade analisar como um acontecimento familiar, econômico, social, entre outros vivenciados pelos sujeitos modificam suas probabilidades de produzirem outros eventos em sua existência (Blanco, 2011). Observou-se alguns eventos que se configuram como importantes pontos de virada no curso de vida que provocam mudanças, levando em conta quatro conjuntos de variáveis: 1) a natureza do evento ou transição, sua gravidade, duração e assim por diante; 2) os recursos, crenças e experiências que as pessoas trazem para a situação; 3) como a situação ou evento é definido; 4) linhas ou adaptações resultantes escolhidas entre as alternativas disponíveis (Elder,2022).

Com base nos dados obtidos, é possível afirmar que a trajetória de vida nas ruas não se configura como um continuum, ou seja, não se mostra de forma linear na vida dos sujeitos (Lanfranchi et al. ,2019; Freitas, 2010). Deste modo, percebe-se uma complexidade de interconexões nas trajetórias de vida dos sujeitos que permitem refutar os modelos que entendem as trajetórias dos sujeitos como “uma cronologia ordenada, uma personalidade coerente e estável, ações sem inércia e decisões sem incertezas” (Levi, 2006, p. 169 *apud* Freitas, 2010, p.91).

Processos de idas e vindas das ruas compõe essas trajetórias e indicam que as transições que configuram a situação de rua apontam para a multidimensionalidade e multicausalidade que provocam o “viver na e das ruas”. Dentre os principais fatores apresentados pelos entrevistados, se destaca a fragilização ou ruptura de vínculos, o desemprego e o uso abusivo de drogas. Esses fatores estão interconectados com o processo de desvinculação das dimensões relacionadas à família, ao trabalho e às representações culturais da cidadania, que caracterizam a exclusão social a trajetória de vida nas ruas e representam uma série de situações extremas de ruptura de relações familiares e afetivas, que implica num conjunto de perdas de bens e valores objetivos e simbólicos (Lanfranchi *et al*., 2019).

Constatou-se pela pesquisa que falar em vivência nas ruas é também falar de violências, até mesmo porque a situação de rua é considerada um tipo de violação de direitos (Brasil,2011). Vale ressaltar que o termo violências foi utilizado considerando que implica numa pluralidade. Foi possível constituir um esquema com as principais situações de violência e vulnerabilidades vivenciadas pela população em situação de rua. Percebeu-se que as violências se apresentam tanto como causa quanto como consequência da situação de rua, demonstrando um caráter de transversalidade.

Foi possível resgatar o fato de que a violência se revela como um componente sócio-histórico da realidade brasileira, sublinhado pela escravidão (Brito et al., 2022). Nessa direção, foi possível verificar a centralidade do racismo estrutural. Os dados do CECAD permitiram identificar que a maioria da população em situação de rua é do sexo masculino, de cor parda e negra, com faixa etária em fase adulta, que possui baixa escolaridade e vivenciam situação de extrema pobreza, utilizando das políticas públicas para obter auxílio governamental para garantia de sua sobrevivência. Ao analisar esses dados percebemos que esses estão interconectados e refletem a questão da interseccionalidade entre raça, classe e gênero que está envolta no processo de configuração das trajetórias. Isto porque a baixa escolaridade, pode estar relacionada ao racismo estrutural, assim como a dificuldade de inserção no mercado de trabalho. Isto evidencia o conceito da teoria do curso de vida de desvantagem acumulativa.

Foi possível observar que os rótulos acumulados no início da vida podem excluir oportunidades posteriores, como exclusão de empregos lucrativos, ensino superior ou um casamento vantajoso (Moffitt ,1993). Nessa direção, o elemento do estigma é um fator que configura uma barreira para a saída da situação de rua, situação que é mais agravada quando também é atribuído o estigma por fatores criminógenos. Além do que, há uma intensificação do processo estigmatizador quando o indivíduo possui uma trajetória relacionada à criminalidade.

A criminalização e a estigmatização está relacionada as questões de racismo estrutural, aporofobia, machismo, etc. Especialmente pelo fato de que o Estado social brasileiro possuir um histórico de tratar a questão social como questão de polícia. Isto se revela no fato de que o campo da pesquisa evidenciou que para aqueles indivíduos que possuem uma trajetória criminal, é possível observar um

tempo curto de aprisionamento e por infrações penais de menor potencial ofensivo. Tal dado corresponde aos dados de pesquisas anteriores que identificaram pessoas em situação de rua com histórico de detenção, e que dentre os motivos se acentuam os crimes de pequeno potencial ofensivo e relacionados a propriedade (Prather,2010; Karam, 2015; Pimenta, 2019).

Deste modo, podemos dizer que o percurso “crime-prisão-liberdade-crime” se caracteriza num processo de busca de sobrevivência à “barbárie social”” (Ferreira, 2011, p. 514). Haja vista que há uma finalidade de produção de “descartáveis”, podendo fazer compreender assim que “a improdutividade do sistema penitenciário é produtiva! Produz sujeitos objetiva e subjetivamente sequelados e por isso de alguma forma produz a reincidência criminal e assim amplia os índices de violência urbana” (Carvalho Filho, 2006, p. 9 *apud* Ferreira, 2011, p. 519).

Diante dos resultados obtidos pela pesquisa é possível aferir que o processo de configuração da situação de rua contém reflexos de uma estrutura permeada pelos marcadores de desigualdade social como a raça, gênero e classe, que acarreta numa divisão racial dos espaços e incide principalmente na vida da população negra e pobre por meio de atravessamentos racistas, machistas e aporofóbicos. Consequentemente, se revela o caráter da transversalidade da violência que compõe as trajetórias de vida de quem utiliza dos espaços públicos para moradia e sobrevivência. Por fim, vale dizer que se espera que a pesquisa contribua para ampliação do arcabouço teórico acerca da temática em questão. E destaca-se que a pesquisa não tem como pretensão esgotar o debate, mas sim ampliá-lo.

## REFERÊNCIAS

APOROFOBIA. *In*: VOCABULÁRIO Ortográfico da Língua Portuguesa. Disponível em: https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/aporofobia. Acesso em: 30 maio 2023.

ALCANTARA**,** Stefania Carneiro de; ABREU, Desirée Pereira de; FARIAS, Alessandra Araújo. Pessoas em Situação de Rua: das Trajetórias de Exclusão Social aos Processos Emancipatórios de Formação de Consciência, Identidade e Sentimento de Pertença. **Revista Colombiana de Psicologia**, Bogotá, v. 24, n. 1, p. 129-143, jan.-jun. 2015. Disponível em: http://www.scielo.org.co/pdf/rcps/v24n1/v24n1a09.pdf. Acesso em 10 abr. 2023.

ALVAREZ, Aparecida Magali de Souza; ALVARENGA, Augusta Thereza de; RINA, Silvia Cristiane de S. A. Della. Histórias de Vida de Moradores de Rua, Situações de Exclusão Social e Encontros Transformadores. **Saúde Soc**. São Paulo, v.18, n.2, p.259-272, 2009. Disponível em: https://www.scielo.br/j/sausoc/a/6rDKDksWfT8LS6L65tmhGQq/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 10 mar. 2022.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Título original: L´analyse de contenu.Presses Universitaires de France, 1977. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Edições 70. Lisboa/ Portugal. Distribuidor no Brasil: Livraria Martins Fontes, São Paulo.

BLANCO, Mercedes. El enfoque del curso de vida: orígenes y desarrollo. **Revista Latinoamericana de Población**, Asociación Latinoamericana de Población, Organismo Internacional.Buenos Aires, vol. 5, núm. 8, pp. 5-31, enero-junio, 2011. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/3238/323827304003.pdf.Acesso em: 20 out. 2021.

BRASIL. Decreto Nº 7.053 de 23 de dezembro de 2009. Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Decreto/D7053.htm. Acesso em: 21 set. 2020.

BRASIL,2009. **Rua aprendendo a contar:** Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua. Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Social: Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação: Secretaria Nacional de Assistência Social, 2009.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Renda e Cidadania e Secretaria Nacional de Assistência Social. **Orientações Técnicas: Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua** – Centro Pop. SUAS e População em Situação de Rua, Volume 3, Brasília, 2011.

BRASIL. Portaria nº 2.927, de 26 de agosto de 2021. Institui o Projeto Moradia Primeiro no âmbito do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Disponível em: https://www.gov.br/mdh/pt-br/acesso-a-informacao/institucional/portarias/portaria-no-2-927-de-26-de-agosto-de-2021. Acesso em: 8 nov. 2022.

BRASIL. Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984. Institui a Lei de Execução Penal. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7210.htm. Acesso em: 5 maio 2021.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social – SNAS. **Tipificação Nacional de Serviços socioassistenciais**, Reimpressão 2014. Disponível em: https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Normativas/tipificacao.pdf. Acesso em 01 de dezembro de 2021.

BRASIL. Lei Orgânica da Assistência Social. Dispõe sobre a organização da Assistência Social e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8742.htm. Acesso em: 02 abr. 2023.

BRITO, Cláudia; SILVA, Lenir Nascimento da. População em situação de rua: estigmas, preconceitos e estratégias de cuidado em saúde. **Ciência & Saúde Coletiva,** 27(1):151-160, 2022.Disponível em: https://www.scielo.br/j/csc/a/7LPJ5Lk7TZkZSG9fnprTPyg/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 15 dez. 2022.

BRITO, Rayssa Modesto de Souza; SOUSA, Samyla Fernandes de; BARROS, João Paulo Pereira; XIMENES, Verônica Morais. **População em situação de rua e seus entrelaçamentos com a violência e a segurança.** IN: XIMENES, Verônica Morais; ESMERALDO, Andrea Ferreira Lima; FILHO, Carlos Eduardo Esmeraldo. Viver nas ruas: trajetórias, desafios e resistências. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora,2022.p. 419-435.

BRITTEN, Nicky. Entrevistas qualitativas na pesquisa em atenção à saúde. In: POPE, Catherine e MAYS, Nicholas. **Pesquisa qualitativa em saúde**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

CARNEIRO, Karine Gonçalves. Perigosos ou úteis? Os moradores de rua e a produção do espaço urbano em Belo Horizonte e Bogotá.**Civitas**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 45-61, jan.-abr. 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/j/civitas/a/q8fSqytXbkSz8rcMPGMjwrs/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 15 jul. 2021.

CASTELEIRA, Rodrigo Pedro. Pandemia, racialidade e homens negros em situação de rua. **RIDH**/ Bauru, v. 10, n. 1, p. 85-95, jan./jun., 2022. Disponível em: https://www2.faac.unesp.br/ridh3/index.php/ridh/article/view/130/62. Acesso em: 28 dez. 2022.

COLDIBELI, Larissa Pimenta; PAIVA, Fernando Santana de; BATISTA, Cássia Beatriz. **Gênero, pobreza e políticas públicas nas trajetórias de mulheres em**

**situação de rua.** IN: XIMENES, Verônica Morais; ESMERALDO, Andrea Ferreira Lima; FILHO, Carlos Eduardo Esmeraldo. Viver nas ruas: trajetórias, desafios e resistências. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2022.p.285-308.

CONTAGEM. Atlas escolar,histórico, geográfico e cultural do Município de Contagem, estado de Minas Gerais. Disponível em: https://www.contagem.mg.gov.br/arquivos/comunicacao/atlascontagem.pdf. Acesso em 26 de dezembro de 2022.

DaMATTA, Roberto. ***A casa e a rua:*** espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DIAS, André Luiz Freitas; BORGES, Ariana Oliveira; CUNHA, Bárbara El-Dine Breguez; CASTRO, Breno Pedercini; CAMPOS, Julia Álvares; CARVALHO, Maria Cecília Alvarenga; MARTINS, Vivian Barros. **À margem da cidade: trajetórias de invisibilidade e exclusão de travestis em situação de rua**. Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia, 8 (2), Edição Especial, dezembro, 2015, 214 - 233.

ELDER, Glen H. Jr. **Perspectives on the life course**. Cap.1 p. 23-49. Disponível em: http://faculty.washington.edu/matsueda/courses/401D/Readings/Elder.pdf. Acesso em 06 de agosto de 2021.

ELIAS, Nobert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução: Vera Ribeiro. Editora: Zahar.

ESMERALDO, Andréa Ferreira Lima; XIMENES, Verônica Morais. **Ser e Resistir: modos de vida de mulheres em situação de rua.** IN: XIMENES, Verônica Morais; ESMERALDO, Andrea Ferreira Lima; FILHO, Carlos Eduardo Esmeraldo. Viver nas ruas: trajetórias, desafios e resistências. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2022.p 139-159.

FARIAS, Sandra Martins; GOMES, Marcella Furtado de Magalhães; ALMEIDA, Eduarda Lorena de. **Proteção, Promoção e Reparação dos Direitos dos Cidadãos em Situação de Rua** V.04.Belo Horizonte: Marginália Comunicação, 2016.

FARRINGTON, David P. **Developmental and life-course criminology: key theoretical and empirical issues- the 2002 sutherland award address.** Criminology, volume 41, number 2, 2003.

FÉLIX-SILVA, Antônio Vladimir;SILVA, Ana Alice Pinheiro da; SOUZA, Emanuelly Cristina de; SALES, Rita de Cassia Martins. **Cartografia dos modos de sujeição e resistência das pessoas em situação de rua.** Vozes, imagens e resistências nas ruas: a vida pode mais! Organizado por Maria Teresa Nobre, Ana Karenina Arraes Amorim, Fernanda Cavalcanti de Medeiros, Anna Carolina Vidal Matos. Natal, EDUFRN, 2019, p. 162-195.

FERREIRA, Angelita Rangel. **Crime-prisão-liberdade-crime: o círculo perverso da reincidência no crime.** Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 107, p. 509-534, jul./set. 2011.

FIGUEIREDO, Eduardo Henrique Lopes de; GUERRA, Daniela de Lima Ranieri. **Da população em situação de rua: a criminalização do invisível.** RIPE – Revista do Instituto de Pesquisas e Estudos, Bauru, v.50, n.66, p.160-176, jul./dez. 2016.

FREITAS, Rilda Bezerra. **O ato de matar em trajetórias juvenis trocas e negociações identitárias de meninas envolvidas na prática de homicídio.** Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Ciências Socais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2010.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** 4ª edição. Tradução: Mathias Lambert. Data da Digitalização: 2004. Data Publicação Original: 1891.

GOFFMAN, Erving . **Manicômios, prisões e conventos.** São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1974.

GONZALEZ, Lélia;HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Março Zero,1982)

HIRATA, Helena. **Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais.** Tempo Social [online]. 2014, v. 26, n. 1 pp. 61-73. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0103-20702014000100005. Acesso em: 28 set. 2021.

HOLANDA, Jorge Garcia de.**Se virando no sistema da rua: Moradores de rua, conceitos e práticas**. Civitas, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 28-44, jan.-abr. 2019

IAMAMOTO, Marilda Villela. **O serviço social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional.** 23 ed. São Paulo, Cortez, 2012.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Estimativa da população em situação de rua no Brasil (setembro de 2012 a março de 2020)**. Nº 73, junho de 2020. Disponível em https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/200612_nt_disoc_n_73.pdf. Acesso em 01 de outubro de 2020.

JR,GLEN H. ELDER. Perspective on the life course. Disponível em Elder.pdf (washington.edu) Acesso em: dez. 2022.

KARMALUK, Clara; LANSKY, Sônia; PARIZZI, Márcia; BATISTA, Gláucia; ALMEIDA, Egídia;DAIS, André Luiz Freitas; NATIVIDAD, Cláudia; GOMES, Bruno Pedralva. **De quem é este bebê?¹: Movimento social de proteção do direito de mães e bebês juntos, com vida digna!** Saúde em Redes. 2018; 4(Supl.1):169-189

KARAM, Bruno Jaar. **O egresso prisional em situação de rua no Estado de São Paulo**. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/17755/1/Bruno%20Jaar%20Karam.pdf. Acesso em 18 de setembro de 2020.

KUNZ, Gilderlândia Silva; HECKERTI, Ana Lucia. CARVALHO, Silvia Vasconcelos. **Modos de vida da população em situação de rua: inventando táticas nas ruas de Vitória/ES**.Fractal, Rev. Psicol., v. 26 – n. 3, p. 919-942, Set./Dez. 2014.

LAHIRE, Bernard. **Esboço do programa científico de uma sociologia psicológica.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 34, n.2, p. 373-389, maio/ago. 2008.

LANFRANCHI, Carolina Teixeira Nakagawa; FERREIRINHO, Viviane Canecchio. **Socialização e poder no campo das pessoas em situação de rua na cidade de São Paulo.** Civitas, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 62-81, jan.-abr. 2019

MACHADO, Thayse. **População em situação de rua e sociedade: uma relação marcada por preconceito e estigma.** Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Serviço Social.FLORIANÓPOLIS/SC, 2014.

MARQUES, Lorena Silva; COSTA, José Hermógenes Moura da; GOMES, Marla Marcelino; SILVA, Martha Malaquias da. **Saberes, territórios e uso de drogas: modos de vida na rua e reinvenção do cuidado**.Ciência & Saúde Coletiva, 27(1):123-132, 2022.

MARX, Karl. O capital: crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital. Tradução: Rubens Enderle. Editorial Boitempo. Acesso em https://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/livros-e-colecoes/marx-e-engels/o-capital-livro-1.pdf em 17 de agosto de 2022.

MELO, Ana Paula Souto; LIMA, Eduardo de Paula; BARROS, Fabiana Cristina Ribeiro de; CAMELO, Lidyane do Valle;GUIMARÃES, Mark Drew Crosland.**Pacientes psiquiátricos em situação de rua e encarceramento no Brasil.** Ciência & Saúde Coletiva, 23(11):3719-3733, 2018

MISSE, Michel. Dizer a violência. Rev. Katál. Florianópolis v. 11 n. 2 p. 165-166 jul./dez. 2008

MOFFITT, Terrie E. **Adolescence-limited and life-course-persistent antisocial behavior: a developmental taxonomy.** Psychological review, v. 100, n. 4, p. 674, 1993.

MOURA JR., J. F., XIMENES, V. M. y SARRIERA, J. C. (2013). **Práticas de discriminação às pessoas em situação de rua: histórias de vergonha, de humilhação e de violência em Fortaleza, Brasil.** Revista de Psicología, 22(2), 18-28. doi: 10.5354/0719-0581.2013.30850

NATALINO, Marco. **Estimativa da população em situação de rua no brasil (2012-2022)**. Nota Técnica. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), 1ª Edição, Brasília, 2022.

NETO, *Elias Figueiredo.* **População em Situação de Rua: diálogo entre o ser, o estar e as políticas públicas diante do contexto de caos pandêmico da COVID-19 no Brasil.** Viver nas ruas: trajetórias, desafios e resistências / Organização de Verônica Morais Ximenes, Andrea Ferreira Lima Esmeraldo, Carlos Eduardo Esmeraldo Filho - Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2022.p.85-100.

NGUYEN, Holly; LOUGHRAN, Thomas A. **On the measurement and identification of turning points in criminology.** Annual review of criminology, v. 1, p. 335-358, 2018.

NOBRE, Maria Teresa; MORENO, Nicole Silva; AMORIM, , Ana Karenina de Melo Arraes; SOUZA, Emanuelly Cristina de. **Narrativas de modos de vida na rua: histórias e percursos**. Psicologia & Sociedade, 30, e175636, 2018.

OLIVEIRA, Lucas Caetano Pereira De. **Trajetórias infracionais na adolescência.** Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais, sob a orientação do Prof. Bráulio Figueiredo Alves da Silva, Belo Horizonte, 2020.

PIQUERO, Alex R. **What we know and what we need to know about developmental and life-course theories**. Australian & New Zealand Journal of Criminology, v. 48, n. 3, p. 336-344, 2015.

PRATHER, Sarah McKenzie. **The Criminalization of homelessness.** Theses, Dissertations, Professional Papers, and Capstones. 12.2010.

PIMENTA, Melissa de Mattos. **Pessoas em situação de rua em Porto Alegre Processos de estigmatização e invisibilidade social**. Civitas, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 82-104, jan.-abr. 2019

RIBEIRO, Carlos Antonio Costa (2006). “Classe, raça e mobilidade social no Brasil”. *Dados – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, 49(4): 833-873.

ROBAINA, Igor Martins Medeiros. **Entre mobilidades e permanências: uma análise das espacialidades cotidianas da população em situação de rua na área central da cidade do Rio de Janeiro.** Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.2015

Rodrigues, Igor de Souza. **A construção social do morador de rua: O controle simbólico da identidade (dissertação).** Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora/ MG, Brasil, 2015.

SAMPSON, Robert J.; LAUB, John H. **Shared Beginnings, Divergent Lives – Delinquent Boys to Age 70**. Editora: Harvard University Press (3 março 2006)

SAMPSON, Robert J.; LAUB, John H. **A life-course view of the development of crime**. The Annals of the American Academy of Political and Social Science, v. 602, n. 1, p. 12-45, 2005.

SERAFINO, Irene; LUZ, Lila Cristina Xavier. **Políticas para a população adulta em situação de rua:questões para debate**. R. Katál., Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 74-85, jan./jun. 2015

SICARI, Aline Amaral**. A cidade, a rua, as pessoas em situação de rua: (in)visibilidades e a luta por direitos.**Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção de grau de Mestre em Psicologia, Área de Concentração "Práticas Culturais e Processos de subjetivação", Linha de Pesquisa "Relações éticas, estéticas e processos de criação". Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Mestrado, Centro de Filosofia e Ciência Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2018.

SICARI, Aline Amaral; ZANELLA, Andrea Vieira. **Pessoas em Situação de Rua no Brasil: Revisão Sistemática.** Psicologia: Ciência e Profissão Out/Dez. 2018 v. 38 n°4, 662-679.

SOUSA, Adrielly Pereira; MACEDO, João Paulo. **População em Situação de Rua: Expressão (Im)pertinente da "Questão Social**". Psic.: Teor. e Pesq., Brasília, 2019, v. 35, e35510

TEIXEIRA, Mirna Barros; BELMONTE, Pilar;ENGSTROM,Elyne Montenegro; LACERDA, Alda. **Os invisibilizados da cidade: o estigma da População em Situação de Rua no Rio de Janeiro.**Saúde debate | rio de janeiro, v. 43, n. especial 7, p. 92-101, dez 2019

TEIXEIRA, Ernesto Furst. **PARTICIPAÇÃO DAS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA EM CRIMES VIOLENTOS NO HIPERCENTRO DE BELO HORIZONTE, COMO VÍTIMAS E AGENTES: um estudo dos Registros de Eventos de Defesa Social (REDS) da Polícia Militar de Minas Gerais, nos anos de 2009 e 2010.** (Monografia- curso de especialização em segurança pública) – Fundação João Pinheiro, Belo Horizonte, 2011. Disponível em: http://monografias.fjp.mg.gov.br/bitstream/123456789/1812/1/Participa%c3%a7%c3%a3o%20das%20pessoas%20em%20situa%c3%a7%c3%a3o%20de%20rua%20em%20crimes%20violentos%20no%20hipercentro%20de%20Belo%20Horizonte%20como%20v%c3%adtimas%20e%20agentes.pdf. Acesso em 14 de setembro de 2020.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso Editora, 2016

APÊNDICE A - Termo de consentimento livre e esclarecido

Você está sendo convidado/a como voluntário/a a participar da pesquisa intitulada “**Pessoas em situação de rua egressas do sistema prisional: análise acerca de trajetórias**”. Pedimos a sua autorização para uma entrevista que será gravada e transcrita. A utilização das suas informações está vinculada somente a este projeto de pesquisa ou, caso concorde, também poderá ser utilizado em outros futuros. Nesta pesquisa pretendemos identificar como se configurou a situação de rua na trajetória dos egressos prisionais. Para esta pesquisa adotaremos os seguintes procedimentos: Entrevistas gravadas e transcritas de pessoas em situação de rua com duração de, aproximadamente, 50 minutos. Deste modo, são compromissos dos pesquisadores e seus direitos:

- A disponibilização da transcrição da entrevista para sua leitura quando desejar, os dados e informações coletadas serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos, seminários;

-A sua identificação não será revelada em nenhuma hipótese;

- É livre a interrupção da sua participação na pesquisa a qualquer momento, bem como a solicitação da posse da gravação e transcrição das entrevistas;

- Qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante a sua autorização;

-Os dados coletados serão guardados por 5 anos, sob a responsabilidade do coordenador da pesquisa Professor Bráulio Figueiredo Alves da Silva – DSO/UFMG e da pesquisadora, a aluna do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais, Juliana de Almeida Evangelista Barone, matrícula nº 2020656374 e após esse período, serão destruídos.

A pesquisa apresenta como possíveis desconfortos e riscos decorrentes da participação: a lembrança de momentos traumáticos e íntimos e danos emocionais. Por este motivo será garantido um local reservado para a entrevista e você tem total liberdade para não responder as questões que considere constrangedoras ou que lhe cause algum desconforto, bem como encerrar a entrevista quando lhe convier, sem nenhum prejuízo por essa decisão. Esclarecemos que em caso de danos provenientes da pesquisa, você poderá buscar indenização nos termos da Res.466/12. Os benefícios desse estudo consistem no fato de que ele poderá

possibilitar reflexões para a melhoria das políticas públicas voltadas as pessoas em situação de rua e aos egressos do sistema prisional por meio da análise das trajetórias.

A sua participação não implica em nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar a qualquer tempo e sem quaisquer prejuízos, pode retirar o consentimento de guarda e utilização da entrevista gravada, valendo a desistência a participar da data de formalização desta. A sua participação é voluntária, e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que você é atendido/a pela pesquisadora, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados obtidos pela pesquisa, a partir de sua contribuição, estarão à sua disposição quando finalizada. Você não será identificado/a em nenhuma publicação que possa resultar.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pela pesquisadora responsável, no endereço Avenida Presidente Antônio Carlos, nº 6627, Pampulha – Unidade Administrativa III (UFMG), telefones (31) 3409-6310 / 3409-6306 e a outra lhe será fornecida. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resoluções Nº 466/12; 441/11 e a Portaria 2.201 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares), **utilizando as informações somente para fins acadêmicos e científicos.**

Eu, _____, fui informado/a dos objetivos, métodos, riscos e benefícios da pesquisa “**Pessoas em situação de rua egressas do sistema prisional: análise acerca de suas trajetórias**”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar, se assim o desejar.

Declaro que concordo em participar desta pesquisa. Recebi uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por mim e pela pesquisadora, que me deu a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

_____ _____

Nome completo do participante Data

_____

Assinatura do participante

**Nome completo do Pesquisador Responsável**: Bráulio Figueiredo Alves da Silva

Endereço: Avenida Presidente Antônio Carlos, nº 6627, Pampulha-Unidade Administrativa III (UFMG)

CEP: 31270-901/ Belo Horizonte – MG

Telefones: (31) 3409-6310 / 3409-6306.

E-mail: braulio.fas@gmail.com

_____ _____

Assinatura do pesquisador responsável Data

**Nome completo da Pesquisadora:** Juliana de Almeida Evangelista Barone

Endereço: Avenida Presidente Antônio Carlos, nº 6627, Pampulha-Unidade Administrativa III (UFMG)

CEP: 31270-901/ Belo Horizonte – MG

Telefones: (31) 3409-6310 / 3409-6306.

E-mail:julianadealmeidaevangelista@yahoo.com.br

_____ _____

Assinatura da pesquisadora (mestranda) Data

**Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:**

**COEP-UFMG - Comissão de Ética em Pesquisa da UFMG**

Av. Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005.

Campus Pampulha. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901.

E-mail: coep@prpq.ufmg.br. Tel: 3409-4592.

APÊNDICE B - Roteiro de entrevista semiestruturada

Apresentação da pesquisadora; Esclarecimentos preliminares conforme TCLE com os objetivos da pesquisa, riscos e benefícios. Assinatura do TCLE; Agradecimento pela disponibilidade em participar da pesquisa.

Nome fictício: _____

1.**PERFIL DOS ENTREVISTADOS**

SEXO: ( ) MASCULINO ( ) FEMININO
GÊNERO: _____
ORIENTAÇÃO SEXUAL: _____

IDADE: _____

COR/RAÇA: ( ) PRETA ( ) PARDA ( ) BRANCA ( ) AMARELA ( ) INDÍGENA

ESCOLARIDADE:
( ) NÍVEL FUNDAMENTAL INCOMPLETO
( ) NÍVEL FUNDAMENTAL COMPLETO
( ) NÍVEL MÉDIO INCOMPLETO
( ) NÍVEL MÉDIO COMPLETO
( ) NÍVEL SUPERIOR INCOMPLETO
( ) NÍVEL SUPERIOR COMPLETO
( ) ESPECIALIZAÇÃO
( ) MESTRADO
( ) DOUTORADO
( ) PÓS DOUTORADO
( ) NÃO ESTUDOU

VOCÊ EXERCE ALGUM TRABALHO/OCUPAÇÃO? _____

## 3. RELAÇÃO COM A RUA

O QUE TE LEVOU PARA A SITUAÇÃO DE RUA?
(Identificar a primeira vez que foi para a rua, idade, relação com familiares e amigos; Como se configurou a permanência nas ruas?)

QUANTO TEMPO VOCÊ TEM DE PERMANÊNCIA NAS RUAS?

QUAIS AS ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA NAS RUAS QUE VOCÊ UTILIZA?
(procurar entender a capacidade agentiva do sujeito)

COM QUEM VOCÊ PODE CONTAR HOJE EM DIA?

COMO É SUA RELAÇÃO COM AS OUTRAS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA?
(relação com os pares/ rede de solidariedade)

ME CONTE SOBRE SUA RELAÇÃO COM SUA FAMÍLIA?

QUAIS AS PRINCIPAIS RUPTURAS QUE VOCÊ IDENTIFICA NESSA TRANSIÇÃO/ MOMENTO DE IDA PARA AS RUAS?
(Rupturas de convívio, trabalho, educação, rotinas...)

O QUE VOCÊ CONSIDERA QUE É IMPORTANTE PARA A SAÍDA DAS RUAS?
(Identificar se surge aspectos micro e macroestruturais)

**3.RELAÇÃO COM O SISTEMA PRISIONAL**

VOCÊ JÁ FOI PRESO?

POR QUANTO TEMPO?

QUAL TIPO DE CRIME E O TEMPO EM QUE SAIU DA PRISÃO?

(Tipo de crime; se cometeu com grupo de amigos; verificar se consegue identificar o que motivou a cometer o crime;
Em caso de egresso do sistema prisional, identificar se a ida para as ruas se correlaciona com a saída da prisão;
Verificar se cometeu ato infracional e se cumpriu medida socioeducativa; se houve medida e não cumpriu e por quê?)

COMO FOI A EXPERIÊNCIA NA PRISÃO E A RELAÇÃO DENTRO E FORA?

TEM ALGUMA COISA QUE EU NÃO PERGUNTEI, MAS QUE VOCÊ QUEIRA FALAR?